

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS
CURSO DE MESTRADO**

KARLA CRISTIANE PINTAR

A CIDADE DAS DAMAS: a construção de um ideal

**UBERLÂNDIA-MG
2016**

KARLA CRISTIANE PINTAR

A CIDADE DAS DAMAS: a construção de um ideal

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção de título de Mestre em Estudos Literários, na área de concentração: Estudos Literários, linha de pesquisa 1: Literatura, Memória e Identidades, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Suzana Moreira do Carmo e coorientação da Prof.^a Dr.^a Fani Miranda Tabak.

**UBERLANDIA-MG
2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

P659c Pintar, Karla Cristiane, 1991-
2016 A cidade das damas [recurso eletrônico] : a construção de um ideal /
Karla Cristiane Pintar. - 2016.

Orientadora: Maria Suzana Moreira.
Coorientadora: Fani Miranda Tabak.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.703>
Inclui bibliografia.

1. Literatura. I. Moreira, Maria Suzana, 1962- (Orient.). II. Tabak,
Fani Miranda, 1972- (Coorient.). III. Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. IV.
Título.

CDU: 82

Gerlaine Araújo Silva - CRB-6/1408

À pedra inaugural de meu Império:

À Vovó Zezé, minha mãe duas vezes, a primeira base sólida de minha vida, a Rainha de meu Império, que agora reina e olha por mim, nos Sagrados Campos, junto aos anjos.

Meu primeiro e imenso agradecimento à senhora que, infindáveis vezes, ao meu lado, sorriu e me estimulou a seguir adiante, mesmo com os percalços da vida. À senhora que me foi o maior exemplo de mulher virtuosa, sábia, leal e guerreira. Obrigada, querida e eternamente amada Vovó!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e, com ele, pela perfeição física e intelectual.

A construção de meu Império:

À mamãe, minha Dama Justiça, exemplo de perseverança, de honra e de amor. A ela que se dispôs em ser mãe e, assim, permitiu minha vinda para este mundo. Obrigada pela fé na vida, na felicidade! Obrigada por ter sido minha companheira em todos os meus passos e me dando a certeza, todos os dias, de que você sempre será minha luz!

Ao papai, meu Mestre em garra, valentia e bravura. Obrigada pelo imenso amor, pelo grande homem que é, pela fortaleza que ergue perante as dificuldades da vida e, contra elas, protege nossa família de todos os males. Obrigada pelo maior e mais belo símbolo de pai!

Ao meu irmão Cícero, meu escudeiro e protetor de meu Império. Ao meu eterno companheiro nas batalhas, ao meu exemplo de lealdade, bondade, sinceridade e honra. Obrigada, meu irmão, por suportar algumas crises fraternais, por ser meu grande amigo e confidente!

A toda minha família, exemplo de persistência e alegria. Obrigada por fazerem parte da minha vida e complementarem o que sou. Obrigada pelos exemplos!

À minha coorientadora Dr.^a Fani Miranda Tabak, Dama Razão, por quem tenho imenso carinho e admiração, que vem me retirando da cegueira desde meus tempos de graduanda e que me acompanha, como mestre e amiga, por diversos caminhos. Meus sinceros e mais profundos agradecimentos, mais uma vez e sempre, pelas perguntas feitas, pelos questionamentos que me levaram e me levam a curiosidades e respostas. Sem você, muitas verdades estariam, ainda, escondidas.

À minha orientadora Dr.^a Maria Suzana Moreira do Carmo, Dama Retidão, quem me acolheu no programa de Mestrado sem mostrar obstáculos, quem me encorajou a seguir adiante e apoiou meu trabalho, mesmo diante de muitas dificuldades. Obrigada por ser exemplo desse caminho constante, independentemente de empecilhos, obrigada pelas ideias, pelos apontamentos, pelas leituras, pelos sorrisos animadores e espontâneos. Obrigada, querida Suzana!

Aos meus grandes amigos, meus mais fiéis escudeiros, e alguns deles mecenas, que confiaram em meu trabalho e me ajudaram a seguir em frente. Não há palavras que posso usar para agradecer-lhes por todos os abraços, palavras sábias de coragem e amor.

Obrigada pelas singularidades de cada um e poder, com elas, banhar-me para, todos os dias, tornar-me uma pessoa mais honrada. Em especial, obrigada Letícia, Taís, Ana Júlia, Raquel, Camila, Carol e Adriano, pelos ombros que, muitas vezes, suportaram mais que eu mesma meus próprios pesares. Seria extremamente difícil sem vocês. Admiro a todos por cada particularidade que carregam.

À minha professora de francês, Maria Angélica, por todos os ensinamentos dessa língua que é a base para meu trabalho! Agradeço pela paciência e por ser exemplo de excelência no ensino! *Merci beaucoup, ma chère amie et professeur!*

Obrigada ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia e a todos os professores por me mostrarem novos caminhos, novas reflexões e por permitirem, em suas aulas, que pudesse ter voz e afirmar que esse é um direito meu.

A todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a execução deste trabalho: aos colegas de Mestrado, àqueles que me acolheram em Uberlândia e me ajudaram com o que precisei. Meus mais sinceros agradecimentos!

RESUMO

A Idade Média constitui amplo campo de pesquisa ainda a espera de exames mais minuciosos. Em meio a certa resistência frente a esses estudos, autores dessa época, que, hoje, poderiam ter sido apresentados ao público letrado, encontram-se ainda, lamentavelmente, na penumbra, a despeito dos esforços daqueles que se dispuseram à árdua trajetória dos estudos do Medievalismo. Nesse contexto, está inserida Christine de Pizan, autora francesa do século XV que pauta sua escrita na questão da condição feminina, tanto social quanto intelectual, na sociedade da Idade Média Europeia. Sabendo-se que a mulher, nesse período, era silenciada dentro de uma organização basicamente instituída pelo patriarcado, a autora, privilegiada pelos conhecimentos das Ciências e Letras, propõe-se a discutir questões que, contrariando a imagem da mulher como somente um ser restrito aos afazeres do lar ou a trabalhos relacionados à criação de filhos, atribui valores à parte virtuosa do público feminino, digno de um intelecto tão abastado quanto dos considerados grandes homens da época. Em sua obra *A Cidade das Damas*, Christine de Pizan, com o auxílio de três Damas celestiais, propõe a criação de uma cidade cujo alicerce é o critério de alegoria, já que é nesse sentido que se configura o imaginário sobre a urbe ficcional que a autora nos apresenta. Embasando a criação desse espaço constituído somente por damas, surge a necessidade de analisarmos a constituição da multiplicidade de vozes dentro do texto, uma vez que Christine de Pizan elabora seu enredo de modo a permitir que, a partir de uma única voz (a da própria personagem Christine), outras mulheres, incluindo as Damas Celestiais, escapem ao silêncio que lhes é imposto pelas circunstâncias de seu entorno. Dentro dessa perspectiva, propomos analisar a obra supracitada observando-se as características da época, bem como as singularidades da autoria feminina em um contexto no qual perseverava o caráter misógino na construção de valores estéticos. Assim, a partir dos estudos históricos de medievalistas como Georges Duby, Jacques Le Goff, Paul Zumthor e Ernest Curtius, a escrita de Christine de Pizan será estudada de modo a revelar o processo de construção de uma personagem cuja voz se expande em pluralidade, dando corpo ao coletivo feminino de sua época.

Palavras-chave: Christine de Pizan; escrita feminina; alegoria; Medievalismo.

RESUME

Le Moyen Âge constitue un vaste domaine de recherche toujours en attente d'études plus approfondies. Face à une certaine résistance contre ces études, des auteurs de cette époque-là qui auraient pu être présentés au public lettré sont encore, malheureusement, dans l'ombre, malgré les efforts de ceux qui ont accepté le chemin ardu du Médiévisme. Dans ce contexte, c'est inséré Christine de Pizan, auteure française du XVe siècle qui fonde son écriture sur la question de la situation des femmes, autant sociale qu'intellectuelle, dans la société européenne du Moyen Âge. Sachant que la femme dans cette période était réduite au silence au sein d'une organisation essentiellement mise en place par le patriarcat, l'auteure, privilégiée par la connaissance des Sciences et des Lettres, se propose de discuter des questions qui, en opposition à l'image de la femme comme un être simplement réduit aux travaux domestiques ou liés à l'éducation des enfants, assigne des valeurs au vertueux public féminin, digne d'une intelligence aussi riche que celle de grands hommes de l'époque. Dans son oeuvre *La Cité des Dames*, Christine de Pizan, aidée par trois Dames célestes, propose la création d'une ville dont la fondation est le critère de l'allégorie, comme définit l'imaginaire de la cité fictionnelle présentée par l'auteure. En légitimant la création de cet espace qui n'est constitué que des dames, vient la nécessité d'analyser la constitution de la multiplicité des voix dans le texte, une fois que Christine de Pizan prépare son argument pour permettre que, à partir d'une seule voix (celle de Christine même), d'autres femmes, y compris les Dames célestes, échappent du silence qui leur est imposé par les circonstances de l'environnement. Dans cette perspective, nous proposons d'examiner l'oeuvre mentionnée ci-dessus en observant les caractéristiques de l'époque, tel que les singularités de l'auteure féminine dans un contexte où persiste le caractère misogynie dans la construction de valeurs esthétiques. Ainsi, à partir des études historiques de médiévistes comme Georges Duby, Jacques Le Goff, Paul Zumthor et Ernest Curtius, l'écriture de Christine de Pizan sera étudiée pour révéler le processus de construction d'un personnage dont la voix se développe dans la pluralité, donnant corps au collectif des femmes de son temps.

Mots-clé : Christine de Pizan ; écriture féminine ; allégorie ; Médiévisme.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – ESPAÇO IDEAL E SOCIEDADE LETRADA	8
1.1 Christine de Pizan na Idade Média: a educação que norteia a composição da obra.....	8
1.2 Adversativas: recorrência na edificação política e social da Cidade das Damas	24
CAPÍTULO 2 – A ALEGORIA: FUNDAMENTAÇÃO DO ESPAÇO IDEAL E SUA COMPOSIÇÃO.....	47
2.1 O belo e a criação alegórica: a voz no espaço real e as vozes no espaço idealizado	47
2.2 Pizan e Boccaccio: emulação pela necessidade da criação de um mundo de virtudes.....	73
CAPÍTULO 3 – AS DAMAS CELESTIAIS COMO PERFIL MORAL E ÉTICO.....	88
3.1 Das virtudes celestiais: mulheres virtuosas elaborando um tratado para o padrão social	88
3.2 O paradoxo da Cidade: o rechaço das mulheres imperfeitas e a reprodução do discurso repellido	101
CONCLUSÃO	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado partiu da concepção de um estudo inicial sobre autoria feminina na graduação. No terceiro ano acadêmico, foi-me apresentada a importância de se estudar a autoria feminina como forma de colocar em evidência diversas autoras que não tiveram seu nome ressaltado em decorrência de seu gênero e não de sua importância literária. Após a conclusão dos estudos sobre Clorinda Turner, escritora peruana do século XIX, acerca de sua obra *Aves sin nido*, conheci Christine de Pizan por intermédio da professora Dr. Fani Miranda Tabak, e decidi que, para a ampliação dos conhecimentos acerca da escrita de autoria feminina, contemplando os primeiros períodos históricos, seria interessante entender como se dava, em uma época e sociedade bastante distante da contemporaneidade, a escrita pelas penas femininas em um dos locais considerado o berço da literatura. Foi sob esse viés que surgiu o interesse em analisar mais a fundo “A Cidade das Damas” [*Le livre de la cité des dames*, 1405], escrito por Christine de Pizan, com tradução de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne, obra pertencente ao início do século XV.

Inicialmente, com o ingresso no mestrado sob a orientação da Dr.^a Maria Suzana Moreira do Carmo e coorientação da Dr.^a Fani Miranda Tabak, acompanhando-me desde a graduação, comecei uma jornada pelos estudos medievais, atualmente pouco recorrentes no Brasil. Como ainda uma leitora ingênua, acreditava em uma total submissão das mulheres na sociedade patriarcal na Idade Média, porém, com pesquisas mais criteriosas, principalmente com as leituras de Umberto Eco, Jacques Le Goff, Georges Duby e Ernst Curtius, compreendi a complexidade da vida no Medievo e sua composição social, econômica, religiosa e, por fim, artística, o que me levou a perceber, mais detalhadamente, o papel da mulher na sociedade, distanciando-me um pouco daquela primeira visão. O estudo primeiro sobre a história dessa sociedade foi de fundamental importância para a realização do trabalho, já que era necessário saber as posições ocupadas pelas mulheres e como eram vistas atuando dentro do contexto. Pluralizo, aqui, o termo “posição”, pois é preciso destacar que, assim como Christine de Pizan, outras mulheres eram privilegiadas com acesso aos estudos e às sociedades mais abastadas; da mesma maneira que existiam algumas poucas com essas oportunidades, muitas outras, diferentemente das primeiras, tinham acesso extremamente limitado ao conhecimento, quando o tinham.

Foi preciso, também, saber da atuação masculina no Medievo em seus vários atributos: pais, estudiosos, religiosos, reis, a fim de que pudesse entender como a sociedade era controlada e de que maneira a tradição como um todo era preservada. A partir disso, fiz os estudos sobre como a constituição da mulher como um ser dependente dos homens foi sendo memorizada e passada adiante e, mais importante, de que maneira Pizan tenta reconstruir essa visão pela escrita de suas obras. Isso sempre sob a visão de que, ainda com essas particularidades acentuadas no Medievo sobre algumas mulheres abastadas terem um espaço a mais na sociedade, o feminino era visivelmente marcado como uma parcela social sem muitos prestígios além daqueles mais conhecidos como os papéis de cuidadoras das casas e de pequenos serviços manuais, responsáveis pela boa criação dos filhos, equilíbrio do bem-estar do lar para uma convivência harmônica com o marido. Era essencial, portanto, questionar como, nesse meio, Christine de Pizan conseguiu elaborar sua escrita, já que todo seu arcabouço teórico se baseava nos preceitos patriarcais marmorizados na Idade Média. Essa dúvida norteou o trabalho e fez com que despertasse a curiosidade sobre como o pensamento dessa autora se ordenou para (re)analisar grandes expoentes da literatura e filosofia.

Sustentada por esse questionamento, afunilei os estudos para o reconhecimento de Christine de Pizan como mulher na Idade Média e como ela vivera nesse período. Durante os estudos, deparei-me com outras obras dessa mesma autora que discutiam temas semelhantes, como *Le Trésor de la Cité de Dames* e *Epistre au Dieu d'Amours*, este último colocando em dúvida os julgamentos imprecisos sobre as mulheres, julgamentos esses escritos por Jean de Meung, em *Roman de la Rose*, obra bastante respeitada pelo cânone literário. Christine de Pizan é proprietária de um vasto arcabouço teórico e isso faz com que ela tenha conhecimento suficiente para saber discorrer sobre diversos temas. No entanto o que é curioso é como Pizan conseguiu fazer com que suas obras, mostrando esse viés mais inclinado aos questionamentos que à aceitação do que era tradicionalmente preestabelecido, reverberassem nesse meio em que escrevia. Qual seria sua autonomia e autoridade para chegar a essa conquista enquanto mulher escritora?

Sabemos, hoje, que ainda há uma grande luta pelo reconhecimento das mulheres e pelo seu respeito perante a sociedade (ainda em moldes patriarcais). Compreender, então, que era possível conceber uma mulher escritora no século XV foi realmente uma tarefa instigante que fez assimilar diversas mudanças sociais durante o Medievo que interviam para o surgimento da escrita feminina e como elas, possivelmente,

originaram-se. Porém, além desse reconhecimento de uma mulher escritora e seu papel na sociedade, o que mais instigou foi a forma como ela se colocou como pertencente ao mundo letrado. Isso é marcante na obra analisada, pois a autora, aproveitando-se de sua maior familiaridade – e, como não dizer, oportunidade – com a leitura, como uma *femme des lettres*, retoma todo um contexto em que as mulheres estavam inseridas e, escrevendo o livro *A Cidade das Damas*, dá à personagem principal, Christine, seu nome e várias características que remetem à vida da autora. Não propomos, aqui, porém, um trabalho autobiográfico, mas fica evidente que Pizan se baseou em sua própria vida e condição para poder desenhar a personagem que norteará a obra a partir do momento em que conta como foi sua experiência para se chegar ao seu objetivo. Além dessa característica, Pizan também trabalha com a alegoria para a criação da Cidade ideal, onde as mulheres virtuosas poderiam dialogar livremente sobre o conhecimento como um todo e poderiam praticar a escrita e a arte sem a vigilância masculina. Nessa alegoria, cabe ressaltar a criação de Damas Celestiais para falar por outras mulheres que não tiveram voz diante da sociedade. Para isso, o estudo do livro *Arte e beleza na estética medieval*, de Umberto Eco, foi essencial na pesquisa, já que ele traça todo um panorama das concepções de arte para o contexto medieval, o que fez com que entendesse como Pizan poderia se apropriar dos elementos possíveis dentro do período do século XV.

Durante a pesquisa, verifiquei que não só a parte histórica e literária seriam importantes para a realização do estudo, mas também as questões políticas, já que, além de escritora, Pizan participou como copista e conselheira do príncipe ao longo de sua “carreira” como escritora. Pelos seus conhecimentos e grandes influências familiares (o pai fora convidado para ser físico do rei Carlos V), a autora se destacou nos tratados dos *Espelhos de Príncipe*, que orientavam um rei em suas condutas, para mostrar como agir em uma prudente e respeitável monarquia.

O final do período medieval, no qual se situava Pizan, foi bastante importante para decisões sociais e políticas, pois foi quando as mulheres começaram a ter um papel de mais destaque: as menos abastadas dividiam com os maridos os afazeres domésticos e executavam serviços que antes não eram permitidos a elas. Isso auxiliou para que, Christine de Pizan, filha de nobres e particularmente voltados ao campo das ciências, escrevesse seus textos e conseguisse um pequeno espaço, mas já com grande destaque, para divulgar suas ideias.

Digo destaque neste trabalho, pois, notoriamente, após a falência de sua família com a mudança de governo e morte do pai e do marido, Christine conseguiu sustentar os filhos com seu trabalho como escritora, em uma época com raras oportunidades para que isso ocorresse. As encomendas de obras na corte francesa eram muitas, e seus escritos evidenciavam uma mulher erudita e com um verdadeiro conhecimento da escrita. Sistematizando, pois, todos esses questionamentos que deveriam ser respondidos para contemplar o que propus apresentar ao longo do trabalho, a dissertação foi dividida em três capítulos com duas subdivisões cada um deles. Os tópicos, portanto, tratam desde a vida de Christine de Pizan, passando por sua familiaridade com a escrita, até a criação da obra e seus aspectos essenciais para o objetivo da autora ao edificar a Cidade.

No primeiro capítulo, é enfatizada a vida de Christine de Pizan desde seus primeiros anos, quando se muda da Itália para a França, até sua morte. Tracei, aqui, toda a sua trajetória quanto à vida particular, sua inclinação para os estudos e como chegou, com as adversidades da vida, a se tornar uma *femme des lettres*. O capítulo é subdividido em dois tópicos: o primeiro conta com os fatores que a levaram a ter contato íntimo com a escrita e como isso se aperfeiçoou durante o tempo. A importância em ressaltar essas questões da vida de Pizan é justamente para que o leitor entenda como, em meio à sociedade medieval, uma mulher pode se destacar como escritora, sendo que a maioria delas era submissa ao sistema vigente e era considerada incapaz de ter uma instrução adequada para chegar a ser um nome de importância dentro do contexto. Além disso, falo sobre a posição dos indivíduos dentro do reinado francês e quais os cargos que as pessoas ocupavam para o bom andamento social. Para isso, foram decisivas as considerações sobre a história de parte da Idade Média, principalmente aquela em que se encontrava Christine de Pizan, para a compreensão da época de escrita da autora e a fim de que não haja um olhar descontextualizado do que se objetiva com este trabalho. Adiante, é visto como Pizan conseguiu uma abertura social ao campo das letras, de maneira que pudesse divulgar suas obras e qual seu público. O segundo tópico trata das adversativas, técnica grandemente utilizada pela autora e que perpassa toda sua obra para refutar os discursos masculinos que inferiorizavam as mulheres e constrói, principalmente, a Cidade ideal. Dentre a seleção das adversativas na obra, algumas tiveram mais destaque, pois falam de autores mais renomados e, conseqüentemente, da audácia de Pizan ao reavaliar e ressignificar esses discursos de modo que eles não sejam uma negação do que foi dito (sempre prezando

pela prudência), mas sim a possibilidade de outras interpretações pelo leitor, da mesma maneira que teve Pizan. Além disso, dentro das adversativas, são tratados aspectos políticos e morais que conduziam as interpretações da autora, sabendo que ela primava, em demasia, pelos ensinamentos das Sagradas Escrituras. Ademais, para a boa organização política e moral da sociedade, são analisados, inclusive, os *Espelhos do Príncipe*, escritos na Idade Média para que o rei fosse o espelho de boa conduta para a sociedade. Pizan foi responsável por escrever diversos tratados como esses em sua época de conselheira do Príncipe e, por essa razão, a importância da análise da Cidade como um lugar em que a harmonia e os bons costumes reinavam. Neste capítulo, enfatizo também o conhecimento de Pizan acerca dos diversos autores por ela lidos, pois isso se constituirá como uma prova de seu grande conhecimento em diversas áreas e como ele foi formado. Assim, a questão da autoria já é analisada, pois, apesar de essa palavra não ser tratada como sabemos hoje, Christine de Pizan já demarca nos textos o uso de técnicas que serão recorrentes em outras obras suas, mostrando uma singularidade quanto à escrita.

No segundo capítulo, discorro, majoritariamente, sobre a criação das alegorias dentro de *A Cidade das Damas* a partir da elaboração das Damas Celestiais e das outras mulheres que são citadas ao longo da obra. Além disso, mediante a edificação do livro, analiso como se caracteriza como uma emulação à obra de Boccaccio, *De Claris Mulieribus*, pois é nela que Pizan se baseia para escrever a sua, tanto nas personagens quanto no intuito de fazer com que as mulheres virtuosas sejam memorizadas pela sociedade. No primeiro tópico, para chegar a essa alegoria, primeiramente trato da ideia do belo e como ele é concebido na Idade Média, partindo do conceito de Santo Agostinho. A concepção do belo está ligada intrinsecamente à técnica da alegoria utilizada por diversos autores, incluindo Christine de Pizan na criação das Damas, pois, de acordo com os estudiosos medievalistas, a alegoria era um elemento crucial para a edificação da narrativa ficcional, já que era a partir dela que os autores poderiam personificar as representações divinas e construir obras eticamente corretas e que moralizassem a sociedade medieval. Isso leva ao objetivo final desse tópico: as alegorias, utilizadas para a criação das Damas, são essenciais para dar voz às personagens antes caladas e à sombra daqueles que comandavam a sociedade. As vozes das três divindades estabelecem, portanto, a relação com o caráter divino e com o conhecimento adquirido por ele, sendo somente apresentadas na obra a partir do momento em que a personagem Christine cede a palavra às Damas e elas contam a

história das outras mulheres virtuosas. Desse modo, a Cidade é edificada: ela é a simbolização da liberdade dos pensamentos das mulheres que, agora, podem expressá-los em uma sociedade ideal. Essas mulheres que habitarão a Cidade, dessa maneira, servirão como exemplo, pois deveriam estar de acordo com os preceitos éticos e morais tanto divinos quanto terrenos, no que concernem as leis humanas. Nessa segunda subdivisão, a construção do espaço feminino é analisada como decorrente das regras morais e éticas, sem as quais nada poderia ser bem edificado.

O último capítulo trata da povoação da Cidade e quais foram as mulheres escolhidas para adentrá-la. Assim, aspectos morais e éticos são analisados, além de haver a criação de um tratado das mulheres virtuosas: o que é essencialmente virtuoso para que se possa habitar a Cidade e o que as Damas Celestiais rechaçam. Diante dessa ideia, surgiu a necessidade de questionar um ponto da obra: ao mesmo tempo em que as Damas Celestiais propõem a edificação de uma Cidade ideal para que, livremente, possam expressar seus pensamentos sem as amarras masculinas, elas reproduzem o discurso do qual querem se afastar, pois também escolhem as mulheres que, diante do que é conveniente a elas, poderão habitar a Cidade, sendo elas somente as consideradas virtuosas. O primeiro tópico, portanto, se refere à seleção das mulheres e uma análise, de acordo com a escrita de Pizan e acerca dos recursos utilizados, de trechos que comprovam qual o perfil de mulher utilizado para seguir com a povoação da Cidade, lembrando que, a mais apreciada de todas, Ave Maria, ocupará o posto de rainha desse local, sendo ela o espelho virtuoso da sociedade. No segundo tópico, acreditei ser importante ressaltar o paradoxo em que se formou esse espaço dedicado ao feminino: o discurso repellido pelas Damas é recriado a partir do momento em que elas selecionam, ainda que se respaldando nos preceitos divinos, mulheres virtuosas que poderão habitar a Cidade, rechaçando aquelas que não possuem as características determinadas. Desse modo, mesmo que o texto seja uma reanálise dos discursos que serviram para inferiorizar as mulheres, as Damas acabam formando um outro discurso que também inferioriza aquelas que não são convenientes para a criação da Cidade. Diante disso, são analisadas também as normas que regiam a Idade Média, principalmente no que diz respeito às leis divinas, pois, de acordo com sua adoração por Deus, eram elas que deveriam ser respeitadas. Portanto, a partir disso, ocorre a seleção das virtudes que compõem a obra.

Assim, o trabalho analisa a criação de um espaço ideal de acordo com o que foi determinado pela sociedade da Idade Média diante da posição ocupada pelas mulheres,

mas reanalisando e ressignificando discursos que constituirão parte essencial para que a Cidade seja elaborada de maneira que a voz feminina possa ter respaldo. Desse modo, entre política, moral, ética e religião, será possível que o leitor perceba, principalmente, a importância da Idade Média tanto para a Literatura quanto para a formação da escrita e autoria feminina ao longo dos anos.

CAPÍTULO 1

ESPAÇO IDEAL E SOCIEDADE LETRADA

1.1 – CHRISTINE DE PIZAN NA IDADE MÉDIA: A EDUCAÇÃO QUE NORTEIA A COMPOSIÇÃO DA OBRA

De Homero às primeiras traduções dos clássicos da Antiguidade, feitas na Idade Média, a construção da literatura europeia contempla um valioso espaço em meio à elaboração de Arte, que é forte colaboradora para a modificação da cultura de um povo. Acercando-nos mais a essa sociedade, e restringindo o olhar a um determinado objetivo, nasce a intenção de estudar mais a fundo um período histórico – contemplando questões literárias – que, indiscutivelmente, fornece conhecimento imprescindível para entendimento de grande parte do estudo deste trabalho: o final da Idade Média.

Historicamente compreendida entre a queda do Império Romano do Ocidente (século V) e o início da transição para a Idade Moderna (século XV), infelizmente “Idade Média”, “Período Medieval” ou mesmo “Medievo” são nomenclaturas para um período em que, *grosso modo*, uma vasta e valiosa elaboração político-econômica e cultural foi resumida em um único rótulo e todos seus acontecimentos, marcados por dez séculos, colocados à deriva, em questão de estudos detalhados e pertinentes, em proveito de manuais históricos que pudessem resumir todo esse momento; nas palavras de Umberto Eco: uma “época sem identidade” (ECO, 2010, p. 13). Essa peculiar etapa merece genuína atenção por tratar-se de parte fundamental para a elaboração tanto do território e da sociedade que, hoje, é conhecida como Europa, quanto como influência para outras sociedades em questões políticas, culturais e literárias.

Como se pode reunir sob o mesmo rótulo uma série de séculos tão diferentes entre si? De um lado, aqueles entre a queda do Império Romano e a reestruturação carolíngia, nos quais a Europa atravessa a mais assustadora crise política, religiosa, demográfica, agrícola, urbana, linguística (e a lista poderia continuar) de toda a sua história, e, do outro, os séculos da renascença após o ano mil, pelos quais se falou em primeira Revolução Industrial, quando nascem as línguas e as noções modernas, a democracia comunal, o banco, a promissória e as partidas dobradas, quando se revolucionam os sistemas de tração, de transporte marítimo, as técnicas agrícolas, os procedimentos artesanais, inventam-se a bússola, a abóbada ogival e, perto do final, a pólvora e a imprensa? (ECO, 2010, p.13-14)

Quase que soterrando todo o conhecimento de séculos à sombra de uma nomenclatura, ao mesmo tempo a Idade Média tanto é pouco examinada e conhecida, quanto importante para o entendimento da história e da literatura europeias (CURTIUS,

2013, p. 44). Além de esse fato ser observado nas instâncias políticas e sociais, como visto na citação anterior, também é perceptível no ramo literário medieval, que, por vezes, é considerado, por certos olhares descontextualizados da Idade Moderna, como a “negação moralista do belo sensível” (ECO, 2010, p. 20), isso porque a Idade Média, principalmente quando se diz respeito aos ascetas, considerava aspectos de beleza como algo ligado aos sentidos inteligíveis, que pregavam o equilíbrio de espírito e da razão frente às belezas mundanas que inundavam a sociedade. A beleza, então, estava ligada ao prazer da serenidade e da paz dos sentidos ao contemplar as coisas do mundo. Considerar, pois, a Idade Média como alheia aos aspectos sensíveis, seria colocar-se como leitor ingênuo frente à análise do período que embasou um subsequente acervo literário de variadas sociedades.

O estudo do final desse período é inclusive bastante significativo para fins de elucidação das apreciações às quais nos propomos no presente trabalho, pois, com as notáveis mudanças políticas que ocorriam, as mulheres começaram a demarcar com um maior rigor sua presença dentro da sociedade. Podemos citar, por exemplo, a divisão de alguns trabalhos cotidianamente domésticos entre mulheres e homens, não só mais correspondentes àquelas, principalmente se analisarmos as camadas mais populares. As mulheres passaram então a exercer papéis como comerciantes, o que antes de forma nenhuma seria vinculado ao seu gênero. Os conventos também começaram a contribuir para a ascensão do feminino no âmbito intelectual, já que ofereciam às mulheres estudo, leitura e escrita que as auxiliariam nas decisões cotidianas.

Em meio a essa resistência frente aos estudos medievais, autores dessa época, que poderiam ter sido apresentados ao público letrado, encontram-se, lamentavelmente, na penumbra, a despeito dos esforços daqueles que se propõem a essa árdua trajetória dos estudos do Medievo. Sustentando-nos, então, num inicial panorama sobre a Idade Média que será esmiuçado na figura de uma autora específica e embasará o estudo, propomos, além da análise de sua obra, examiná-la nesse contexto, por assim dizer, às margens de várias pesquisas, para entender sua posição enquanto mulher detentora do domínio da leitura e da escrita em pleno século XV: Christine de Pizan.

E as mulheres então, de quem se falou muito menos? Para nós elas serão sempre sombras indecisas, sem contorno, sem profundidade, sem relevo. (...) O que procuro mostrar não é o realmente vivido. Inacessível. Procuro mostrar reflexos, o que testemunhos escritos refletem. Confio no que eles dizem. Se dizem a verdade ou não, não é isso que importa. O importante para mim é a imagem que oferecem de uma mulher e, por meio dela, das mulheres em geral, a imagem que o autor do texto fazia delas e quis passar aos que o escutaram. Ora, a imagem viva é inevitavelmente deformada nesse reflexo, e

por duas razões. Primeiro, porque os escritos datados dessa época que estudo (...) são todos oficiais, dirigidos a um público, jamais voltados para o íntimo; segundo, porque foram redigidos por homens. (DUBY, 1995, p.10)

Duby fornece uma valiosa informação ao mostrar o retrato das mulheres na época medieval, pois, a partir do século XII, para que a sociedade fosse mais bem organizada, intelectuais (homens) começaram a criar textos que exemplificassem o bom comportamento dos indivíduos. Dentre esses textos se destacavam aqueles que, especificamente, tratavam da boa conduta das mulheres, sendo que eram consideradas virtuosas aquelas que obedeciam rigorosamente às regras impostas, tudo isso baseado no ensinamento de superioridade masculina como algo natural. A imagem, então, da qual fala Duby é justamente essa imagem de mulher tradicional que, assim como pregavam os intelectuais, deveria exercer seu papel na sociedade de maneira que a tradição patriarcal não fosse questionada. Assim, a maioria dos escritos com os quais temos contato sobre essa conduta foi elaborada não pelas pessoas sujeitadas àqueles que determinavam as regras, mas sim por aqueles que escreviam tais textos: os próprios homens. Dessa maneira, a imagem conhecida da mulher não era formulada a partir dela mesma, mas de outros olhos.

Por isso, interessa-nos falar aqui, primordialmente, da educação das mulheres inicialmente durante o período do governo de Carlos V, pois foi a partir de então que mais bibliotecas foram instituídas na França e quando algumas mulheres – ainda que em um número bastante restrito – puderam ter acesso um pouco mais amplo aos estudos. Porém, é preciso destacar que, ainda aquelas que tiveram um acesso mais amplo à educação, não a exerciam com mais esmero, pois, como ressalta a personagem Dama Razão na obra de Pizan, “a sociedade não acha necessário que as mulheres se ocupem das tarefas masculinas (...). Basta que elas cumpram as tarefas que lhes são estabelecidas” (PIZAN, 2012, p.127). Nessa perspectiva, para o leitor que pouco conhecimento tem sobre a escrita feminina e até mesmo para aqueles diversos acostumados com o cânone literário, é bastante árdua a tarefa de reconhecer a produção autoral feminina como constituinte da literatura medieval. No Brasil, os estudos europeus e as linhas de pesquisa nessa área, sobretudo em relação à Christine de Pizan, ainda representam certa carência em relação à Europa, portanto, a questão autoral¹ é aqui tratada de maneira que a atenção seja voltada, principalmente, à imagem da mulher

¹ É necessário esclarecer que o significante “autoria” somente é estabelecido no século XIX, porém, neste trabalho, recorreremos a esse termo por falta de um correspondente na Idade Média, para analisar as características peculiares de escrita que distinguem Christine de Pizan de outros autores.

como construtora de uma escrita compreendendo a visão do contexto em que o feminino estava inserido. Nesse sentido, o posicionamento frente a uma leitura não somente restrita às letras, mas também, e principalmente, frente ao contexto histórico, observando as singularidades que caracterizavam o meio em que viviam as escritoras, é decisivo no que se refere à obra à qual nos dedicamos para a construção tanto da escrita quanto da imagem feminina do e no Medievo: “A Cidade das Damas” [*Le livre de la cité des dames*, 1405].

Para a construção dessa imagem, é importante saber que o período Medieval, durante a sua formação, constituía uma sociedade que baseava muito de suas crenças no medo, geralmente ligado às questões de comportamento social e à punição que os indivíduos receberiam (tanto pela lei dos homens quanto pela lei de Deus). Essas funções sociais compreendiam todas as atitudes ligadas ao estudo, às ciências, à saúde, às atividades laborais, ao matrimônio e a diversos outros aspectos que eram essenciais para a formação do indivíduo no Medievo. O medo, intrinsecamente relacionado ao pecado, fazia com que a população ficasse sempre bastante atenta aos ditames morais e religiosos, pois somente a partir deles poderiam saber o que fazer ou não e quais seus deveres para a construção harmônica do período em questão e, logo, alcançar o Paraíso, lugar ao qual somente as pessoas virtuosas poderiam ascender. Essa lógica inclusive é bastante acentuada no livro de Pizan quando a Dama Razão analisa as características físicas das mulheres em comparação a dos homens:

E quanto à robustez e força física, Deus (e Natureza) prestaram um grande serviço às mulheres, fazendo-as fracas: graças a esse agradável defeito, elas são justificadas de não cometerem crueldades horríveis, homicídios e crimes, que foram e continuam sendo cometidos em nome da força. Assim, elas não sofrerão as punições que esses atos requerem. Teria sido melhor para muitos homens fortes se tivessem passado sua peregrinação, aqui na terra, em um fraco corpo feminino. Mas, voltando ao assunto, digo-te que, na verdade, se Natureza não dotou o corpo das mulheres de uma grande força física, recompensou dando-lhes muitas virtudes, como amar seu Deus e temer pecar contra seus mandamentos; aquelas que não se comportam assim, pervertem sua natureza. (PIZAN, 2012, p.98)

A Razão demonstra a importância de as mulheres serem as mais fiéis seguidoras dos mandamentos virtuosos pregados na sociedade, ainda que eles tivessem sido impostos, em sua maioria, por homens letrados. O que entraria em questionamento no excerto seria justamente a Dama elevar as mulheres por seguirem os preceitos sociais impostos, sendo que é contra eles a sua luta para a construção da Cidade. Ora, por isso ela se utiliza da concepção da falta de vigor físico que as mulheres apresentam em relação aos homens, argumentando que, enquanto elas são desprovidas dessa

característica, a Natureza lhes proporcionou outra mais importante: o equilibrado uso da razão para a harmonia social que, se inexistente, impossibilitaria a organização do meio.

Em contrapartida, muitos homens, varonis e robustos, são capazes de promoverem atos ignóbeis com essa dádiva que lhes foi dada. Razão não generaliza as ações violentas desses homens na sociedade, tampouco destitui-lhes da capacidade de pensar de modo claro e íntegro, mas, com uma adversativa bem construída, demonstra que as damas usam com mais destreza essa habilidade e o “agradável defeito” com que nasceram. Até mesmo, com um pouco de ousadia, Razão propõe que alguns homens pudessem ter nascido no frágil corpo de uma mulher, justamente indicando que a sociedade seria mais bem estruturada e sem a necessidade de punições severas, já que, nesse caso, teriam mais pessoas se servindo da razão do que da força bruta e promovendo, por conseguinte, maior equilíbrio social. Pode-se inferir, inclusive, que o poder atribuído aos homens dentro da sociedade somente ocorre por causa de sua força física, de sua capacidade de ferir o outro, imperando, assim, no contexto medieval. Nesse sentido, o que danifica o medievo é a falta de razão sobreposta em detrimento da estabilidade social.

Pensando assim, a questão levantada inicialmente sobre os textos educativos é que eles, majoritariamente escritos por homens, eram uma maneira de afirmar o poderio patriarcal vigente e, conseqüentemente, marginalizar aqueles que não eram considerados aptos a elaborarem tais escritos, denotando, desse modo, a intrínseca relação entre capacidade escritural e poder legislativo e sentenciador. Um fato que não pode ser ignorado é a veiculação do conceito de mulher pelas traduções latinas das obras de Aristóteles, o qual se propunha a escrever sobre os ditames sociais que regeriam essa constituída sociedade patriarcal, colocando, necessariamente, mulheres e homens em suas devidas posições sociais. Nesse aspecto, um dos pecados da mulher se encontraria no questionamento sobre sua posição nessa sociedade e os motivos que levaram os homens a configurá-las como seres inferiores. Então, com o intuito de ressignificar alguns desses padrões textuais e fazer com que eles ficassem ao alcance das mulheres, Pizan inscreve em suas obras de modo a poder revelar, com mais clareza, alguns dos conceitos inerentes aos textos. Assim, essas adaptações marcaram a escrita da autora, já que utilizava o cotidiano – claro que de um número restrito de mulheres – feminino para exemplificar o papel social dessas damas. Deixando isso bastante claro ao longo do livro, a personagem Christine mostra os diversos segmentos sociais: desde as crianças, que são a imagem da pureza perfeita a que Deus se refere no Evangelho e as

mulheres que, por compreendê-las e se avizinham delas, aproximam-se também dessa pureza, até os “bons velhinhos”, os quais “não condenam nem difamam homens nem mulheres, mas detestam os vícios em geral, e os condenam em massa. Sem responsabilizar ou culpabilizar ninguém em particular, recomendam fugir do mal” (PIZAN, 2012, p.76), avaliando seus comportamentos para o bem social. Isso é bastante relevante, pois, ao conversar com as Damas, elas mesmas mostram que, apesar de os textos que criticam as mulheres serem escritos por homens notáveis, esses indivíduos não exercem o valioso contato com o todo populacional como, com sabedoria, o fazem as damas da sociedade. Ou seja, de nada valeriam as regras e os ditames sociais, se os seus próprios criadores não utilizassem deles para o bem comum, se não conhecessem pessoalmente o público com o qual lidariam e se com eles não tivessem um contato pessoal. Essa é uma das maiores marcas autorais de Pizan: reconstruir significados que foram implantados na sociedade e tradicionalmente aceitos para que, de certa forma, fosse estabelecido um poder dentre aqueles que queriam governar. Desse modo, a Dama Razão, sendo ouvida pela personagem Christine, faz ressalva àqueles de baixa conduta, que, muitas vezes, usam não só dessas obras educacionais, mas de escritos literários como um todo para instaurar o significado que lhes convém, prejudicando ou não o bem comum no que se refere a toda sociedade, homens e mulheres:

“E por mais digna que seja a obra, e feita por bom mestre, sempre alguém tenta e tentará deformá-la. Muitos são aqueles que querem intervir no assunto. Eles acham que se outros escrevem o que eles queriam dizer, então, eles não podem estar enganados. É assim que eles se põem a difamar. É uma espécie que conheço bem. Alguns se metem no assunto, compondo versos insípidos, ou baladas sem sentimentos, falando da conduta das mulheres ou de outras pessoas; falando dos costumes dos príncipes, das mulheres ou de outras pessoas, mas são incapazes de reconhecer e corrigir as baixas inclinações de sua própria conduta.” (PIZAN, 2012, p.78)

É notório que, apesar de o diálogo entre as Damas e Christine ser majoritariamente acerca da posição das mulheres na sociedade, há no texto a busca por mostrar que, independentemente de serem homens ou mulheres, o que deveria imperar seria a índole coerente e adequada para estabelecer a boa conduta, sabendo reconhecer erros e acertos. Razão reconhece a existência de obras dignas, porém condena aqueles que delas não fazem uma leitura adequada, que as interpretam de maneira egoísta, em outras palavras, de modo ignorante, sem uso racional daquilo que se lê. Afirmando isso, Razão utiliza uma adversativa para contrapor a ideia apresentada anteriormente: muitos se sentem capazes de julgar o outro pelas condições em que se apresentam, mas não

refletem sobre as próprias imperfeições de sua conduta, sendo uma delas o mesmo julgamento sem um conhecimento mais analítico, interpretativo e prudente.

Partindo desses preceitos, o livro, então, propõe uma visão do mundo feminino fundamentado por dois planos essenciais no que diz respeito à vivência das mulheres: no primeiro, temos a questão do real, que resguarda a estrutura social, lugar ocupado por Christine, inicialmente, como a dama medieval que, apesar de seu intelecto, supõe-se um ser vil, de quem “filósofos, poetas e moralistas parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício” (PIZAN, 2012, p.59); no segundo, apresentado logo nos primeiros capítulos, estabelecido pelo ideal que, paradoxalmente, ao mesmo tempo em que se soma à realidade feminina fossilizada por uma tradição patriarcal, rompe com a mesma, atribuindo virtudes às mulheres:

Desse modo, bela filha, foi a ti concedido, entre todas as mulheres, o privilégio de projetar e de construir a Cidade das Damas. E, para realizar essa obra, apanharás água viva em nós três [Dama Razão, Dama Retidão e Dama Justiça], como uma fonte límpida; nós te entregaremos materiais tão fortes e mais resistentes do que o mármore fixado com cimento. Assim, tua Cidade será de uma beleza sem igual e permanecerá eternamente neste mundo. (PIZAN, 2012, p. 67)

A criação de um espaço onde pudesse conviver em harmonia o intelecto de diversas damas é a base para que a narração se construa não somente como um texto aos olhos do leitor, mas também, e principalmente, como um monumento à perenidade inteligível que emana das Damas responsáveis por auxiliar a personagem Christine na arquitetura da Cidade. Neste livro, a escrita, que permite que as ideias sejam repassadas aos leitores, é o corpo, tanto físico quanto narrativo, que carrega o império construído ao longo da narrativa de Pizan, império esse feito de conhecimento e de beleza inigualável que se construirá no mundo das ideias criado pela autora. A beleza a que se reporta a escritora consiste na maneira como o lugar ideal será constituído: o patrimônio inteligível das mulheres se converterá no cimento trabalhado pelas delicadas mãos para a fortificação de um mundo que refute o poderio social que encobria o saber das damas.

Está aqui, então, a base do livro: a criação de um espaço alegórico em que as mulheres virtuosas, visivelmente selecionadas, pudessem conviver em harmonia com o saber, sem que fossem rechaçadas *a priori* por uma tradição constituída. A proposta da autora, sem dúvidas *avant la lettre*, é de um destaque visível como autora feminina medieval levando em consideração o contexto em que se encontrava, mas conta com um detalhe que deve ser destacado, principalmente por levantar a característica de

referência ao momento em que escreve: a reunião na Cidade das mulheres intimamente ligadas ao conhecimento (principalmente das virtudes) e o afastamento daquelas que não usufruíam desse privilégio. Ao selecionar essas mulheres, Christine de Pizan também se posiciona como pertencente a uma elite que acreditava que o caminhar da história dependia, quase em exclusividade, do conhecimento que essa camada social detinha e proporcionava a um número restrito dos indivíduos medievais. Ora, tomando essa premissa como verdadeira e observando que a escritora praticamente não menciona as mulheres rechaçadas dessa camada social (em sua vasta maioria e, geralmente, de origem menos abastada), atribui-lhes a característica de inaptas para que a elas seja permitida a entrada na Cidade (plano ideal) e, conseqüentemente, na própria análise e participação do contexto medieval (plano real).

Ficará, sob minha [Dama Justiça] responsabilidade, fazer o teto e os telhados das torres, as residências suntuosas e as mansões, que serão todos de ouro fino e brilhante. Enfim, eu a povoarei de mulheres ilustres para ti e trar-te-ei uma altiva rainha; a quem as outras damas, mesmo as mais nobres, render-lhe-ão homenagens e obediência. Assim, com tua ajuda, tua cidade será concluída, fortificada e fechada com portas pesadas, que irei buscar no céu para ti, antes de colocar a chave nas tuas mãos. (PIZAN, 2012, p. 71)

É interessante também observar como a questão de rendição a um determinado poder estava consolidada na mentalidade até mesmo dos mais nobres pensamentos: Pizan menciona o comando da Cidade por uma personagem que sequer é nomeada na participação da construção desse lugar ideal, porém que teria suficiente autoridade para governar um local com as bases sólidas, fortificadas e com muros e telhados já levantados. Nesse sentido, nota-se como a questão do outro que detém o poder é fundamental para legitimar, inclusive economicamente, o poder da rainha. É indubitável o valor agregado ao conhecimento social quando a autora elabora esse texto abordando a temática por um viés ainda insuficientemente trabalhado, porém é visível que, mesmo a construção da Cidade pretender um ideal igualitário, primeiro por fugir das amarras patriarcais e, segundo, por colocar determinadas mulheres como instruídas o suficiente para construir e habitar a Cidade das Damas, Pizan se rende ao patriarcado atribuindo à sua ideia monumental uma similitude com aquilo de que tanto tenta escapar: outorgar valores a uma camada social restrita, segregando aquela que, majoritariamente, não pode ter acesso ao que compete à primeira. É válido destacar que a análise da obra se prende ao âmbito aristocrático e, por isso, configurando uma igualdade no plano elevado de circulação social e não das camadas gerais da população. Essa Cidade, fortificada com grandes pedras, bases sólidas, muros altos e telhados impenetráveis é

configurada como um espaço de proteção contra aqueles que não deixavam o conhecimento chegar às mulheres. Mas, ao fazer isso, Pizan reproduz, em parte, o discurso proclamado pelo patriarcado vigente: da mesma maneira que eles afastam aquilo que é considerado prescindível à sociedade, Christine, com o auxílio das Damas Celestiais, também afasta as mulheres que por elas são consideradas sem virtudes.

Apesar disso, é mesmo notável a propriedade com que autora escreve a obra, justamente por poder ser compreensível que, atendendo às prescrições culturais de sua época, a tarefa de se colocar com uma postura crítica frente àquilo que vigorava como cânone era árdua e exigia um acervo cognitivo amplo, o que, para ela, transbordava em comparação ao que as mulheres poderiam ter acesso. Dizemos isso, pois a leitora de Ovídio, Petrarca, Boccaccio, Aristóteles e outros expoentes do saber literário e filosófico, em 1402, três anos antes de elaborar a obra que é destaque neste trabalho, fez sua primeira aparição definitiva como escritora quando escreve os poemas de *Epístola ao Deus do Amor*², colocando em dúvida o mérito da famigerada obra na Europa no século XIII: *Le Roman de la Rose*, poema composto por Guillaume de Loris (primeira parte) e Jean de Meung (padre compositor, cinquenta anos depois, da segunda parte e mais conhecido como autor desse poema). Pizan se incumbiu de criticar com afinco a segunda parte dessa obra, pois nela eram retratadas mulheres que sempre ocupavam o papel de sedutoras, adjetivadas por termos vulgares que comprometiam seu valor dentro da sociedade, fazendo crer o público que elas podiam ser desmoralizadas tendo em vista, principalmente, sua função sexual.

Essa passagem foi deveras importante na ascensão de Pizan como escritora, pois fortificou sua crítica embasada em uma obra popular e bastante aceita pela sociedade. Dessa maneira, a edificação tanto do conteúdo da obra quanto do espaço idealizado da Cidade das Damas, distante de ser somente uma compilação de ideias convertidas em tinta a um papel, pôde alçar um voo mais elevado justamente pelo seu primeiro

² A primeira parte constituía a história de um jovem que adentrava um jardim onde se encontrava uma Rosa prestes a desabrochar. Nesse enredo, a flor se torna figura de desejo pelo rapaz e, para representar toda a história, a mulher era exaltada com poemas em louvor ao amor. Para que o jovem pudesse se aproximar da Rosa, ele contou com o auxílio de Bel Accueil [Amável-Abrigo] (Cf. no site <http://www.raco.cat/index.php/Mirabilia/article/viewFile/286976/375201>), defendendo-o dos inimigos Danger [Perigo], Jalousie [Ciúme] e Malebouche [Malquerença], que representavam a personificação dos sentimentos. Essa obra representante da lírica trovadoresca não foi terminada e tinha, em sua composição, quatro mil versos. A segunda parte, composta pelo padre Jean de Meung, desempenha uma função irônica em continuação da primeira. O autor alterou o tema e, misturando razão e fantasia, acrescentou outros personagens como Raison [Razão], Nature [Natureza] e Genius [Gênio], fazendo com que o desprezo e a desconfiância para com as mulheres fossem o centro dos versos. O amor, até então retratado por sentimentos sublimes, torna-se instintivo e baseado em uma caracterização carnal, sem sensibilidade. (SOUZA, 2013).

reconhecimento como escritora. Esse resultado consolida suas primeiras bases, especialmente, quando, por volta de 1368, muda-se de Veneza para o reino de Carlos V de Valois, a família do italiano Tommaso de Pizzano, físico, astrólogo, médico e professor da universidade de Bolonha, a mando da República de Veneza para servir como embaixador em Paris e, inclusive, como físico do monarca. Entre seus filhos, a pequena Christine de Pizan, ainda em seus tenros quatro anos de idade, já circulava por entre as paredes do palácio de Carlos V e tinha o direito a participar de festas, quando próprias à idade dela, que ocorriam no reino.

O sábio bolonhês, enviado a Paris como embaixador pela república de Veneza, havia colocado como condição para estabelecer-se definitivamente na corte Francesa, “como amado e estimado físico de Sua Majestade”, contar com uma mansão digna e com uma renda de quinhentas libras de ouro. Devidamente cumprido o pacto graças à generosidade real, acaba de trazer a Paris os seus.

Depois daquela entrevista com a família Pizzano, o rei mandou que a filha de seu físico participasse em todas as festas e divertimentos da corte compatíveis com sua tenra idade e fosse educada como uma princesa. Muitos anos mais tarde, em *L'Advison de Cristine*, escrito no mesmo ano que *A Cidade das Damas*, ou seja, em 1405, Christine contaria esse primeiro encontro com a *beau visage du roi*. (LEMARCHAND, 2001, p. 11)

O contato de Cristina da Pizzano ou, como é mais conhecida, Christine de Pizan³ com esse círculo real e as derivações intelectuais advindas de sua família⁴ proporcionaram-lhe grande comunhão com o mundo letrado, principalmente pelo acesso à *Bibliothèque Royale* – recém instalada em Paris no reinado de Carlos V⁵ – onde hoje se situa a ala noroeste do Louvre. Como já observada, a condição de Christine de Pizan como mulher no contexto da transição do século XIV para o XV é destoante de grande parte daquelas que pertenciam à sociedade europeia, já que, diferentemente dessa parcela feminina subjugada perante o mundo patriarcal, estabelecido pelas relações de poder do século XV, a autora gozava de certa liberdade incomum às mulheres de sua época. Vale assinalar, entretanto, que os fatos mencionados – tanto sobre a condição financeira quanto a pessoal de Pizan –, ainda que fizessem com que a escritora pouco tivesse participado das condições sociais e culturais impostas a grande parte das

³ Com a mudança para a França, a autora, genuinamente italiana, teve seu nome modificado em decorrência de sua fixação como cidadã francesa.

⁴ O avô materno de Christine de Pizan, Mondino de Luzzi, era professor de medicina e um dos precursores da prática da Anatomia. Apesar de grande influência desse homem, a mãe de Pizan optou por não influenciar demasiadamente a filha aos interesses intelectuais.

⁵ Carlos V de Valois, ou Carlos, o sábio, foi rei da França de 1364 até o dia de sua morte. É importante mencioná-lo no trabalho, pois foi uma das pessoas que garantiu que Christine de Pizan tivesse a oportunidade de ter amplo contato com as áreas letradas. Esse monarca teve distinta participação na ampliação intelectual francesa, principalmente pelo número de manuscritos que possuía em sua biblioteca.

mulheres de sua época, propiciaram que ela refinasse seu instruído olhar para particulares questões que envolviam tanto o comportamento feminino frente à tradição que já vigorava como uma moldura social, quanto para assuntos políticos que englobavam a condição gregária do Medievo.

Um dia, estava eu, como de hábito, e com a mesma disciplina que rege o curso de minha vida, recolhida em meu gabinete de leitura, cercada de vários volumes, tratando dos mais diversos assuntos. Com a mente cansada por ter passado um bom tempo estudando sentenças complexas de tantos autores, levantei a vista do texto, decidindo deixar, por um momento, assuntos mais sutis para deleitar-me com a leitura de alguma poesia. (PIZAN, 2012, p. 57)

Esse trecho é a apresentação das primeiras linhas do livro *A Cidade das Damas* e demonstra ao leitor um detalhe deveras importante para o entendimento do enredo e do lugar ocupado pela autora para empreitar-se nos caminhos narrativos: Christine de Pizan ilustra um quadro ao leitor em que é possível observar uma mulher, acercada por livros que tanto a satisfaziam para o conhecimento quanto para o deleite. Essa mulher, protagonista da história, é a mesma Christine que nos conta. A mesma mulher que se propôs a adentrar a própria narrativa e se colocar como personagem para que vozes femininas pudessem ter espaço dentro da obra.

Ainda sendo uma mulher de privilégios e diferenciada em sua época, a personagem Christine representa a voz de diversas outras damas virtuosas que, ainda que enclausuradas nos lares, sejam eles casas de família com esposo e filhos, castelos ou dentro de conventos, conseguiam exercer um papel de autoridade dentro dos espaços que lhes eram concedidos. Assim, elas configuravam um grupo de mulheres que, apesar de não conseguirem colocar em voga frente à autoridade masculina, distanciando-se desse poder monopolizado, poderiam estabelecer-se como organizadoras desses espaços, ou seja, harmonizavam e estruturavam o local de maneira que o bem comum fosse alcançado. A importância disso é evidenciada quando, dentro da obra, a personagem Christine, em sua pequena oficina de estudos, consegue construir um vasto e importante diálogo com as Damas Celestiais que aparecem no quarto em que está presa. Dizemos “presa” nos dois sentidos mais essenciais da obra: fisicamente, quando a dama não pode ter acesso aos diversos ambientes de estudo e, conseqüentemente, ao conteúdo que esses locais oferecem, e mentalmente, quando Christine acredita não passar de um ser vil, pois isso foi ensinado a ela como pré-disposição genética, ou seja, mulheres já nasciam com uma capacidade intelectual ordinária. A autora Pizan, apesar de sua singularidade perante as mulheres da época, já que gozava de vasto estudo e contato com conhecimento, ainda pertencia às leis e aos estereótipos vigorantes no

Medieval, o que a caracterizava como o indivíduo quase dispensável na sociedade concernente às diretrizes políticas e econômicas. E, como arma para modificar essa prisão duplamente configurada, Christine utiliza de seus conhecimentos que vão além desse cubículo, com a ajuda das Damas Celestiais, das quais tem uma visão inicial, para adentrar um espaço ideal que quebra barreiras físicas e possibilita outros caminhos a serem trilhados. O gabinete que era visto somente como o quarto de estudos, com número limitado de conhecimento, torna-se, a partir do encontro com as Damas, o local mais vasto de criação, onde é possível não somente transportar para dentro dele o conhecimento adquirido nos livros de bibliotecas que lhe eram permitidos, mas também externar esse conhecimento em forma de elaboração da Cidade das Damas, o lugar ideal. Isso é de extrema importância, já que Christine poderá fazer uso de todos os seus estudos para um determinado fim que não seja somente particular: poderá criar para todas as mulheres virtuosas um local em que não só o conhecimento poderia ser adquirido, mas principalmente manifestado, o que não poderia ser feito em um mundo real com a presença masculina. A projeção aristotélica na hierarquia dos sexos, mostrando que a mulher seria um macho defeituoso, é desfeita a partir do momento em que a aparição das Damas abrange o local de clausura, transformando-o em local de libertação, ainda que dentro do mundo das ideias. Como claustro do conhecimento, *A Cidade das Damas* é, ao mesmo tempo, tanto um local restrito quanto libertador para Christine e para todas as mulheres a quem ela proporciona a voz, sendo necessário destacar a restrição dessas mulheres quanto a sua posição dentro da sociedade: somente aquelas selecionadas pelas Damas Celestiais, as quais são providas de “constância, nobreza e virtude” (PIZAN, 2012, p. 158).

A obra, fictícia quanto à criação do espaço idealizado e das personagens que o compõem, é formulada como um espelho daquilo que deveria ser a sociedade embasada em boas condutas, incluindo pessoas que, antes, não poderiam participar ativamente do contexto. Conseqüentemente, ao colocar a personagem Christine como o sujeito que irá conceder tanto às Damas Celestiais quanto às outras que aparecem ao longo da obra, há o espelho da autora Christine de Pizan e de seus conhecimentos obtidos com seus estudos. Evidencia-se ainda mais esse recurso ao colocar seu nome na personagem que será essencial para que outras mulheres sejam visíveis e ouvidas, além de passagens mostrando pessoas e momentos que formaram parte da vida da autora, como falando de seus pais e de sua maior oportunidade para com os estudos. Falamos aqui de “espelho” em três sentidos: o primeiro se refere ao comportamento daquelas que habitarão a

Cidade, pois, ao decorrer dos três livros que compõem a *Cidade das Damas*, a personagem deixa cada vez mais claras características que deverão ser seguidas para que não haja problemas quanto à formação social, tentando acertar onde a vigente sociedade medieval não obteve êxito. Uma segunda visão especular seria a questão da própria projeção autoral da Christine autora para a Christine personagem, o que, em se tratando de um livro em que impera a concepção de os conhecimentos terem de ser exercidos para refletir aquilo que se espera de uma população, nada mais apropriado que a própria autora, refletindo alguns de seus vários costumes na personagem, exemplifique o que se espera de virtuoso em uma sociedade. Ademais, essa projeção autoral deixa evidente que a busca pelo reconhecimento intelectual das mulheres parte da própria autora ao incluir-se como alguém que tem a possibilidade do convívio com os livros e percebe-se que, somente a partir disso, é possível a construção do espaço ideal. E uma terceira projeção, talvez menos nobre, mas justificável perante a sociedade em que estava inserida, se refere à reprodução do discurso patriarcal repellido, que configura um jogo de poderes, deixando os “inaptos” a habitarem a Cidade do lado de fora dessa nova sociedade.

É necessário lembrar que, reiterando o que já foi parcialmente dito, a posição ocupada pelas mulheres, em meio à sociedade medieval, era de um sujeito caracterizado como pouco participante de questões sociais no que diz respeito às decisões políticas e administrativas; e, no âmbito literário, eram consideradas incapazes de serem reconhecidas como possíveis conhecedoras, apreciadoras e, muito menos, produtoras da arte. Os homens, nessa época, detinham o poder daquilo que era público, inclusive no que concerne o âmbito da escrita. Ora, nesse sentido, “somente os homens desse tempo são um pouco visíveis e eles lhe [ao historiador] ocultam o resto, sobretudo as mulheres. Algumas aparecem de fato ali, mas representadas, simbolicamente” (DUBY, 1995, p. 11). Às mulheres cabiam certos papéis sociais como os cuidados com a casa, a criação dos filhos, a costura e grande parte dos serviços manuais que, geralmente, diziam respeito ao equilíbrio e bem-estar do lar. Famílias deveriam ser governadas e decisões impostas cotidianamente. Nesse caso, para estabelecer a harmonia completa, duas ordens sociais eram definitivas para que isso fosse alcançado: o patrimônio e os filhos. Sobre esse último, tudo já estava traçado desde sua infância até o casamento e, para isso, dependiam de duas linhagens representadas pelo pai e pela mãe. Para a moldagem dos filhos, qual dessas linhagens prevaleceria? O mesmo pode ser questionado quanto ao patrimônio. “É preciso partilhar as responsabilidades ou delegá-las. Ainda aí, quem

se impõe? [...] O *pater familias* se impõe em primeiro lugar como o administrador único do conjunto dos bens da família dirigida por ele” (DUBY, BARTHÉLEMY, LA RONCIÈRE, 2009, p. 210-211)

Antes mesmo do advento do cristianismo, predominavam entre os diversos povos concepções que afirmavam a inferioridade das mulheres face à racionalidade masculina e apregoavam a submissão das mulheres aos homens. Com a difusão do cristianismo no Ocidente Europeu, particularmente durante a Idade Média, essa perspectiva de análise de natureza misógina foi legitimada e encontrou abrigo nos mais variados tipos de textos. (GODOY, TABAK, 2008, p.80)

Observemos, então, que durante muito tempo foi – e ainda continua sendo em determinados contextos sociais – tradicionalmente construída a ideia da fragilidade⁶ das mulheres tendo em vista, principalmente, seu gênero. A representação do feminino como um ser provido de vícios e virtudes, sempre oscilando entre essas duas características, vai desde a sua concepção como mulher sedutora até a idealização da dama no romance cortês. A valorização do matrimônio, pois, era fundamental para a ascensão da mulher perante a sociedade, justificando uma construção social de que só se poderia ter acesso a um nível decente aquelas que tinham o privilégio de se casar, aquelas que viviam sob a tutela do marido (LEITE, 2008, p. 67). A consequência disso é a marmorização do feminino como sempre dependente do outro para seu crescimento e visibilidade. A “fragilidade”, no entanto, neste trabalho, refere-se à débil visão que a sociedade patriarcal tinha sobre as mulheres (ênfatizando, aqui, tanto aquela proveniente do masculino quanto do feminino), criada e demarcada, portanto, pelo contexto do qual participavam. Esse olhar que concebe a vulnerabilidade do feminino revela-se, inclusive hoje, ao nos depararmos com a perplexidade de variados leitores frente à existência de uma mulher escritora e voltada à arte na Europa medieval, o que, indiscutivelmente, remete às condições educacionais às quais era submetida Christine de Pizan (WUENSCH, 2013, p. 3). É compreensível que diversos apreciadores de obras literárias ainda cultivem um saber genérico sobre a Idade Medieval e, conseqüentemente, sobre a admirável constatação da presença de uma escritora no século XV. Esse tipo de leitura casta, porém, precisa ser reformulada diante da compreensão de *A Cidade das Damas*, já que mesmo nessa obra é desconstruída a ideia de que não havia espaço para a mulher do Medievo reverberar – de modo sutil e seletivo, sim, porém verdadeiro – sua voz e a

⁶ Na primeira parte da obra, Pizan analisa o livro de Aristóteles, “Dos segredos das mulheres”, que trata sobre as imperfeições das mulheres quanto ao seu frágil corpo feminino, de sua fraqueza quando gerado já desde o ventre materno. Assim, para fundamentar sua discussão mostrando que a interpretação textual era enganosa, utiliza-se do discurso bíblico para esse fim.

de outras mulheres no contexto em que se encontravam, além de contribuir para a formação política, no caso, francesa, afirmando bem a autora quando menciona que “um corpo grande e forte não é garantia de uma grande virtude e grande coragem” (PIZAN, 2012, p. 97). O trecho a seguir é bastante marcante na obra analisada e reflete o que foi discutido sobre a “ascensão” da mulher em questões intelectuais nesse espaço medieval.

“Nem todos os homens, e principalmente aqueles mais cultos, compartilham a opinião de que é um mal a educação para as mulheres [...] Teu pai, que foi um grande astrônomo e filósofo, não pensava, claro, que as mulheres fossem menos capazes de apreender o saber científico. Ele se alegrava, ao contrário, sabes bem, em ver teu dom para as Letras, a opinião feminina de tua mãe, que queria te ver ocupada com agulha e linha, a atividade costumeira para as mulheres, durante tua infância foi o obstáculo maior aos teus estudos e ao aprofundamento do teu saber científico. Mas como diz o provérbio já citado: ‘O que a Natureza concebe, ninguém consegue tolher’. Tua mãe não conseguiu impedir que tu, que tinhas naturalmente vocação aos estudos, conseguisse colher, pelo menos, algumas gotas do saber. Não penso que, por isso, acredites que teu valor foi reduzido, mas que tu o estimas, ao contrário, ser um grande tesouro. Sem dúvidas tens razão.

Então, eu, Christine, respondi: ‘Certo, Dama, o que disse é tão verdadeiro quanto o Pater Nostre.’ (PIZAN, 2012, p. 226-227)

Christine de Pizan apresenta ao leitor, no Livro Segundo⁷, um diálogo entre a personagem Christine e Dama Retidão (uma de suas conselheiras ao decorrer da obra)⁸ para enfatizar a importância da presença do pai em sua vida tanto pessoal quanto intelectualmente. A curiosidade desse diálogo é como a escritora desenha uma situação em que coloca o homem culto (ênfaticamente esse adjetivo) como conselheiro para o bom caminho das Letras e dos estudos como um todo, comprovando que ela não possuía a radical visão do homem como um ser que somente reprimia o saber feminino e sua contribuição para a sociedade. É interessante destacar que, ao elaborar particularmente essa parte da obra, Christine de Pizan mostra que inclusive algumas mulheres eram detentoras dessa visão frágil – aquela capaz de tolher o crescimento inteligível – acerca da própria mentalidade de uma mulher (e não feminina). Nesse sentido, a escritora não privilegiava aspectos de gênero como responsáveis por arquitetar um rechaço ao saber das mulheres, mas sim aspectos intelectuais e mentais, realçando que a edificação da identidade feminina no Medieval se dava, principalmente, por meio de construções de um raciocínio e não de delimitações físicas, ainda que a não aceitação do conhecimento

⁷ O livro “A Cidade das Damas” é composto por uma divisão em três outros livros referindo-se, respectivamente, ao propósito da escrita do livro como um todo, à construção do monumento do interior da Cidade das Damas e como ela foi povoada e, finalmente, à colocação dos telhados das torres da Cidade e à escolha das nobres damas para habitar esse local.

⁸ Desde as primeiras páginas da obra, três damas celestiais se apresentam à Christine para serem conselheiras na elaboração da Cidade das Damas: Dama Razão, Dama Retidão e Dama Justiça. À medida que a Cidade é construída, essas Damas auxiliam Christine para que ela tenha toda a base necessária para que não haja problemas ao longo da edificação de um local que deve perenizar-se.

político-cultural feminino se encontrasse em um âmbito patriarcal. Isso se comprova quando Pizan coloca em sua obra o exemplo da própria mãe: uma mulher nascida em berço regado por conhecimentos diversos das áreas científicas, porém assumindo a posição da mulher responsável pela harmonia da casa e pelos afazeres femininos, lugar que era instituído às mulheres pela sociedade varonil:

“Cara filha, não tenhas medo, não viemos aqui para te fazer mal, ou te prejudicar, mas para te consolar. Ficamos muito comovidas com teu desespero e queremos retirar-te desta alienação; ela te cega a tal ponto de rejeitares o que tens convicção de saber, para acreditar em algo que só conheces através da pluralidade de opiniões alheias [...] Mas, bela filha, o que aconteceu com teu bom senso? Esqueceste que o ouro é refinado na fornalha; e ele não se altera, nem muda suas características; pelo contrário, pelo contrário, quanto mais ele é trabalhado, mais fica purificado. Não sabes que são as melhores coisas que são discutidas e debatidas? [...] Concluindo, minha cara Christine, digo-te: foi tua ingenuidade que te levou a esta presente opinião. Concentra-te, retoma tua consciência e não te preocupas mais com essas tolices; sabes que uma difamação categórica das mulheres não conseguiria atingi-la, mas, sempre volta contra seus autores.” (PIZAN, 2012, p. 61-63)

Antes, pois, dessa colocação, as Damas que encaminham e auxiliam Christine na construção da Cidade não só exemplificam nomes de célebres mulheres (pagãs, cristãs e hebreias, além de algumas damas da França) ocupantes, ainda que muitas somente no campo das ideias, de um espaço respeitável dentro da humanidade, como também retiram Christine de uma alienação construída pelas palavras de autores que, como mencionado no excerto anterior, subestimaram a inteligência das mulheres estabelecendo a característica de um intelecto inferior fossilizado na crença da sociedade como um todo. É importante destacar esses princípios, pois seria anacronismo aplicar o caráter “feminista” a Christine de Pizan, sabendo que esse é um movimento pós século XIX, ainda entendendo que a ideia de uma valorização do intelecto feminino perante a situação vulnerável em que se encontravam as mulheres deve-se, em grande parte, às ideias propostas especialmente por Pizan diante dessas perspectivas históricas:

Nele, fez Adão adormecer e, com uma de suas costelas, formou o corpo da mulher, significando, com isso, que ela devia estar ao seu lado como uma companheira e, de maneira alguma, aos seus pés como uma escrava, devendo amá-la como sua própria carne. Será que o Criador Soberano teria vergonha de criar e formar o corpo feminino e Natureza se envergonharia disso? Eis o cúmulo da tolice dizer isso. (PIZAN, 2012, p. 81)

A rede de sabedoria que leva a autora a falar com autoridade para revelar suas ideias permite que ela tenha suficiente respaldo para criticar o que conhece utilizando justamente o pensamento mais aceito entre o povo europeu: a base religiosa, e o que, em muitos momentos, é utilizado para argumentar contra o feminino, transforma-se no guia

de Pizan para dar-lhe sustento ao mostrar que, desde as primeiras origens⁹, as mulheres foram criadas para caminhar junto aos homens, com concretude, sendo que nem um, nem outro tinham a obrigação de pensar pelo seu semelhante e, muito menos, de menosprezá-lo. Assim, Pizan estabelece uma ordem em seu livro: contrária à anulação do intelecto feminino.

1.2 – ADVERSATIVAS: RECORRÊNCIA NA EDIFICAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL DA CIDADE DAS DAMAS

Em 1380, o dessabor de Fortuna paira sobre a França e começa a já não oferecer toda a sua excelência a Christine de Pizan: com a morte de Carlos V, o reino da França inicia um período de diversas incertezas, tanto sociais quanto políticas, que prejudicariam a vida dessa escritora. A ascensão de Carlos VI ao trono, já órfão inclusive de mãe, dá abertura para que os tios paternos do infante, duques de Anjou, de Berry, de Borgonha e de Bourbon, governassem em nome do sobrinho, de caráter instável e violento, de apenas doze anos – sendo conhecido, mais à frente na história como *le Roi Fou*. Poucos anos mais tarde, o pai de Christine de Pizan, com a crise em que entrava a França, morre imerso em dívidas, deixando-as sob a responsabilidade dos filhos. Após dois anos da morte do pai, já viúva¹⁰ com vinte e cinco anos e três filhos, descobre a crise em que estava envolvida por notória dívida herdada do pai.

Não somente o rei havia deixado de pagar os horários de seu secretário, mas também alguns mercadores desonestos se aproveitaram de sua inexperiência para roubar o dote de seus filhos. Para não haver falatório na corte, a jovem viúva não se atreve a dirigir-se a seus compatriotas, os banqueiros lombardos, e recorre a uns usurários judeus, situação da qual sempre se lembrará com embaraço, *à face rougie*. (LEMARCHAND, 2001, p. 16)¹¹

Com todos esses problemas em vista e diante da iminente criação dos filhos, Christine de Pizan fez da escrita um trabalho e, com ela, se tornou a provedora da casa, ocupando a posição antes delegada ao marido. Pizan se torna, nesse momento, uma das primeiras *femmes de lettres* que fez do antigo deleite e costume da leitura algo profissional, convertendo tudo o que sabia em letras que, posteriormente, reverberariam

⁹ Lembramos aqui que a sociedade medieval tinha suas fortes crenças constituídas na história do cristianismo, por isso a importância em mencionar como a autora bem se desempenha ao utilizar-se dessa autoridade popular para elaborar sua argumentação.

¹⁰ Em 1389, Étienne du Castel falece e deixa a administração da casa e dos filhos em responsabilidade de Christine de Pizan.

¹¹ (Tradução nossa) No sólo el rey había dejado de pagar los honorarios de su secretario, sino que unos mercadores deshonestos se han aprovechado de su inexperiencia para robarle la dote de sus hijos. Para no dar que hablar en la corte, la joven viuda no se atreve a dirigirse a sus compatriotas, los banqueros lombardos, y recurre a unos usureros judíos, visita de la que siempre se acordará con sonrojo, *à face rougie*. (LEMARCHAND, M. J., Madrid, p.11)

perante diversos estudiosos de Literatura, História, Ciências Sociais e Direito¹². Como uma de suas primeiras funções, Pizan se ocupava como copista em seu escritório, o que, mais uma vez, permitiu seu acesso a outros documentos que elevaram ainda mais sua capacidade argumentativa, colaborando para, mais tarde, tornar-se conselheira do príncipe.

Durante muito tempo, a educação medieval tinha como elemento basilar a criação de exemplos para ensinar as pessoas como agir e se portar dentro de uma organização social. Nesse sentido, os pensamentos nocivos que poderiam prejudicar de qualquer maneira o que era considerado ético e moral, inclusive contrário à Igreja, eram rejeitados por todos aqueles que concebiam esses conceitos como suportes para solidificar o harmônico crescimento da Europa. Em meio a esse contexto de percalços vivido pelo Medievo, a necessidade de afirmar a importância do reinado e de toda a sua estrutura para a Europa era imprescindível, já que com um bom espelho a ser seguido, a população poderia reconstruir um segmento social. Em meados da segunda metade do século XIV, na França, ainda sob a monarquia de Carlos V, diversos homens célebres e cultos dedicaram-se à arte de escrever documentos que tratassem da boa administração de um governo, alguns deles justamente baseando-se no próprio exemplo de Carlos V.

Ordenadas pelo monarca Carlos V no final do século XIV, algumas traduções para o francês de obras políticas, como *Política*, de Aristóteles, e *Songe du Vergier*, por Evrart de Trémaugon, que eram inspirações para a organização social, foram essenciais para que se iniciassem as discussões acerca da maneira como seria governada a Idade Média, levando em consideração o amplo e dominador poder eclesiástico vigente até então e bastante dominante. Essas obras teorizavam a respeito da ciência de governar, exemplificando os modelos de governos existentes e como eles deveriam funcionar para construir uma sociedade. Não eram obras que pressupunham uma cidade imaginária em que o homem deveria se espelhar, mas sim o local existente e tudo o que nele pertencia para ser modificado, suprimindo, assim, tanto as necessidades do monarca quanto da população. Várias, portanto, foram as obras que começaram a ser traduzidas, agora não somente sobre a política em si, mas também sobre filosofia, ciências exatas e educação. Na Antiguidade Romana, Cícero, Sêneca e Quintiliano discorriam criteriosamente sobre essas áreas do conhecimento e de grande relevância, o que fez com que eles

¹² Christine de Pizan, por ser fiel leitora de variados assuntos, tinha conhecimentos vastos que possibilitavam que ela caminhasse por diversas áreas, especialmente por entre aquelas que contemplavam as leis, a filosofia e a literatura. Hoje, por esse motivo, tornou-se um nome de referência nos estudos pertinentes a esses campos de domínio intelectual.

participassem da elaboração do que, posteriormente, foram chamados de *Espelhos do Príncipe*. Essas obras, que tratavam do comportamento do governante, ao contrário do que diversos leitores possam imaginar, não propunham retirar o poder da Igreja Católica, já que esta era essencial, a fim de construir um ambiente em que a população se mantivesse temerosa aos ensinamentos divinos e, conseqüentemente, obedecesse ao que era proposto por essa instituição. O que esses tratados mais pregavam era que o rei, como representante de grande autoridade, também tinha um papel fundamental na constituição da sociedade, e dele deveria partir o exemplo a ser seguido pelos indivíduos medievais; ele seria a representação da virtuosidade mais concreta para a população. A Bíblia, então – e não a instituição física católica –, passa a ser um poderoso guia para o modelo do príncipe idealizado dentro da monarquia, e muitas obras propunham um modelo de conduta baseado em reis cristãos, como foi o caso de Salomão e Davi. Como as virtudes do príncipe terreno são aquelas fundamentadas nas virtudes cristãs, ele é responsável pela representação celestial no mundo dos homens, portanto deveria ser o espelho dos bons costumes.

Pizan, escolhida como um dos nomes mais importantes para escrever as obras de Espelhos, inspirava-se no virtuoso governo de Carlos V para redigir os tratados e, junto deles, os cargos criados dentro dos reinados se expandiram ainda mais, sendo ocupados por filósofos, matemáticos, juristas, médicos, cientistas de diversas áreas e outros homens detentores do saber que ajudariam a organizar bem o que era previsto dentro dos Espelhos.

Por isso que a *science de politiques*, superior entre as artes, ensina o homem a governar a si mesmo, como servo e súdito, e todas as coisas, conforme ordem justa e certa; como ela é disciplina e instrução de governar os reinos e impérios, todos os povos e todas as nações [...]: visivelmente esse sábio príncipe [...] conhecedor daquela ciência, [...] pela prudência de seu informado/prevenido entendimento, ele aprende naturalmente, sem outra leitura apreendida nessa parte: pois sua pessoa governou por *pollicie* ordenadamente, como dito está. (PIZAN, 1824, tomo V: 283 *apud* ASSIS, 2014, p. 159)¹³

¹³ Pour ce que la science de politiques, superlative entre les ars, enseigne homme à gouverner soy mesmes as mesgnée et subgiez et toutes choses, selons ordre juste et limite; comme elle soit discipline et instruccion de gouverner royaumes et empires, tous peuples et toutes nacions [...]: apert manifestement cestui sage prince estre [...] expert em ycelle science, [...] par la prudence de son averty entendement, luy aprennoit naturellement, sanz autre estude de lettreure aprise en ceste partie: car as persone governoit par pollicie très ordennée, comme dit est. (ASSIS, R. F. S. de. Os poderes na França. *Os Espelhos de Príncipes* e suas construções sobre a importância régia nos séculos finais do medievo francês. Brasília: PPGHIS/UnB, n. XXIV, jul. 2014. ISSN 2316-1191.)

Para a escritora, as pessoas se tornavam bons indivíduos a partir do momento em que obedeciam às regras sociais para o bem comum, e Pizan, com muita disciplina, tratava disso nos Espelhos: assim como governava com muita destreza Carlos V, os outros reinados também deveriam ser inspirados nele, o qual se propunha a ser um modelo digno para a população. É indubitável a importância que conquista Pizan ao se tornar uma conselheira do Príncipe, já que, mais do que uma escritora de obras literárias e contempladora da arte, a autora se torna um guia sobre o bom comportamento social, estabelecendo-se como uma sábia mulher que detém um nível de sabedoria capaz de nortear os bons costumes sociais. É preciso, entretanto, recordar aqui que, apesar de ser incomum uma mulher ter autoridade para escrever os tratados, Pizan, ademais de obedecer às regras sociais previamente estabelecidas e com bastante esmero, tinha contato com célebres nomes da corte – além de ela mesma ter habitado o castelo de Carlos V com seu pai – e teve amplo acesso aos estudos, o que, conseqüentemente, fazia dela uma pessoa virtuosa e com maior facilidade em ascender a esse cargo.

A menção desse fato é fundamental, pois ela, apesar de se encontrar em um momento quando o patriarcado estabelecia regras, adequou o que era pregado nos Espelhos do Príncipe ao comportamento das mulheres dentro de suas obras literárias: elas deveriam seguir os fundamentos sociais ditos como adequados e virtuosos, mas, para concretizar essa atuação de maneira mais precisa, era indispensável seu acesso aos estudos, de maneira que elas pudessem aprimorar o que já faziam, colaborando para o bem comum.

Prezada filha, debes saber que a providência divina, que não faz nada ao acaso, encarregou-nos [as Damas] de morar entre as pessoas desse mundo de baixo, apesar de nossa essência celeste, para zelarmos pela manutenção e pela boa ordem das leis convenientes aos diversos estados, e que fizemos segundo a vontade de Deus, pois somos, todas as três, filhas de Deus e de nascimento divino. Quanto a mim [Dama Razão], é da minha competência corrigir os homens e as mulheres quando se desviam, reencaminhando-os ao bom caminho [...] mostro-lhes seus pecados, explico-lhes as causas; em seguida, ensino-lhes como fazer o bem e evitar o mal [...] vês-me carregar, como emblema, esse espelho resplandecente que seguro na mão direita, em lugar de um bastão. Precisas saber que, na verdade, quem quer que nele se olhe – qualquer que seja sua natureza – verá o fundo de sua alma [...] Certifico-te de que nossa aparição nesses lugares não é gratuita, pois nada fazemos sem razão. (PIZAN, 2012, p. 64-65)

Não é de maneira gratuita que Pizan coloca a afirmação do espelho logo na primeira Dama que lhe fala: Razão. Ao relatar a extrema utilidade do espelho, Razão evidencia que, apesar de não ser mais importante que suas outras irmãs, é imprescindível olhar e refletir bem as virtudes de sua própria alma para se tornar,

posteriormente, o reflexo dos outros que irão se espelhar no modelo. Para isso, nada melhor do que reconhecer seus defeitos para ter a modéstia ao observar as qualidades, não se colocando como um ser prepotente perante as imperfeições humanas. Quando ela diz carregar um espelho na mão com o intuito de exemplificar sua virtude, é especialmente para exemplificar o que será defendido ao longo da narrativa: o homem que se reconhece como imperfeito e sabe que o que será refletido no espelho, sua imagem com virtudes e pecados, muito provavelmente saberá compreender o que vê e, racionalmente, mudará. Além disso, no início no excerto, com a finalidade de mostrar a importância dos seres humanos para a divindade, Pizan inicia as adversativas que serão frequentes ao longo do texto. “Apesar de” terem essência celeste, elas foram instruídas a morar no campo das pessoas do mundo de baixo para melhor organizar a sociedade, isso demonstra que as imperfeições humanas são passíveis de modificações, desde que sigam bem os ensinamentos divinos e, nesse caso, principalmente os ensinamentos das três virtudes essenciais na vida dos indivíduos.

Estabelecer o modelo virtuoso de comportamento dos príncipes começou a ser visto como tão fundamental para a sociedade, que os documentos se estenderam a outros reinos da Europa Medieval, objetivando reformular pontos administrativos dos monarcas. No entanto, não contemplavam somente as condutas no interior da corte – ainda que a maioria fosse escrita para esse fim –, mas havia também aqueles que tratavam do comportamento tanto dos cargos ocupados pelos homens sábios dentro do reino quanto das mulheres na sociedade em que estavam¹⁴. Nesse período, ocorreu o aparecimento de muitos escritos principalmente pelos acontecimentos da Cisma do Oriente¹⁵, estimulando os reis a quererem produções que, cada vez mais, enaltescessem e afirmassem sua soberania no território frente às forças eclesiásticas, e pela reestruturação de governos, colocando o poder nas mãos dos monarcas, que, amparados especialmente por essas produções, deram espaço aos letrados, permitindo uma maior reflexão sobre as conduções do poderio (singularmente durante o reinado de Carlos, o

¹⁴ É interessante que o leitor compreenda que a obra aqui analisada não tem como objetivo a organização de um tratado contendo normas sobre as condutas das mulheres na sociedade, ainda que, de certa forma, já haja características que conduzam a isso, mas sim – e principalmente – a edificação de uma Cidade baseada nos princípios de justiça, razão e retidão, de modo que priorizasse as mulheres virtuosas que colaborariam para criação de um ideal onde as mulheres pudessem conviver em harmonia tanto entre elas quanto perante o conhecimento. Posteriormente, no mesmo ano de 1405, Christine de Pizan escreve *Le Trésor de la Cité de Dames*, uma continuação do primeiro livro, agora sim visando à ordenação das condutas das mulheres baseadas em três principais virtudes.

¹⁵ Houve um conflito entre monarquia e papado que desestruturou o antigo pensamento medieval; nesse momento, a querela entre Felipe IV e Bonifácio VIII (1304) fez com que o primeiro conflito ganhasse força, resultando na Cisma do Oriente.

sábio). Aos anos finais do Medievo, surgiram cada vez mais reflexões que pensavam a natureza humana e a vida política, dando oportunidade aos que compuseram *Espelhos de Príncipes* para a entrada em solos mais férteis do conhecimento, produzindo um maior volume de escritos. Todo esse contexto histórico-cultural ilustra melhor e brevemente os meios em que se construía e ordenava o conhecimento de Christine de Pizan. Ela, agora como conselheira do Príncipe, tinha maior notoriedade entre as camadas letradas e poderia lançar-se com maior avidez na elaboração de suas obras.

De acordo com o *Dictionnaire du Moyen Age: littérature et philosophie* (1999, p. 766), o léxico “espelho” data do final do século XII em uma passagem escrita por Santo Agostinho, citando São João (Epístola, I, 1), e retrata que a Escritura deveria enviar uma imagem sua ao povo. Nesse caso, está clara a questão da obrigatoriedade em conhecer as virtudes refletidas pela Escritura e, dessa maneira, fazer vigorar aquilo que se acreditava como divino (LEITE, 2008, p. 19). Apesar de parecer uma contradição à elaboração dos *Espelhos do Príncipe*, um dos princípios básicos para que a sociedade se ordenasse de maneira harmônica era seguir os ensinamentos divinos, sabendo em Deus o maior poder. O que ocorre nesse contexto é que a Igreja monopolizava grande parte desse poder, utilizando Deus como figura emblemática para afirmar essa condição de detentora de todos os saberes. Portanto o que os monarcas queriam mudar era essa concentração de poder perante o clero, a instituição física, e não ir de encontro ao que regia a sociedade no que concerne os ensinamentos cristãos. Dessa maneira, Christine de Pizan segue os moldes virtuosos para a construção de suas obras, não deixando que qualquer fenômeno que fosse de encontro a esses princípios dizimasse o que ela, e toda uma sociedade canônica, acreditava ser o melhor para o povo.

É para encontrar o reflexo ideal que se espera ver nesse espelho precioso, constelado de pedrarias, que Pizan utiliza algumas técnicas de escrita. Dentre elas, o uso da adversativa é a que mais encontra espaço na narrativa, fazendo com que qualidades sejam enaltecidas e defeitos sejam condenados, contrapondo uma informação com outra. Isso mostra não só o conhecimento pelos dois lados de situações, como também a prudência em não deixar que ocorra um pecado pelo egocentrismo, já que a maior parte das críticas é formada a partir daquilo que falta às teorias vigentes, e não pelo erro que apresentam. Esse equilíbrio faz com que cada vez mais a sociedade idealizada na Cidade das Damas seja alcançada, pois equaliza uma situação, a qual se encontra caótica para um determinado grupo social.

Educada segundo os princípios de Platão, Aristóteles, Santo Agostinho e outros expoentes que integravam uma vasta bibliografia para a composição da literatura da Idade Média, Pizan recebeu estudos aos moldes das letras clássicas e da retórica, levando-a a uma formação humanista (assim regida por seu pai) em um período em que “a retórica, com suas ciências e afins, era para os antigos o complemento indispensável de uma existência legalmente livre e bela, de suas artes, de sua poesia” (BURCKHARDT *apud* CURTIUS, 2013, p. 101). Essa formação do indivíduo como um ser mais autônomo em relação à sua capacidade mental, libertando-se das amarras da ignorância, proporcionou relevante destaque na obra quando a autora, com notável prudência e trabalho linguístico, questiona o posicionamento desses mesmos autores, responsáveis pela formação de sua opinião crítica, ao colocarem-se em uma postura que, de certa forma, condicionava a sabedoria da mulher a uma ínfima e vil importância no meio em que estavam. Para isso, o trabalho com a linguagem tem destaque primordial quando, com o objetivo de suscitar no leitor as questões apresentadas, delibera sobre uma (re)leitura das obras desses filósofos e homens cultos acerca das acepções embasadas naquilo que criavam como verdades sobre o que seria alcançável para o conhecimento feminino: longe de ser imprudente, principalmente levando em conta o contexto em que se encontrava, Pizan propõe a reinterpretação dessas obras, de modo que as critica não mostrando o “engano” dos autores quanto às opiniões, mas o suposto equívoco de interpretações dessas obras:

Ora, pareces acreditar que tudo o que dizem os filósofos é digno de fé e que eles não podem se enganar. Quanto aos poetas aos quais te referes [Aristóteles, Platão e Santo Agostinho], não sabem que utilizam frequentemente a linguagem figurada, e que, muitas vezes, deve-se compreender justamente o contrário do sentido literal? Pode-se, a propósito, atribuir-lhes a figura da retórica chamada antífrase, dizendo, por exemplo – como bem sabes – que fulano é mau, deixando entender que ele é bom, ou igualmente o contrário. Recomendo-te, então, que tires proveito de tais escritos que recriminam as mulheres, voltando-os ao teu favor, quaisquer que fossem a intenção deles. (PIZAN, 2012, p. 62-63)

A fim de reanalisar a condição a que era exposta a mulher do Medievo, Christine de Pizan mostra, através da fala de Razão, a técnica mais crucial de escrita que dará valor à obra como um diferencial daquelas que tratavam das mulheres, sempre mostrando-as como inferiores aos homens: reunir os escritos que maldizem as mulheres e usá-los de maneira a enaltecer as virtudes delas. A releitura proposta demonstra que é possível ter uma segunda visão da história, reconstruindo estereótipos até então enraizados na sociedade. Dessa maneira, a Dama Razão não propõe que mudem o que está escrito, mas sim que os leitores sejam prudentes ao ler o que lhes está ao alcance, já

que interfere de maneira decisiva na posição de indivíduos dentro da sociedade, nesse caso, as mulheres.

Apesar de chegar a esse patamar de escrita e de conhecimento, é preciso sempre orientar e recordar o leitor quanto à vida de Pizan, pois, ainda com singularidades, ela teve uma criação baseada nos moldes medievais da corte. Além disso, ao analisarmos o contexto de inserção da autora, é possível entender a maneira como ela escrevia e os modelos utilizados, melhor explicando o que propomos como autoria dentro da obra.

Antes, porém, que Christine de Pizan se iniciasse definitivamente no campo da escrita, ela teve, durante algum tempo, a típica vida de uma dama do século XV: casou-se aos quinze anos com Étienne du Castel, o que, na Idade Média, não era incomum, já que a mortalidade nesse período acometia, na maioria das vezes, logo cedo, por isso a intenção de gerar herdeiros tão prontamente as meninas estivessem aptas a esse fim. A Fortuna¹⁶ para Christine de Pizan foi generosa: o casamento arranjado pelo pai logrou uma vida harmoniosa e digna à futura autora com o recém-nomeado secretário do rei, uma década de casamento recorrentemente lembrada nas baladas de Pizan como um período feliz desde a primeira noite (LEMARCHAND, 2001, p. 15). Como se não fosse o bastante emaranhar-se por entre os livros do pai, do avô e do rei, Pizan teve a oportunidade, com seu matrimônio, de ter acesso aos outros conhecimentos repassados pelos frequentadores da residência do jovem casal.

Falar, pois, da autora como conhecedora das letras e colocá-la em um patamar de distinção ocupado pela escrita varonil, é julgá-la como destoante de sua comunidade, principalmente pelo fato da utilização da escrita para dois fins: estabelecer-se na corte como forma de sustento e analisar o momento social em que as mulheres estavam inseridas. Desse conjunto de fatores surge a possibilidade de se tratar o que hoje chamamos de autoria, porém sempre ressaltando que essa noção surge somente no século XIX, já que frequentemente os textos do espaço medieval eram escritos anonimamente, não estabelecendo, por isso, uma propriedade intelectual. Os textos, manualmente escritos, proporcionavam aos copistas certa liberdade de uma possível modificação da escrita, o que auxiliava para que o conceito autoral não viesse à tona. Inclusive sabemos que a literatura, assim como todas as outras manifestações tanto de arte quanto de outros estudos, estava intrinsecamente vinculada a autoridades que

¹⁶ Diz-se, hoje, como “sorte”, figura bastante emblemática na Idade Média.

controlavam aquilo que se publicava. Assim, seria possível ter a noção do que poderia ou não ser escrito e como seria elaborado.

O livro, recheado de informações que remetem à organização político-social da época, remete-nos a uma característica marcante da sociedade do Medievo: o Direito, responsável por reger a vida desse povo, não fazia referência somente às leis escritas que governavam a civilização, mas principalmente à cultura da tradição oral que repousava sobre a ordem vigente desde os primeiros passos medievais (LE GOFF, 2012, p. 162). É claro que não podemos nos abster da ideia de que, ao longo do tempo, com a reestruturação social, os próprios governantes, assim como foi mencionado sobre as escritas de *Espelhos do Príncipe*, sentiram a necessidade de decretos serem deitados ao papel para estabelecer princípios que, dessa maneira, seriam menos modificáveis em certos aspectos. Dizemos “menos”, pois consideramos o trabalho dos copistas e compiladores que gozavam de alguma liberdade com as letras, levando, em alguns momentos, à escrita por meio de uma interpretação mais pessoal. A narração neste parágrafo sobre a oralidade até os princípios da escrita é necessária quando nos atemos à questão do diálogo que rege toda a obra: é através dele que as Damas ensinam Christine e, concomitantemente, julgam muitos livros que, por tanto tempo, e principalmente por causa de seu caráter “imutável” quando transcritas as ideias ao papel, condenavam as mulheres à posição subjugada em que se encontram.

É possível entender essa ideia no texto de Pizan quando analisado, por exemplo, sob a ótica da escrita de *De Claris Mulieribus* (1361-1362) de Giovanni Boccaccio, que pode ser citado como uma das principais fontes da escritora. A obra de Boccaccio apresenta uma reunião de 106 biografias de mulheres (tanto da mitologia greco-romana quanto das também participantes da história desses povos, incluindo algumas personagens bíblicas e outras contemporâneas ao escritor) e diversos de seus célebres feitos no decorrer da história. Ainda sobre a originalidade das obras, o papel da criação estava vinculado a Deus, outro motivo que impulsionava a inadmissão de uma escrita autoral, sabendo que tudo já estaria criado e o artista tinha a responsabilidade de elaborar a linguagem para repassar aos seus leitores o que já era conhecido. Por isso, encarar o texto de Pizan como obra única – no que concerne a questão da originalidade – que retratava o *topos* mencionado seria um equívoco, pois negaria o divino como soberania responsável pela origem de tudo, o que, indiscutivelmente, iria de encontro a tudo aquilo creditado a um poder superior, não só por Christine, mas por todos do Medievo.

Justamente por esse motivo, Pizan se incumbem de mostrar ao leitor que, ainda que uma obra fosse escrita por um grande autor e bastante reconhecida como essencial para a cultura da sociedade, ela pode ser questionada sobre seu conteúdo, de forma a atribuir uma nova visão para o reconhecimento de diversos outros vieses interpretativos, desde que não ferisse as possibilidades de compreensão concedidas pelo campo do saber. Além disso, ao se tomar uma obra grandiosa como princípio de uma análise é se mostrar sensato em reconhecer o valor do que está escrito, além de mostrar conhecimento quanto ao seu teor. Nesse caso, enfatizamos Boccaccio por ser um expoente da literatura e escritor de diversos títulos que nortearam obras posteriores.

Diante disso, poucas páginas após iniciar os exemplos sobre as mulheres virtuosas que habitarão o reino das Damas, Razão e Christine continuam as escavações para a fortificação da Cidade com as pedras que formarão a sua estrutura. Para isso, Razão pede que Christine pegue da pá de sua pluma para colocar uma das maiores pedras que embasarão a Cidade: a história sobre a rainha Semíramis. Ao falar sobre essa rainha, a Dama Razão enfatiza sua história, particularmente por se tratar de uma dama representada no *De Claris* por Boccaccio. O que ele faz, no entanto, é somente mostrar que ela havia sido uma mulher dada à concupiscência, ou seja, indigna de ser mostrada nos escritos juntamente com outras de maior dignidade por manter relações sexuais com seu filho e casar-se com ele. Porém, com grande astúcia, a Dama, mencionando Boccaccio e seu valor em escrever sobre as mulheres, mostra que, apesar de seus atos, ela teve motivos suficientes para cometê-los e justificá-los.

É bem verdade que muitos a criticaram – e com todo direito, se ela tivesse vivido sob nossas leis – pelo fato dela ter se casado com um filho que ela havia tido com Nino, seu esposo. Mas, os motivos que levaram-na a fazer isso foram dois: o primeiro é que ela não quis que no seu império tivesse outra dama coroada além dela, o que seria inevitável se seu filho se casasse com outra; e outro motivo é que para ela nenhum outro homem era digno de tê-la como esposa, a exceção de seu próprio filho. Mas, apesar de ser um pecado muito grande, essa dama não tem que se desculpar, pois ainda não havia lei escrita na época. As pessoas viviam assim, agindo como melhor lhe parecesse, segundo a lei da Natureza, sem que fosse considerado pecado. Não há dúvida de que se ela pensasse que estaria agindo mal ou que poderia ser repreendida por isso, não teria se comportado assim, pois ela tinha um coração muito nobre e generoso, e prezava muito pela sua honra. (PIZAN, 2012, p. 101)

Ora, inicialmente se nota o conhecimento que Razão tem sobre as leis e como elas são instituídas na sociedade, pois mostra a Christine que, de acordo com as leis dos homens e a procedência jurídica, não se pode condenar uma pessoa a qual não faz parte de mesmo campo ou tempo judiciário de determinado povo, posto que seria uma

imprudência julgar alguém por quebrar uma regra que não fora anteriormente estipulada. Inicia-se aqui, mais uma vez, o jogo das adversativas, pois “apesar de ser um pecado muito grande, essa dama não tem que se desculpar, pois ainda não havia lei escrita na época”. Para melhor resguardar os atos de Semíramis, Razão ainda mostra que, mesmo a rainha tendo praticado atos que não eram proibidos, ela ainda teve motivos justos que a levaram a fazer isso e, se julgasse que isso poderia vir a ser um pecado, não o teria cometido, já que era uma “dama de muita virtude, força e coragem exemplar” (PIZAN, 2012, p. 99). O olhar bem contextualizado de Pizan faz com que a narrativa, apesar de estruturar uma Cidade formada no campo das ideias e com personagens alegóricos, não tenha bases vulneráveis, mesmo porque é função da Dama Razão afastar todas as opiniões generalizadas e pouco analíticas do terreno sadio em que se construirá a Cidade das Damas. Dentro do espaço, então, podemos perceber que a construção política será baseada em leis preestabelecidas e, por que não, baseadas naquelas existentes dentro da sociedade medieval, visto que Pizan, em grande parte, era responsável por estabelecer comportamentos como os ditos nos Espelhos do Príncipe. A política dentro dessa Cidade baseia-se no estabelecimento de leis coerentes que sejam bem aplicadas para que julgamentos concernentes ao contexto das mulheres sejam justos. Isso porque é notável, ao longo da narrativa, que os maiores questionamentos de Christine para as Damas Celestiais são sobre os discursos proferidos que somente deixam à mostra o lado mais conveniente ao patriarcado. No caso da Cidade, o conveniente está ligado ao bem comum e à maior liberdade das mulheres em falar, expor e analisar pensamentos que seriam rechaçados pelo poder vigente. Não podemos esquecer, porém, que o sistema político desse espaço também é – e principalmente – baseado nos ensinamentos divinos, tanto é que as mulheres norteadoras das bases fortificadoras da Cidade são aquelas que, de maneira providencial, foram enviadas à Terra para falar a Christine sobre justiça. Além disso, diferente do reino terrestre representado pelos homens, o maior poder, a rainha de todas as mulheres virtuosas, é representada por Ave Maria, defensora e protetora, que as livra “de todos os ataques de inimigos e do mundo”, para que “elas possam beber até saciarem-se da sua fonte de virtude, abominando qualquer vício e pecado” (PIZAN, 2012. p. 295).

Ao decorrer do texto, é bastante visível o respeito que Pizan tem para com as leis divinas e como elas se estabelecem fielmente diante de seus princípios. O que faz a autora, portanto, com a linguagem não é mudar os ensinamentos cristãos, mas sim

restabelecê-los frente à interpretação do homem para que eles sejam interpretados de maneira mais justa com o ideal da Cidade.

Nesse sentido, encontra-se o real interesse em estudar a autoria feminina no Medievo: compreender como uma mulher, nas condições apresentadas, portava-se diante da aventura da escrita e, principalmente, propondo, sob seu ponto de vista, a interpretação dos diferentes sentidos, como destacam as Damas Celestiais ao falarem com Christine, representados nas obras dos autores clássicos.

Aproveitando-se, então, de sua maior familiaridade e, como não dizer, oportunidade com a leitura, como uma *femme des lettres*, Pizan confere à personagem principal tanto o seu nome Christine quanto seus mesmos traços, propiciando a caracterização da condição não somente dela, mas de um todo feminino que se encontrava no contexto Medieval, mostrando ao leitor, principalmente, a visão sobre as mulheres virtuosas, aquelas que tinham um espaço ativo dentro da sociedade. Destacamos, nesse caso, a necessidade de tirar proveito daquilo que a personagem Christine lê, para que, por meio dos conhecimentos já adquiridos por ela e utilizando-se de sua escrita bastante articulada, os valores e as virtudes femininas que eram desconsiderados dentro da sociedade possam ser retirados das profundezas da insipiência. Essa, como é bastante mostrada dentro do enredo, é uma característica atribuída ao feminino que permeia as entrelinhas desses grandes escritores e adjetiva a sociedade feminina como um simples adorno.

Como, então, seria possível desalinhar um *portrait* social com significados pré-existentes que já estavam estruturados na memória e tradição dos indivíduos de uma sociedade, sendo que, para isso, seria necessário contornar um patrimônio essencialmente hierárquico? Utilizando a seu favor o que já está estabelecido, Pizan procura ser o mais prudente possível quando, seguindo os ensinamentos dos grandes nomes, reinterpreta os seus escritos para mostrar ao leitor que é possível um segundo olhar. A lapidação das palavras, pois, manifesta-se como maior aliada da autora em busca de novas interpretações para os textos que legitimavam as lembranças e tradições responsáveis por colocar as mulheres em um patamar avesso ao conhecimento. À continuação da análise do discurso cristão, há a parte que ressalta uma das características mais marcantes da escrita de Pizan:

Aos homens, Deus deu a força física e a coragem de ir, de vir, de falar sem temor; e é pela natureza dos homens ser assim, que eles aprendem as leis e devem fazer para manter a justiça no mundo. E, se alguém recusar obedecer à lei estabelecida, promulgada conforme o Direito, tem que ser detido pela força do corpo e potência das armas; tal execução que as mulheres não

poderiam nunca fazer. E mesmo Deus, tendo lhes acordado uma inteligência muito viva, não seria conveniente, visto a honestidade que lhes é própria, elas iriam procurar discussão diante de juizes, como fazem os homens, pois já existem muitos que agem assim. (PIZAN, 2012, p. 91-92)

Antes de iniciar as histórias das mulheres virtuosas que habitarão a Cidade das Damas, a Dama Razão faz essa última colocação para lembrar a Christine da exemplar sabedoria que carrega o feminino. Para que isso seja compreensível, Pizan, não só nesse trecho como em outros mais que serão discutidos, inicia um tipo de escrita que abarca uma argumentação sutil baseada na ascensão da mulher a um patamar semelhante ao do homem, procurando estabelecer em sua obra sempre o paralelismo entre os sexos. Isso não só comprova a sabedoria da autora em reconhecer o meio em que estava e como ele era subdividido, como também demarcava a sua reinterpretação do conhecimento, promovendo um novo olhar sobre a condição da mulher: poderia não ter a força física de um homem, mas tinha inteligência e instrução suficientes para discutir diante dos juizes. Minuciosamente analisando o eufemismo utilizado pela escritora e a maneira como ela inverte algumas frases justamente para posicionar-se de forma prudente, é notável a comparação feita entre homens e mulheres no seguinte aspecto: enquanto àquele é mais facilmente atribuída (por Deus) a força física, a esta a inteligência lhe é tamanha que, ao contrário do que poderiam pensar os leitores que são criticados por Pizan em sua obra, utiliza-se primeiro da inteligência, o que fazem os homens depois, como se tomassem como exemplo uma prática feminina.

É interessante notar como, ao longo da narrativa, a escritora não deixa que a palavra “homem” ou “mulher” se sobressaia uma a outra: sempre estão caminhando lado a lado ou, em poucos casos, representando a humanidade como “homens”, no plural. Esse trabalho com a escrita, na verdade, é algo essencial para o entendimento da ideia de Pizan e como ela se destacou entre diversos escritores, já que a escritora, apesar de a narrativa ser, em partes, idealizada, propõe a similitude entre os gêneros (no que concerne o plano intelectual) para que possa ocorrer o que a autora coloca em discussão: a (re)interpretação das ideias estruturadas por notáveis autores clássicos.

E para afirmar cada vez mais essa condição das mulheres nivelada à dos homens, prezando pela igualdade, Razão justifica que àquelas somente não lhes chega o privilégio da grande sabedoria como chega a muitos homens também virtuosos, pois a elas foi negada uma experiência rica e variada, que não se diferencia daquilo que elas já conhecem, afirmando, pois, que “é por elas não experimentarem coisas diferentes,

limitando-se às suas ocupações domésticas, ficando em casa” (PIZAN, 2012, p. 127) que o estímulo ao conhecimento é obstruído.

Sustentando essa argumentação mais adiante, a Dama Razão ainda coloca que a Natureza, quando não consegue dar ao mesmo corpo a perfeição física e intelectual, o que está claro que somente poderia ser atribuída a Deus, ela o recompensa com um bem maior do que aquele que ela o privou. Diante dessa colocação, mostra o próprio filósofo Aristóteles, que havia falado da fragilidade das mulheres em uma de suas obras.

[...] conta-se que o grande filósofo Aristóteles era muito feio, com um olho mais baixo do que o outro e com fisionomia estranha, mas se ele apresentava alguma deformidade no corpo, Natureza o recompensou grandiosamente, dando-lhe uma extraordinária capacidade de raciocinar e de pensar, como se pode ver, pela autoridade de seus escritos. Assim, mais lhe valeu essa grande inteligência do que se tivesse tipo um corpo como aquele de Absalão. (PIZAN, 2012, p. 97)

Se esse grande nome, destaque entre os maiores pensadores, era desprovido de uma condição física monumental, superava-se na inteligência, o que o colocava no mais alto degrau do respeito entre os homens. Articulando a escrita com argumentos a favor da condição feminina retirados das próprias interpretações que as colocavam em um ínfimo lugar, Pizan se impõe cada vez mais com sua voz carregada de autoridade para estabelecer novos rumos aos pensamentos medievais estacados em uma só direção.

Exemplos não faltam para demonstrar que as mulheres são naturalmente sóbrias, e aquelas que não são pervertem sua natureza. Pois, não há nenhum vício mais feio do que a gula, porque ele atrai muitos outros naqueles que se entregam. Mas, poderás ver, com bem mais frequência, mulheres frequentando as igrejas, com terços e livros de oração na mão, onde se reúnem em multidão, nos sermões e nas confissões, recitando o Pai Nosso e a oração das Horas. [...] Veja bem: quem faz visitas aos doentes? quem os reconforta? quem presta socorro aos pobres? quem vai aos hospitais? quem enterra os mortos? Parece-me que se trata de obra das mulheres, e a via real que o próprio Deus nos ordena seguir. (PIZAN, 2012, p. 85)

No trecho apresentado, por exemplo, o tratamento dispensado às mulheres virtuosas a quem Dama Razão faz menção é de mulheres sóbrias que, por natureza, já carregam essa característica como um dom e com destreza o praticam para que elas não pervertam aquilo que lhes foi atribuído. Nesse excerto, anteriormente, é dado um exemplo presenciado por Christine de dois homens saindo de uma taverna, em que um deles diz: “(...) minha mulher tem o hábito de perguntar-me, toda vez que volto da taverna, quanto gastei. Se tiver sido mais de doze contos, então ela compensa minha despesa com uma maior sobriedade da parte dela. Diz-me, ainda, que nosso emprego não nos permite ter tantas despesas.”. Nesse caso, a sobriedade é justamente abster-se do prazer de saborear o vinho para que não haja problemas financeiros, já que o homem

não soube controlar bem o que poderia ou não gastar. A dupla sobriedade, então, a que preza a mulher virtuosa ocorre quando ela se sacrifica para que o equilíbrio seja mantido, prevalecendo o adequado raciocínio lógico pelo bem comum, e não pelo bem individual. Para deixar ainda mais clara a virtuosa sobriedade, Razão usa aqui, dentre diversos outros trechos, a adversativa com a conjunção “mas” para contrapor a posição dela com a do outro. Observamos que a autora Christine de Pizan recorre a essa estrutura lexical para compor grande parte da obra, estando presente em variados excertos, principalmente para mostrar a grandiosidade feminina. Nesse caso em específico, a adversativa que exemplifica o bom ato praticado pela esposa ao abster-se do vinho não anula o fato de que há aquelas que pervertem sua natureza se entregando à gula, porém, ainda havendo esses tipos de mulheres, é muito mais frequente ver diversas outras frequentando a igreja, seguindo bons ensinamentos, ajudando necessitados, apoiando doentes, sendo, então, o espelho de Deus, seguindo suas virtudes e exemplos. Elas são as pessoas que melhor compreendem e colocam em prática os ensinamentos dados por Deus, o que, dentro da sociedade medieval, se aplica ao elaborar os *Espelhos do Príncipe*, já que as pessoas, muito além daquele que deve ser o exemplo, necessitam ter a disciplina em seguir as atitudes ilustradas pelo primeiro.

É possível ver, dentro da narrativa, elementos que caracterizam bem o contexto em que Pizan estava inserida: mulher católica e abastada, com vasto ensinamento político e literário. Isso contribui para que as doutrinas, sejam elas políticas ou cristãs, influenciassem em demasia a maneira como trataria os problemas que condenavam o reino francês e, por que não, os seus próprios. Costumeiramente, os escritores, principalmente aqueles do século anterior ao de Pizan, pregavam a conduta do rei, em diálogo com o clero, baseada somente nas adversidades que acometiam o reino. Apenas por meio desse sistema uma possível solução poderia emergir. Diferente desses autores, Christine de Pizan propõe uma ressignificação dessa conduta não mais fundamentando em um todo exterior ao homem, mas sim com o objetivo de encontrar a solução voltando a reflexão para o próprio monarca, fazendo uma autoanálise para que, só assim, o rei pudesse servir como um espelho para a comunidade que regia e esta, por sua vez, ser o reflexo dos virtuosos atos de um governante digno do trono que ocupava.

O entendimento de um representante que organizasse harmonicamente a sociedade de maneira que ela fosse estabelecida como um patrimônio baseado nos alicerces humanos, políticos e sociais era tão fundamental, que Pizan recria em sua obra *Cidades das Damas* a elaboração ideal refletida pelo espelho que carrega Dama Razão.

Sem se abster das adversativas, a autora constrói extensos capítulos que tratam das diversas construções e reinos ao longo da história, mostrando ao leitor suas conquistas e derrotas, não deixando de justificá-las.

Não leste como o rei Tros fundou a grande cidade de Troia, com a ajuda de Apolo, de Minerva e de Netuno que os povos de outrora consideravam como deuses, e também como Cadmus fundou a cidade de Tebas sob a injunção divina? Todavia, com o tempo, aquelas cidades se desmoronaram e caíram em ruína. Mas eu te profetizo, como uma verdadeira sibila, que a Cidade que tu fundarás com a nossa ajuda nunca findar-se-á na inexistência. Ela será, ao contrário, sempre próspera, apesar da inveja de todos os seus inimigos; ela sofrerá vários ataques, mas nunca será tomada ou vencida. (PIZAN, 2012. p. 67)

Dama Razão fala a Christine sobre a Cidade que será construída e que, com bons fundamentos, não sucumbiria como os reinos exemplificados. Interessa-nos mostrar como se dá essa construção da Cidade partindo da relação com as outras: Razão demonstra que, apesar de diversos reinos, construídos por homens notáveis, terem obtido êxito durante um tempo e, claro, terem sido marcados na história como exemplos de suntuosas edificações, eles desmoronaram por falhas em seus fundamentos, que os levaram à ruína. Essa adversativa mostra mais uma vez que Razão é bastante digna de seu nome: em nenhum momento ela rejeita a ideia de que homens virtuosos são capazes de construir magnitudes, mas prova também que elas têm defeitos, porém muitas vezes são omitidos em detrimento das mulheres que poderiam ter mais voz na sociedade e externar seus valores. Afirmando ainda essa prerrogativa de que o reino fundado por Christine não estará fadado ao esquecimento, Razão usa o conectivo “mas” indicando que, diferente do ocorrido com os outros, ela dará o amparo necessário para a edificação da Cidade, como fundamento indispensável para a elaboração de um reino perene. Alegoricamente criada, Razão é a concretização de uma virtude e, dentro da obra, é anunciada como elemento basilar para as primeiras construções humanas dentro de uma sociedade: com ela é possível que haja a harmonia social, pois rege o sistema do qual o homem faz parte. Ela figura, inclusive, a prudência ao exprimir valores sem que outros sejam rebaixados (salvo os defeitos que já eram de conhecimento público e perturbavam o bom andamento social) e, nesse caso, o uso da razão é o que faltava para a construção de algo mais duradouro dentro dos reinos.

Como continuação desse discurso, Razão ainda confirma a Christine a prosperidade que terá o reino caso ela siga com boa conduta os ensinamentos proferidos pelas três Damas, e faz isso contando a história das Amazonas. É interessante notar aqui que a pretensão de Pizan ao redigir a obra não é puramente exaltar as mulheres e seus

feitos que muitas vezes se concentram às margens do poder patriarcal, mas é, antes disso, mostrar que somente se edifica um reinado, seja ele governado por homens ou por mulheres, a partir da obediência às virtudes que são imprescindíveis para a adequada convivência; saber que a razão e o comedimento devem ser o alicerce para a prosperidade. Isso se mostra quando ela coloca, como nesse caso, o reino da Amazônia: essas grandes mulheres, conquistadoras de grande parte do Oriente, apesar de detentoras de extrema coragem e vivacidade em seus atos, deixaram seu reino sucumbir, restando somente o nome. Elas, então mulheres virtuosas, ainda não foram capazes de levar adiante a potência que criaram.

A história te ensina que o reino da Amazônia foi outrora estabelecido graças à iniciativa das numerosas mulheres cheias de coragem que desprezavam a condição de escravas. Elas o mantiveram durante muito tempo sob o império sucessivo de diferentes rainhas: eram damas muito ilustres, eleitas por elas e que as governavam sabiamente, conservando o Estado em toda sua potência. (...) E, no entanto, apesar dessa força e desse império, seu reino – como acontece com qualquer potência – acabou desmoronando, de maneira que hoje só o nome sobrevive. Mas, anuncio-te como uma verdadeira Sibila, que o edifício da Cidade que tens a tarefa de construir, e que edificarás, será bem mais forte. (...) saberás que tens em mim, se quiseres escutar realmente meus conselhos, um guia e uma diretriz para acabar tua obra sem nunca cometer erros. Chamo-me Dama Razão (...) (PIZAN, 2012, p. 67-68)

Confirmamos, pois, com a apresentação primeira da Dama Razão, que o intuito da obra é espelhar as virtudes para que estas sejam reflexos de uma sociedade em que o conhecimento será permitido àquelas mulheres notáveis, que farão do reino um lugar perene como o bronze. Esse inicial discurso da Dama Razão é o começo para iluminar os olhos de Christine, a fim de que ela saia da escuridão que a cega ao ler diversas obras que tratam as mulheres como seres inferiores. Justificando a presença das três Damas Celestiais, Razão, a cada questionamento de Christine, responde com adversativas sobre o que de fato ocorre na sociedade, majoritariamente sendo considerados atos louváveis, e quais realmente são as consequências pelo que acontece. Ou, na maioria dos casos, o que é falado das mulheres, porém o que realmente deveriam representar. É o caso da resposta de Razão ao perguntar Christine sobre o homem fazer o mal, ainda que com boas intenções.

Enganas-te, bela filha, disse-me, pois a ignorância total não desculpa de nada. Se te matassem com boas intenções e por asneira, teria sido bem feito? Fazendo assim, eles usaram mal seus direitos. Pois, não seria justiça causar danos e prejuízos a uma parte sob pretexto de estar ajudando outra, como eles fizeram, condenando, contrariamente aos fatos, a conduta de todas as mulheres. Posso te demonstrar por experiência. Admitamos que eles fizeram na intenção de tirar os loucos da loucura; seria como se condenasse o fogo – elemento, porém, bom e necessário – sob o pretexto que alguns se queimam, ou então a água, por alguns se afogarem. Poder-se-ia dizer o mesmo de todas as coisas boas, já que se pode usar tanto para o bem quanto para o mal.

Todavia, não são as mulheres que devem ser condenadas se os loucos abusam disso (...) (PIZAN, 2012, p. 74)

Nos exemplos anteriores, o intuito de Razão é mostrar a Christine que as mulheres não devem ser condenadas pelo mau comportamento de outras, sendo que muitas delas – a Dama menciona ao longo do texto, inclusive, a maioria delas – são virtuosas e essenciais para a sociedade. O raciocínio usado é o de reconhecer que a intenção de “tirar os loucos da loucura” é boa e sensata, porém fizeram isso de maneira que a generalização fosse a base para “purificar” a sociedade, julgando tanto os que precisavam ser condenados quanto os que não precisavam. Ou seja, a Dama não nega as boas intenções, mas condena a maneira como elas são desenvolvidas dentro do contexto, sem o uso da virtude basilar: a razão. Dessa maneira, ao longo do texto, as Damas, mas principalmente Razão, responsável pela colocação da pedra inaugural, mostram a Christine uma maneira de “expurgar” o terreno em que será construída a Cidade, de modo que suas bases afastem todo o conhecimento prévio sobre a infertilidade das mulheres em relação ao campo da sabedoria. As adversativas auxiliam muito nesse processo, já que elas são a maneira sensata de contrapor dois lados, construindo argumentos fortes que não sejam baseados na ocultação de um lado em proveito de outro, ou seja, há, em grande parte do texto, o direito à escolha dos lados: eles são mostrados, cabe ao leitor fazer uma interpretação mais adequada para entendê-los. Não negamos aqui, claro, a parcialidade na defesa das mulheres, porém defendemos que essa parcialidade não é cega, e que nela cabem tanto os estudos elaborados no patriarcado quanto aqueles interpretados pelas mulheres.

As frequentes perguntas ao longo do texto também se configuram como uma técnica de escrita interessante: a partir do momento em que uma Dama Celestial, teoricamente incontestável, abre espaço para os questionamentos de Christine, há uma relação de mestre e aprendiz, porém de maneira que o mestre está disposto a justificar coerentemente as perguntas de seu aprendiz e não fazer com que o conhecimento seja somente passado pelo primeiro e absorvido pelo segundo. As perguntas e respostas ocorrem, primordialmente, no início do texto, com Razão, pois é quando Christine ainda está na penumbra daqueles que cobriam seu olhar com vitupérios às mulheres e, logo, era necessário aclarar as dúvidas, deixando as bases sólidas para a posterior construção das paredes, do teto e não haver dúvidas quanto às mulheres que habitariam aquelas terras. Sobre os questionamentos de Christine, um dos finais ao que precede a apresentação das damas virtuosas que serviriam de exemplo para habitar a Cidade,

destaca-se aquele em que, mesmo satisfeita com as respostas da Dama Razão, Christine ainda possui algumas dúvidas quanto aos discursos proferidos pelos homens e pela posição tanto deles quanto das mulheres dentro da sociedade.

Nobre e honrada Dama, vossas excelentes explicações me satisfazem plenamente. Mas disse-me ainda, se preferi, por quê as mulheres não discutem diante de tribunais, não instrui os processos, nem dão as sentenças? Dizem os homens que teria sido pela má conduta de uma certa mulher em um tribunal.

Filha, são coisas ditas de má fé a origem dessa história frívola. Mas, querer perguntar sobre as causas e as razões de tudo, é impossível. Nem mesmo Aristóteles, que explicou tantas coisas no seu livro Problemas e ainda em Categorias, e que traz respostas a tentos fenômenos naturais, foi suficiente. Mas, quanto a essa questão, bela amiga, poderíamos da mesma forma nos perguntar por quê Deus não ordenou que os homens façam os trabalhos das mulheres e elas façam os dos homens. (...) Deus estabeleceu, então, que o homem e a mulher deveriam servi-lo de modo diferente, ajudando-se e confortando-se mutuamente (...) (PIZAN, 2012, p. 90-91)

Diante da pergunta e da resposta, é possível ver que, apesar de todas as respostas e esclarecimentos já oferecidos pela Dama Razão, Christine ainda precisa sanar algumas dúvidas que ajudarão no momento de erguer seu império. Isso não se classificaria como uma dúvida perante os ensinamentos de Razão, mas sim como Christine, com os iniciais panoramas apresentados pela Dama, começa a colocar em pauta tudo o que é dito e aceito como verdade. Começa a colocar o leitor, inclusive, como responsável por aquilo que é pregado na sociedade, afinal, uma das defesas das Damas ao longo do texto é justamente que, ainda tendo escritos que difamam as mulheres, mais preocupantes são aqueles que não se questionam sobre o que é lido.

No excerto, Dama Razão, mesmo sendo um ser Celestial, afasta-se da arrogância em crer que possa ter todas as respostas e, provando isso, coloca Aristóteles como um grande detentor do conhecimento. Além disso, ao mencioná-lo, a Dama mostra humildade em afirmar que, apesar de elevar as mulheres dentro dessa Cidade, ela não nega que os homens também têm caráter fundamental da construção da sociedade. Isso fica claro, inclusive, quando, analisando a pergunta de Christine, Razão mostra que, mesmo prezando pelo equilíbrio entre as pessoas e por seus prestígios no contexto, era necessário admitir, também, que cada um é responsável por assumir cargos que lhes competem de acordo com as funções destinadas por Deus. Além disso, explica que Ele é justo quanto aos seres que criou: não para serem uns submissos aos outros, mas para caminharem lado a lado, apoiando-se. Pizan, ao escrever geralmente prezando os ensinamentos divinos, revela a prudência e resignação perante um poder maior.

Mas há loucos que acreditam que quando eles escutam dizer que Deus fez o homem a sua imagem e semelhança, que se trata do corpo físico. Isto está

errado, pois Deus ainda não havia tomado forma humana. Trata-se, ao contrário, da alma, a qual é consciência sensata e durará eternamente à imagem de Deus. E, esta alma, Deus a criou tão boa, tão nobre, idêntica no corpo da mulher como no corpo do homem. Mas, voltando sobre a criação do corpo, a mulher foi feita pelo criador soberano. E em que lugar ela foi feita? No paraíso terrestre! E foi feita com que? Terá sido de matéria vil? Não, pelo contrário, da matéria mais nobre que havia sido criada! Pois, foi do corpo do homem que Deus a criou. (PIZAN, 2012, p. 81-82)

Inicialmente, Razão atribui, de certa maneira, uma grande responsabilidade aos leitores “loucos” em interpretarem as Sagradas Escrituras de modo a acreditar na semelhança física entre homem e Deus, e não em suas qualidades da alma. Essa crítica mais explícita, chegando a chamar de “loucos” os homens que assim interpretam as Escrituras, ocorre para enfatizar a fidelidade para com as leis divinas, e que mesmo um homem, tendo um título de grande poder na terra, não é capaz de mudar os ensinamentos divinos.

Justificando a essencial presença de homens e mulheres dentro de uma sociedade, Razão começa a exemplificar a Christine as diversas damas que contribuíram para a história e que são merecedoras de adentrar os férteis campos do conhecimento da Cidade das Damas. As primeiras mencionadas são a imperatriz Nicole e rainha Fredegunda. A primeira, herdeira dos faraós e, por seu governo tão prudente e exemplar, conquistou os reinos da Arábia, da Etiópia, do Egito e da ilha Meroé. Tão fundamental que Dama Razão diz que ela é mencionada na Santa Escritura: uma mulher virtuosa como exemplo a ser seguido. Brevemente falando da primeira mulher notável, a Dama não se demora ao mostrar que essas virtudes não se encontram somente em rainhas as quais têm uma vida somente de comedimentos e virtudes, pois, ao exemplificar Fredegunda, ela mostra que “apesar de sua crueldade, incomum à natureza feminina, esta dama governou a França com muita sabedoria, após a morte de seu marido, em um momento de forte perigo e instabilidade (...)” (PIZAN, 2012, p. 93). Ou seja, a justificativa de ter sido uma mulher cruel em alguns momentos é justamente pelo fato de a França passar por momentos de dificuldade extrema e ela, então tomando a frente do império, era responsável por manter a ordem, tentado governar, fielmente, no lugar de seu marido morto, já que o filho, herdeiro do trono, ainda era muito novo. Assumir a responsabilidade por um governo que antes era comandado por um homem e se mostrar uma mulher forte e capaz para continuar de onde seu marido parou era visto como um ato de coragem, pois não só foi fiel às leis criadas pelo marido, como também assumiu uma responsabilidade de manter o reinado para seu filho. Razão também conta, como estratégia argumentativa, que, não bastando ter essa coragem, ainda mostra a

todos os barões do reino que ela governaria por seu filho, já tratando-o como rei. Aqui, ao contrário de uma submissão ao marido ou ao filho (homens), Fredegunda se mostra leal aos mandamentos terrenos, pois, ainda que ela governasse, o representante deveria ser um rei. Ela, com sabedoria, não desestrutura as regras do reinado, mas sim estabelece, de maneira sensata, um governo que será atribuído àquele a quem realmente deve pertencer o trono, mantendo, pois, o harmônico andamento da sociedade.

Ao final do diálogo com Dama Razão, Christine já começa a compreender com mais clareza o que não deixava com que ela visse as qualidades femininas, tanto que analisa o bom senso das mulheres vendo “clérigos sábios e, até mesmo, os mais famosos, faltando-lhes discernimento em suas condutas e nas suas vidas privadas” o que, como diz, a “deixa profundamente surpresa. Pois, sem dúvidas, as ciências geram os costumes e ensinam a viver sabiamente.”. É importante a menção desse trecho em particular, pois mostra maior sensatez ao questionar Dama Razão: agora, Christine faz perguntas sobre o mau comportamento de homens considerados virtuosos dentro da sociedade, mas que, na verdade, pecam muitas vezes em suas vidas privadas. Isso se difere do que acontecia anteriormente: ao contrário de Christine ter maior confiança sobre o bom comportamento de muitas mulheres, ela sempre questionava sobre sua má conduta em relação aos homens que as julgavam, acreditando que essas autoridades não eram passíveis de erros. A resposta de Razão retoma a técnica argumentativa usada por Pizan em diversas partes do texto de colocar homens e mulheres em um mesmo nível para que o equilíbrio possa ser alcançado: “(...) essa prudência de que falas, saibas que ela vem da própria natureza do homem e da mulher. Uns têm mais, outros menos. Ela não vem do saber que, todavia, coroa aqueles que, naturalmente, são dotados.” (PIZAN, 2012, p. 154). A prudência aqui mencionada é aquela adquirida com a experiência, com lembranças do passado que servirão de exemplo para a boa conduta do presente. Por esse motivo, e voltando à formulação dos *Espelhos do Príncipe*, a importância do julgamento dos próprios atos é essencial para o bom andamento da sociedade, pois é a partir desse momento em que o homem, refletindo sobre si mesmo, pode enxergar as virtudes e os pecados dos quais é capaz.

A proposta da reflexão do homem sobre si mesmo é parte preponderante da obra, pois são momentos destinados ao pensamento do homem sobre seus atos para refleti-los na sociedade. As damas colocadas dentro da Cidade precisam, antes de tudo, ser virtuosas quanto aos preceitos divinos e àqueles aceitos e vigorados na sociedade, para que, dessa maneira, possam construir uma sociedade em sua plenitude moral e

ética. Ponderando então sobre o que seria do campo das virtudes para contemplar a Cidade, as personagens do livro são reflexos de uma autora que estava vivendo um momento de reinterpretação dos poderes monárquicos, principalmente pela parcial ruptura com o clero. Nesse caso, a reconfiguração do reinado francês e o questionamento das ordens até então vigentes para a elaboração dos *Espelhos do Príncipe* são essenciais a fim de que, dentro da obra, uma organização inicial seja feita de maneira a solidificar as iniciais construções: primeiro, as dúvidas são sanadas para, posteriormente, edificar a Cidade em um campo livre de muitas imposições e questionamentos inaceitáveis.

Grande parte dessas técnicas utilizadas pela autora é resultado da criação de Pizan com ensinamentos humanistas, que a encaminharam ao pensamento sobre a condição do feminino naquela época e, por conseguinte, à crítica mais aprofundada das obras que tratavam desse assunto. Ao traçar o perfil do monarca em um movimento ensimesmado e refletindo isso para a comunidade, Christine de Pizan caracteriza, inclusive, o ideal para a sociedade do século XIV: pessoas que, perante a coletividade, deveriam contemplar as ações não em valores preestabelecidos que justificariam suas ações ao longo da vida, mas sim em feitos dos quais eram responsáveis, com certa autonomia, sabendo que isso geraria consequências. Não estamos, aqui, rechaçando a providência divina que acompanhava o homem medieval, mas mostrando que Pizan compreendia os valores virtuosos que o povo deveria seguir, responsabilizando-o por suas ações. Nesse sentido, essa autora coloca em voga as questões sobre moral e ética, prezando pela boa convivência a partir desses princípios que deveriam ser os regentes sociais. Essa escrita reflete o desejo da autora em ver seus leitores seguindo o caminho da virtude e seguindo os mandamentos de Deus (REIX, 2008, p. 65).

Diferentemente dos tratados de *Espelhos do Príncipe* que Pizan escrevia, *A Cidade das Damas* é uma obra que toma por base, principalmente, o recurso do *exemplum*, ou seja, a autora elenca uma série de modelos de mulheres para provar que esse gênero pode ser virtuoso frente à sociedade patriarcal e, por isso, podem conquistar espaço dentro do contexto do Medievo. Dizemos que isso se difere do recurso de *specula* (que retoma aquela noção que conhecemos como espelho) utilizado nos tratados, justamente por não objetivar somente a promoção, nessa obra, de um molde comportamental para que houvesse a aceitação das mulheres na Cidade, ainda que haja, previamente, a seleção das virtudes femininas esperadas para que possam adentrar a

esse espaço ideal e embora claramente o leitor mais atento já saiba quais características teriam essas mulheres renomadas que poderiam integrar o império.

CAPÍTULO 2

A ALEGORIA: FUNDAMENTAÇÃO DO ESPAÇO IDEAL E SUA COMPOSIÇÃO

2.1 – O BELO E A CRIAÇÃO ALEGÓRICA: A VOZ NO ESPAÇO REAL E AS VOZES NO ESPAÇO IDEALIZADO

Dentro da obra de Pizan, para a criação das Damas Celestiais, é necessário o uso de uma técnica para que elas surjam dentro do mundo real em que Christine estava inserida. Dessa maneira, a autora utiliza um dos recursos mais recorrentes e aceitos entre os autores medievais: a alegoria. Esse artifício, iniciado desde as primeiras interpretações de Homero, era preconizado na arte como um estilo de escrita responsável por, principalmente, remeter ao mundo terreno os significados, as virtudes e os vícios que pertenciam ao âmbito do espaço divino, com o caráter moralizante que era necessário para a época. Isso porque os indivíduos do Medievo não concebiam a criação artística desatrelada da ideia que se tinha de Deus e de tudo o que Ele havia criado, considerado, portanto, as bases primeiras para a sociedade. A fim de que essa moral fosse atingida e os sujeitos compreendessem a supremacia divina e primordial para a concepção de toda a terra, a alegoria era responsável pela personificação de vícios e virtudes, para que, dessa maneira, o entendimento fosse mais facilmente garantido diante do reconhecimento de formas já habituais entre as pessoas do Medievo.

Assim, envolvendo todas as obras e áreas do conhecimento, desde as ciências exatas à literatura, a alegoria se fazia presente no intuito de, cada vez mais, aclarar o entendimento do ser humano sobre os preceitos divinos. Na arte, porém, ela era mais recorrente, pois os artistas buscavam eternizar aquilo que se considerava divino, justamente por acreditarem serem os exemplos necessários para uma população seguir. Ao utilizarmos, portanto, o conceito de alegoria, dentro do texto de Pizan, não podemos fechar os olhos para o belo artístico no Medievo, principalmente por esse recurso estar vinculado ao que era considerado belo, sendo este a harmonia entre as partes e a alegoria o artifício utilizado para expressar essas adequadas proporções. Desse modo, Christine de Pizan cria as Damas Celestiais, personificando os exemplos máximos das três virtudes essenciais para a composição da Cidade e, através delas, mostrando as vozes que auxiliarão na edificação desse espaço ideal. Elas, representadas pela alegoria (as virtudes em corpos de mulheres), reorganizam um equilíbrio antes perdido dentro da sociedade dos homens, em que o rechaço às mulheres ocorre de maneira clara.

Dizemos isso, no início deste capítulo, pois a intrínseca relação da beleza, da alegoria e das vozes presentes dentro da obra é bastante nítida quando entendemos a técnica como produtora da arte e também como formadora das vozes que, principalmente, são compostas pelas três Damas Celestiais. Dessa maneira, a relação entre esses três elementos se torna bastante recorrente na análise deste tópico, pois é a partir dela que poderemos verificar a edificação da Cidade e a formação dos discursos de outras damas idealizados também dentro desse espaço.

Inserida no contexto medieval, a atribuição de beleza à arte se configurava pelo sentimento de comunhão com o divino, ou seja, não havia uma maneira de desvincular o belo daquilo que era ligado a Deus, já que nele reinava a perfeição e só nele poderia existir uma beleza bendita. É essencial aclarar esse pensamento da Idade Média, pois a beleza para o homem do Medievo não dependia puramente da interpretação que se dava a ela, já que o belo residia na coisa em si, fosse ela a natureza ou a simples alegria de viver, e como Deus era o provedor de tudo o que havia na Terra, impossível era afrontar o que Ele criara como belo. A beleza para o homem não era conceber autonomia do produto artístico, mas sim dele deprender a relação entre o produto e a virtude atribuída a ele por Deus, relação esta exclusivamente concretizada pelos sentidos (ECO, 2010, p. 40). Dessa maneira, o belo era considerado um valor inerente ao que se caracterizava como arte, e não um valor somente atribuído pelos homens a um determinado objeto. Estes estavam incumbidos de interpretar as obras divinas de modo que elas sempre enaltescessem as perfeições dos trabalhos de Deus e que eles fossem alvo de um deleite comedido na Terra. Usamos aqui o termo “obra divina” para tudo aquilo que se refere ao cosmo, à natureza, à religião, às obras de arte representantes da vida, mas sempre visando o equilíbrio do espírito, sem exaltações.

“(…) se o belo era um valor, devia coincidir com o bom, com o verdadeiro e com todos os outros atributos do ser e da divindade. A Idade Média não podia, não sabia pensar em uma beleza ‘maldita’ ou, como fará o século XVII, na beleza de Satanás. Nem mesmo Dante conseguirá isto, apesar de entender a beleza de uma paixão que leva ao pecado.” (ECO, 2010, p. 35-36)

A percepção do belo, então, para ser adequadamente utilizada na arte, relacionava-se à emoção estética que, por sua vez, estava intrinsecamente ligada à audição e à visão, como elementos cruciais para atingir o belo, pois a sensibilidade do sujeito dependia, principalmente, desses sentidos para que o contato com a natureza fosse realizado. Essa noção é apresentada nas primeiras páginas do livro quando a personagem Christine, num primeiro contato com as Damas, menciona que não sabe

“qual dos sentidos foi mais solicitado por sua presença”: se a audição, “escutando sua fala digna”, ou se sua vista, “contemplando sua tão grande beleza, seus adornos, a distinção de suas maneiras e a nobreza de sua face” (PIZAN, 2012, p. 64). A experiência obtida particularmente através da visão era necessária para o alcance da arte, já que “a coisa bela requer ser vista como tal e o produto artístico é feito em função de uma visão: pressupõe a experiência visual subjetiva de um espectador potencial” (ECO, 2010, p. 155). O primeiro contato que Christine tem com as luzes, ao ser retirada da sombra que cobria todo seu escritório, é o visual, é aquele que preencheu a obscuridade de seu olhar diante dos maldizeres dos autores para com o feminino. A percepção da beleza, aqui, como conexão com a divindade, ocorre no momento em que logo depois, apesar do espanto causado pelo contato com as Damas, os sentidos são aguçados de modo a chegar à compreensão sobre a visita dessas mulheres. Essas divindades, de suntuosa beleza, ao longo da narrativa, cumprem o papel da beleza: causam deleite tanto aos olhos quanto ao espírito da personagem; este segundo, pois Christine estava em um mar de cegueira quanto à sua posição perante os homens, acalma sua mente e coração diante das explicações das Damas. Aqui, o equilíbrio é alcançado para harmonia entre corpo e alma, o que, de certa maneira, é refletido para toda a sociedade. Exemplo bastante claro do que vem a ser essa beleza oriunda das adequadas proporções é quando Dama Justiça, ao dirigir a palavra a Christine para se apresentar, discursa:

Amiga Christine, eu sou a Justiça, a filha predileta de Deus, e minha essência procede diretamente da sua pessoa. Minha morada é tanto no céu, como na terra ou no inferno: no céu para glória dos santos e das almas bem-aventuradas; na terra para distribuir a cada um a parte de bem e de mal que ele merece; no inferno para punir os indivíduos de má índole. Não pendo para nenhum lado, porque não tenho amigo nem inimigo e minha vontade é inatingível; a piedade não pode me vencer, a crueldade não me comove. (...) Eu estou em Deus e Deus está em mim, pois somos, digamos assim, uma única e mesma coisa.” (PIZAN, 2012, p. 70)

Quando Justiça mostra a Christine sua identidade, ela ainda demarca, nas falas seguintes, a sua importância em negar os vícios, como forma de fugir do pecado, e ponderar as virtudes, de modo que também não haja exageros no que concerne o equilíbrio espiritual. A beleza, nesse caso, encontra-se na maneira como ela se abstém de pertencer exclusivamente a um lado, ou seja, ela sempre representa o contrapeso tanto para o bem quanto para o mal, já que, apesar de afeiçoar-se pelas virtudes, Justiça tem consciência de que o demasiado reconhecimento dessas mesmas virtudes pode levar o homem à arrogância. E, claro, o contrário também é válido: ao se voltar às tentações e

aos pecados, os homens tendem a fazer mal à humanidade, pois, dessa maneira, cerceiam a sociedade de vícios que prejudicarão a boa conduta daqueles que podem seguir esses maus exemplos.

Exemplificando isso, Guilherme de Alverne, em 1228, propõe que a percepção da estética e da beleza se dava diante de uma ação honesta, pois tanto agradava a quem a via (externamente) quanto causava deleite à alma (interior), ou seja, o equilíbrio entre o agradável aos olhos e aprazível aos sentidos pelo indivíduo ao observar o objeto caracterizava a beleza pregada pelo homem medieval e a única que poderia existir, já que, se isso não ocorresse, o descompasso entre sujeito e sentidos aconteceria. A relação de beleza aqui conceituada, porém, não se liga somente ao belo aprazível à visão, mas também, e principalmente, ao equilíbrio que as coisas proporcionam, sendo elas fisicamente belas ou não, pois até mesmo o que é feio é necessário existir para ressaltar o outro lado, equalizando, portanto, a natureza. “O belo é o que é preferível por si e louvável, ou o que, sendo bom, é agradável porque é bom” (Retórica 1, 9, 1366 a 33 *apud* ECO, 2010, p. 53). O que Aristóteles fala sobre louvável e bom é ligado à questão moral dos homens e àquilo que Alverne menciona acerca da honestidade do belo, visto que a Idade Média, ligada às virtudes divinas e estas regendo as leis dos homens, pregava que a harmonia social somente seria alcançada quando os sagrados mandamentos fossem cumpridos com esmero. A honestidade, portanto, é esse equilíbrio entre o físico e o espiritual, alcançando a ponderação.

O caráter alegórico da escrita foi utilizado desde as interpretações de Homero para justificar a presença, principalmente, da moral dentro das obras medievais. Por meio da personificação das qualidades morais de bom uso perante a sociedade, essas deveriam ser reconhecidas pelos leitores como forma de constituir um local culturalmente aceito como correto diante dos ensinamentos divinos e da organização terrena, e praticadas para que a harmonia social fosse preservada (CALADO, 2006, p. 45). Pizan costuma escrever suas alegorias de modo a privilegiar os sentidos morais, pois eles sim são duráveis tanto quanto a persuasão racional (REIX, 2008, p. 59).

A criação da arte, neste trabalho, vincula-se à maneira como a Idade Média entendia a produção artística e como Pizan integra isso à sua obra. Voltando ao excerto, podemos dizer, portanto, que a autora, ao escrever a Cidade das Damas, acredita no belo como aquilo voltado, também, à política e à conduta moral, já que, assim como a beleza, são também criações divinas e, logo, deveriam promover o bem, causando estabilidade de corpo e espírito. No excerto, Justiça se mostra parte essencial de Deus e, por isso,

todas as suas criações dependiam inclusive dela, pois a impossibilidade de dissociar Deus dessa virtude é tão grande, que as coisas por ele criadas sempre prezavam pelo equilíbrio das paixões. Notamos, portanto, que a arte, dentro da obra, não se desvincula das questões políticas e sociais no contexto do Medievo, pois ela, como parte determinante da sociedade, auxilia a cumprir com o papel de *specula* e de *exemplum*.

No decorrer da obra, a segunda Dama a se apresentar é Retidão, que profere as seguintes palavras:

Eu sou o escudo e a defesa daqueles que servem a Deus. Faço obstáculo à força e à potência dos perversos. (...) sou sua advogada no céu. Faço recompensar as penas e os benefícios. Seguro na minha mão direita essa espécie de bastão resplandecente que é a régua que separa o bem do mal e o justo do injusto: quem a segue nunca se desviará. “Os justos se unem a esse bastão da paz e se apoiam nele; já os perversos com ele levam pancadas e surras.” (PIZAN, 2012, p. 69)

Retidão desenha sua imagem como aquela que segue os caminhos da equidade para se chegar à justiça, separando, com seu bastão, aqueles que apresentam virtudes daqueles que carregam vícios. É interessante notar que o discurso proferido pela Dama Retidão é o fio condutor entre as três Damas Celestiais, pois, com o objetivo de traçar o caminho reto e constante para se chegar à justiça, ela utiliza como alicerce os ensinamentos de Razão e toda sua técnica argumentativa para saber discernir o certo do errado. É significativo salientar esse ponto, pois a representação na trama das três divindades se dá através de um recurso da arte bastante recorrente na Idade Média: a alegoria. As Damas, personificando as três virtudes que guiavam o homem do Medievo, representam o acordar para a iluminação dos conhecimentos e enxergar que uma nova interpretação dos textos é possível.

Como se saísse de uma sombra rumo à descoberta de novos conhecimentos, Christine, em meio ao desespero de se saber mulher no entorno do Medievo, recebe, então, Razão, Retidão e Justiça, as três Damas Celestiais alegóricas que lhe aparecem em um ambiente situado no plano das ideias, o que proporcionará, ao longo da narrativa, que seja permitida à personagem a concretização de suas ideias, ainda que dentro de um espaço fictício. No decorrer do trabalho, o estudo acerca das Damas, tanto em sua composição alegórica quanto em sua ação representativa dentro da obra, tem grande destaque, pois elas são essenciais para a produção da Cidade, ainda que a personagem Christine seja a responsável por apresentá-las ao leitor.

O esplendor, que de suas faces emanava, arrojava-se sobre mim, iluminando todo o compartimento. Inútil perguntar se fiquei deslumbrada, sobretudo porque as três damas conseguiram entrar, apesar das portas estarem fechadas.

Temendo que fosse alguma visão tentadora, fiz o sinal da cruz na testa, tão grande era meu medo. (PIZAN, 2012, p. 61)

Ao deslumbrar-se com o desconhecido, ainda que o temendo, Christine deixa que sua curiosidade seja maior e mais forte que o assombro e o receio de algo que poderia ser uma visão tentadora, e escuta, de imediato, as palavras da primeira Dama que a ela se dirige. É interessante notar aqui o medo que tem a personagem de sucumbir à tentação, pois, como temente a Deus, preza por seguir suas virtudes e delas fazer bom uso. Além disso, nesse mesmo momento, ela se mostra obediente às regras superiores quando faz o sinal da cruz para se proteger do mal que poderia adentrar sua oficina de estudos. Destacamos essa obediência da personagem, pois inicialmente ela afirma ter ficado deslumbrada não somente com a aparição das Damas, mas também com a possibilidade de sua entrada em um lugar com portas fechadas. Alegoricamente, as portas fechadas impediriam tanto a introdução de novos conhecimentos quanto de outras pessoas, fossem elas boas ou más. Esse invólucro, portanto, é quebrado com a chegada das Damas que, de maneira alegórica, representando as três virtudes, invadem luminosamente o quarto embebido de alguns pensamentos que faziam Christine acreditar-se um ser ignóbil. Ademais da ideia de iluminar a mente de Christine através do conhecimento, as três Damas alegorizam uma “nova” autoridade social, pois a Cidade criada por elas e por Christine, abrigando um conjunto de mulheres virtuosas, incorpora no pensamento do leitor um novo conceito de tratado político e social, em que mulheres, desde as figuras mitológicas até as damas francesas, são responsáveis pela coordenação.

As mulheres foram por tanto tempo abandonadas sem defesa, como um campo sem cercado, sem que nenhum herói viesse socorrê-las; e no entanto, segundo a justiça, os homens nobres deveriam tomar a defesa delas. Mas, por negligência ou indiferença aceitou-se que elas fossem maltratadas. (...) Na ingênua bondade delas, seguindo nisso o preceito divino, as mulheres sofreram paciente e educadamente os grandes insultos que lhes fizeram, para erro e prejuízo delas, tanto por palavras, quanto por escrito, fazendo referência a Deus da legitimidade do seu direito. (PIZAN, 2012, p. 66)

Nesse trecho, percebemos a confirmação da causa que levou as Damas a adentrarem o escuro quarto e, paralelamente, o confuso estado mental em que se encontrava Christine, protegida pelas portas que, muitas vezes, evitariam a entrada do mal que a cercava, já que não havia a proteção daqueles que foram incumbidos disso. Assim, as Damas tentarão iluminá-la para retirá-la da ignorância sobre a qual estava submersa.

A alusão à luz, ainda, deve ser pensada dentro do período do Medievo, já que é bastante marcado também o gosto que filósofos e místicos têm pela luminosidade e pela luz solar; muitas obras retratam o fulgor com que se veem luzes transparecendo vitrais de igrejas e entrando pelas janelas das casas (ECO, 2010, p. 92). A criação da situação fictícia do aparecimento das Damas dentro de um espaço verossímilante ao escritório que Pizan utilizava para seus estudos, podendo, portanto, ser considerado real, faz com que o leitor possa ter uma visão mais concreta sobre aquilo que se espera da construção da Cidade: mostrar que, através dos estudos e do conhecimento reais, aos quais se pode ter acesso na esfera medieval, é possível vislumbrar esse espaço apresentado pela autora. Ora, se aquilo que se objetiva é cultivado pelo que já é existente e de conhecimento de grande parte do público letrado, por que não seria possível que essa Cidade fosse deveras criada?

[...] viemos anunciar-te a construção de um edifício, construído como uma cidade fortificada, com excelentes fundamentos. Foste tu a escolhida para realizar, com nossa ajuda e conselhos, tal construção, onde habitarão todas as damas de renome, e mulheres louváveis, uma vez que os muros de nossa cidade serão fechados a todas aquelas desprovidas de virtudes. (PIZAN, 2012, p. 68)

Embora o significado de autoria pouco ou nada fosse reconhecido no Medievo, é indubitável que Pizan afirma sua voz dentro das obras que escrevia. Ao colocar a personagem Christine para ser guiada dentro do livro pelas Damas, ela também faz com que essa personagem dê espaço a outras vozes femininas que, ao menos dentro da *Cidade das Damas*, poderiam mostrar suas histórias e os valores agregados à sociedade. Isso se realiza, como foi dito, ao dar forma às Damas e ao espaço ideal, que por elas será construído e habitado por outras vozes que terão direito de ser externadas dentro dessa Cidade.

[...] quando repentinamente vi cair no meu colo um feixe de luz, como se fosse um raio de sol penetrando ali, naquele quarto escuro, onde o sol nunca poderia entrar naquela hora, então despertei-me em sobressaltos, como quem acorda de um sono profundo. Erguendo a cabeça para olhar de onde vinha aquele clarão, vi elevarem-se diante de mim três damas coroadas, de quão alta distinção. (PIZAN, 2012, p. 61)

Christine, estupefata com essa aparição, mostra-se despertando para a luz, para ver e compreender quem seriam aquelas damas que podiam aparecer em um lugar onde não poderia haver luminosidade, não naquele momento. Essa parte vem logo após as divagações que Christine tem sobre sua condição como mulher e chora ao carregar o fardo de Deus tê-la criado um ser frágil e débil. Essa escuridão (ou cegueira) mencionada no início do livro refere-se não só ao próprio quarto escuro onde se

instalava Christine, mas também, e principalmente, ao seu espaço interior, abrasado por maus sentimentos sobre o gênero feminino. Dentro desse aspecto de que nos valemos cada vez mais do estudo da alegoria e dos significados que ela acrescenta ao texto, o homem medieval, em sua busca por explicações e organização de ideias dentro da sociedade em que vivia, estava rodeado de sentidos acerca das coisas que conhecia. Um objeto não necessariamente carregava consigo *ipsis litteris* a definição que lhe era atribuído, sendo ele passível de mudanças de acordo com as necessidades daquele que usufruía de tal objeto. Os múltiplos significados, porém, que ele suportava sempre eram manifestações de Deus, “em uma natureza que falava continuamente uma linguagem heráldica, na qual um leão não era só um leão, uma noz não era só uma noz, um hipogrifo era real como um leão porque, como este, era signo, irrelevante existencialmente, de uma verdade superior”. (ECO, 2010, p. 104-105)

Por isso, a recorrente argumentação das Damas mostra a ela que o feminino, em muitos aspectos, poderia ser mais valorado que o próprio homem, claro que não excluindo o valor deste no contexto, mas atribuindo singularidades que os diferenciavam acerca das responsabilidades que tinham socialmente em determinadas atividades. Graças à falta de robustez, por exemplo, elas não são passíveis de cometer terríveis atrocidades e crimes que são cometidos utilizando a força bruta (PIZAN, 2012, p. 98). A Dama Razão termina esse raciocínio dizendo que “teria sido melhor para muitos homens fortes se tivessem passado sua peregrinação, aqui na terra, em um fraco corpo feminino” (PIZAN, 2012, p. 98) e, logo depois, volta ao assunto sobre a recompensa de Natureza para com as mulheres atribuindo-lhes virtudes. O que é notável nesse capítulo é como a Dama formula o último raciocínio sobre a felicidade que seria para alguns homens passar pela terra em corpo de mulher e, já de imediato, suspende o assunto e volta a falar das virtudes das mulheres. É interessante analisar essa suspensão abrupta pela Dama sobre o assunto: ao quebrar o raciocínio e voltar a falar das virtudes femininas, a personagem mostra uma posição prudente para não estender uma crítica mais veemente que poderia ser elaborada. Dessa maneira, não comprometeria seu papel de conselheira sábia e sensata ao deixar margens para que o leitor compreendesse o homem como ser inferior, desprovido das virtudes mencionadas. Isso porque a argumentação corrente na obra fortifica suas bases na consciência de respeito às exigências prescritas pelo cânone.

Para isso, a escritora continua seu trabalho alegórico ressaltando pontos determinantes que resistiam aos olhares já marmorizados por uma tradição que demarcava cada vez mais o papel desfavorável das mulheres.

Os olhares que estereotipam as mulheres, portanto, foram cada vez mais arraigados na sociedade pela confirmação de interpretações mal elaboradas que desqualificavam valores femininos. Pizan busca chegar aos seus leitores através dessa alegoria, que, ademais de ser um recurso característico da Idade Média, auxilia para que a compreensão seja mais nítida, para que não haja falha quanto à interpretação: ao materializar pecados e virtudes, as pessoas podem observar com mais concretude o que se passa dentro do contexto corrente, a análise, então, torna-se palpável e a argumentação mais consistente. Logo, o objetivo das Damas em propagarem a importância das mulheres que tanto insistiam em reduzir é alcançado com mais veemência. Isso demarca o espaço em que Christine de Pizan escreve, pois sabe que está redigindo a um público feminino que, apesar de ter acesso a parte dos estudos, ainda estava subjugada aos valores que lhe eram atribuídos, e a um público também masculino, muitos deles responsáveis por essa definição de características. A esse público masculino, Pizan mostra conhecer aquilo que escreve, e evidenciando, com isso, o quão apta está para analisá-los sob seu ponto de vista como mulher. Tudo isso sem, claro, deturpar a imagem dos bons autores, estabelecendo, então, as margens de sua prudência e decoro frente àqueles que são alvos de julgamentos.

É assim que as Damas aclaram seu objetivo ao aparecerem a Christine e é desse modo, inclusive, que elas começam a detalhar as bases que fortificarão a Cidade ideal: o trabalho com todos os textos estudados por Christine, principalmente aqueles que compreendem os maldizeres sobre as mulheres. Nesse sentido, o que fundamentará as bases da Cidade não será somente o conhecimento letrado da personagem, mas também os argumentos utilizados pelas Damas sobre os escritos que financiavam a conservação dos costumes que caracterizavam a inferioridade das mulheres.

O homem medieval, portanto, em sua busca e trabalho com o belo, prende-se ao uso das alegorias, as quais aguçam o espírito e fazem da escrita algo mais elaborado que possa ser transmitido ao outro como arte, adornando o estilo para esse fim. E, ainda que, hoje, o homem da modernidade talvez não faça uso alegórico recorrente assim como no período medieval, é fundamental compreender o modelo de estética para o artista do passado, entendendo que o estudo desse panorama do Medievo só é possível quando sabemos como se concretiza a exigência de esteticidade medieval (ECO, 2010, p. 110).

Coaduna-se a isso um legado da literatura Antiga¹⁷: o trabalho com o sonho e como ele pode ser apresentado como forma de premonição, uma mensagem oracular. Em muitos poemas homéricos, por exemplo, os sonhos apareciam como base para que a narrativa pudesse ser construída e elaborada, justamente porque seria através deles que a personagem receberia a anunciação de uma mensagem, a qual necessitaria de interpretações para ser entendida e, futuramente, prevenir a personagem da iminência de algum acontecimento. Quanto mais importante fosse o sonhador, mais relevante seria a mensagem recebida (CALADO, 2006, p. 40). Na Idade Média, porém, a relação onírica com a realidade se modificou um pouco: o sonho não mais estava estritamente vinculado somente a uma certeza oracular, mas representava verdades ou ilusões, muitas vezes para tentar justificar acontecimentos teológicos que o conhecimento terreno não lograva conquistar.

Esse mundo dos sonhos esteve, durante muito tempo, presente nas obras não só por seguir uma tradição literária, mas também por representar um lugar em que angústias, ideias e fantasias poderiam ter espaço para acontecer. Porém não crendo em uma permissividade abusiva: os sonhos, por conter a característica dessa realidade alcançada por aquilo que se afasta do real, permitiam que os sonhadores reinterpretassem a realidade, já que particularmente essa realidade somente aconteceria no plano das ideias, privando-os, de certa maneira, de ter a oportunidade de configurá-los ao plano terreno. Além disso, havia a questão de os sonhos serem, inclusive, uma forma de materializar algo que não poderia ser expresso como verdade. Assim ocorre com a obra de Christine de Pizan e a construção de um refúgio onde as mulheres se afastariam do rechaço masculino e interviriam na disputa letrada que ela mesma promove nesse contexto. Além disso, com esse espaço onírico, Pizan constrói um novo olhar sobre a situação do feminino na época: sua posição e sua relevância para a sociedade. É dentro desse espaço que ela tem a liberdade de proclamar suas ideias para que elas se tornem um método de modificar aquilo que já era instituído no contexto. As obras de Pizan, geralmente, são escritas de maneira que sempre levem à ordem alegórica da criação: as personificações costumam sempre aparecer dentro de um sonho e se transformam em narradores de um sonho que contarão ao leitor. Isso tudo fazendo com que o texto não só pertença a um plano pessoal, uma narração fictícia somente de um enredo, mas também ocupando os planos filosóficos, didáticos e morais (REIX,

¹⁷ Diz-se aqui, principalmente, sobre os poemas homéricos, as obras de Platão, Aristóteles e Cícero que regiam grande parte da tradição literária.

2008, P.55). Ainda que o sonho talvez não represente, na obra, a previsão de uma realidade, o fato de poder comunicar a possibilidade da concretização da Cidade aos leitores já é uma característica importante ressaltada na escrita de Pizan. Além disso, ao utilizar-se da alegoria para a criação da história, a autora propõe ao leitor a liberdade de decisão do sentido que é dado a ele através de uma figura. Assim, a construção do sentido é responsabilidade daquele que lê, o que faz com que Pizan se destaque de seus predecessores (REIX, 2008, p. 56).

Quando sonha, todo homem é poeta: utiliza os recursos da figurabilidade, a imagem sensível; estabelece analogias que não se impõem à primeira vista; vê o que Walter Benjamin chama de "semelhanças invisíveis;" utiliza a palavra como "coisa," atento ao significante; simboliza; não se dobra ao princípio de identidade impositor da lógica da não-contradição, que trava a percepção do real em toda a sua dinâmica riqueza; e sobretudo, poeta e sonhador, entrando em contacto com o seu próprio inconsciente (tanto o pessoal como o filogenético) descortinam uma realidade que vai além dos limites da sua própria individualidade. Pois a possibilidade de estar próximos das fontes inconscientes propicia-lhes um conhecimento que se poderia chamar de intuitivo no sentido etimológico: de *in* (dentro) + *tuor* (ver); um "ver dentro" que geralmente denominamos, colonizadamente, "insight." (MENESES, 2000)

Nesse contexto, Pizan começa a elaborar a história no momento em que há a passagem inicial do mundo terreno, quando a personagem Christine se dá conta de que diversos autores caracterizavam as mulheres como predispostas ao vício e às más condutas, ao mundo construído dentro da mente da personagem, em que o ideal poderá ser realizado.

Mencionar a construção da história em um espaço onírico é importante para que o leitor entenda, inclusive, como se estabelece a visão de Pizan acerca da constituição ética e moral da sociedade da Idade Média. O título do livro, uma referência à Cidade de Deus [Civitas Dei], de Santo Agostinho, traduzido ainda durante o período de império do rei Carlos V, além de mostrar a intimidade e conhecimento da autora com as Letras, também indica que sua obra será encaminhada para a constituição virtuosa de um espaço, tendo em mente que a obra de Santo Agostinho, bastante influenciado pelas ideias platônicas, visa justamente esta questão: um lugar ideal se baseia no fim encontrado pelo caminho da virtude, o que somente pode ocorrer caso haja o conhecimento e respeito a Deus, além da imitação daquilo que Ele considera correto e harmônico. No Medievo, Deus, responsável por conceber toda criatura, era admirável e inefável em toda e qualquer criação Sua, fazendo-se visível em cada ser da Terra. Era autor de "tudo o que existe, obra do Verbo" (ECO, 2010, p. 119). Essa ideia é repassada ao livro de Pizan desde a elaboração das primeiras bases da Cidade até a colocação dos

tetos dos castelos nela presentes e, não deixando de mencionar, na ordenação de uma mulher que governará esse reino das mulheres. A Cidade pode ser vista, portanto, como um monumento perene erguido e suficientemente fortificado para assegurar que o conhecimento trocado no universo feminino das letras não fosse violado: uma emulação dos textos sobre as mulheres que precedem Christine de Pizan.

A construção dessa Cidade, simbolizando um espaço de refúgio daquilo que impedia as mulheres de externarem seus pensamentos e participarem ativamente da sociedade, apesar de ser elaborada somente para mulheres e ainda àquelas espiritualmente nobres e virtuosas, constitui-se como um lugar que preza pela harmonia entre as partes, já que é onde poderão equiparar-se aos homens no que concerne à manifestação de seus pensamentos e formação de consciência, ademais de ter direitos garantidos dentro do contexto idealizado do Medieval. A materialização desse espaço simboliza o discernimento pela sabedoria da função de mulheres verdadeiramente ilustres na sociedade, pois elas construiriam um local regido pelo conhecimento tanto das leis dos homens quanto das leis de Deus. O espaço idealizado, portanto, seria concretizado no campo das ideias para mostrar, sem desprezar as ideias já existentes e os homens que deram origem a elas, a possibilidade de conviverem equilibradamente, o que não ocorre no espaço real. A proporção das partes a que fazia menção Santo Agostinho é muito utilizada no período da Idade Média e um dos conceitos de beleza mais difundidos. A simetria nesse contexto era valorizada desde o corpo, em que cada membro tinha sua exata função e tamanho para compor o ser humano. Não poderia, dessa forma, ser diferente com as criações de Deus: o equilíbrio e a virtude eram responsáveis pela composição daquilo que era belo; o que pervertia essa realidade se caracterizava como imperfeições que desestruturavam a realidade. Não esquecendo, porém, que o feio não necessariamente pervertia a sua função virtuosa na sociedade, já que ele também era responsável por saltar aos olhos a harmonia: sem a noção do feio, não se podia saber valorizar o belo.

Nestas e em outras visões da harmonia cósmica resolviam-se também as interrogações colocadas pelos aspectos negativos da realidade. Também as coisas feias compõem-se na harmonia do mundo por via de proporção e contraste. A beleza (e esta será convicção comum a toda a Escolástica) nasce também destes contrastes, e também os monstros têm uma razão e uma dignidade no consenso da criação, também o mal na ordem torna-se belo e bom, porque dele nasce o bem, e a seu lado o bem reflete melhor (cf. a *Summa* de Alexandre Hales, II, pp. 116 e 175 *apud* ECO, 2010, p. 74).

O questionamento de Pizan, a partir disso, ergue-se sobre as mulheres, como criações divinas originadas da costela do homem, assim como dita a Sagrada Escritura,

serem condenadas baixo uma autoridade inferior àquela suprema e idealizadora de todas as coisas. Ora, tanto homem quanto mulher formariam o perfeito equilíbrio que Deus intenta ao criá-los: um contrapeso gerado a partir do mesmo corpo, completando-se de forma equalizada. Por esse motivo, é interessante sempre ressaltar e analisar, ao longo do trabalho, como Pizan, para fazer com que as imprecisões e as dúvidas da personagem Christine possam ser esclarecidas e novas ideias reverberadas dentro da narrativa, utiliza-se da alegoria se referindo às Damas Celestiais, seres estabelecidos em um patamar acima de qualquer outro indivíduo pertencente à organização dos homens, para que falem não só por ela, mas por todas as mulheres presentes no Medieval. Durante a argumentação, apesar da importância das três Damas, a que mais leva ressalva é Razão, pois sempre busca fazer a contraposição de ideias de uma maneira justa, cuidando para que não ocorram julgamentos nem pré-conceitos, mas sim elaborando um paralelo a fim de que não sejam omitidos ao leitor os dois lados que podem ser discutidos. Isso porque

O símbolo medieval é maneira de acesso ao divino, mas não é epifania do numinoso, nem revela uma verdade que possa ser dita apenas em termos de mito e não em termos de discurso racional. É, pelo contrário, ingresso ao discurso racional e sua tarefa (falo do discurso simbólico) é exatamente revelar, no momento em que parece didascália e vestibularmente útil, a própria inadequação, o próprio destino (diria quase hegeliano) a ser autenticado por um discurso racional sucessivo. (ECO, 2010, p. 118)

A pluralidade de interpretações de textos para a Idade Média era uma característica fundamental desse período. Cada texto era elaborado de forma que permitisse uma variedade de leitura do todo exegético, em diferentes níveis de sentido (literais, alegóricos), porém sempre encaminhando a mensagem para o divino, para aquilo que era de bem comum da sociedade, ou seja, eram leituras, que apesar de diversas, prudentes. O leitor, então, poderia se apropriar de uma que convinha ao seu nível de interpretação e, no caso de *A Cidade das Damas*, Pizan procura estabelecer esse nível de interpretação racional para justificar as virtudes das mulheres de modo cauteloso, sabendo os limites oferecidos pelos textos para essa (re)interpretação. É importante destacar essa valorização da razão em proveito de realização do belo por Pizan, pois, se levarmos em consideração o título da *A Cidade das Damas* em virtude daquela obra escrita por Santo Tomás de Aquino, podemos verificar uma inclinação da autora pela teorização da linguagem alegórica não mais como a interpretação da alegoria cósmica – muito utilizada antes desse filósofo –, mas sim como um campo pertencente à leitura racional do fenômeno (ECO, 2010, p. 144).

É possível notar, então, como Pizan arquiteta sua narrativa cuidadosamente, sem contradizer o cânone do belo, das autoridades de referência para a construção das obras. E, para ressaltar isso, mostra as Damas alegóricas como personificação dos valiosos preceitos morais da época, preceitos esses representados por três figuras femininas, autoridades dentro da obra. Cada uma dessas mulheres trazia consigo um bastão na mão direita, um dos elementos que destacava suas funções celestiais.

Meu ser perplexo se surpreendia, e eu ficava me perguntando quem seriam. Se tivesse coragem, teria prontamente perguntando o nome delas, a maneira de ser de cada uma, a razão da vinda delas e o significado daqueles diferentes bastões que cada uma tinha na mão direita, pois todos os três eram suntuosos. Como me estimava indigna de fazer essas perguntas a damas, a meu ver, tão distintas, permaneci ali a contemplá-las, sem ousar dizer nada, e continuava fixando-lhes os olhos, metade apavorada, metade tranquila, devido as palavras que acabara de escutar, ao despertar daquele amargo devaneio. (PIZAN, 2012, p. 64)

Diante das Damas, Christine identifica com elas objetos que carregam, os quais as simbolizam. É interessante que esses objetos são essenciais para constituir a alegoria que as três divindades já configuram: os bastões que possuem integram a imagem simbólica dessas mulheres e ajudam a identificá-las, já que, como Christine menciona, “elas se pareciam tanto que se tinha dificuldade em diferenciá-las” (PIZAN, 2012, p. 64). Isso se justifica, pois a tríade formada pelas Damas, apesar de terem funções distintas, apresenta uma unificação plena quando unidos os “bastões”, ou seja, seus cargos, estando elas separadas, não teriam a mesma força para cumprir tanto o objetivo da edificação da Cidade quanto aquele outro proposto por Pizan: reaver e enfatizar as virtudes divinas para relembrar o leitor que somente através delas é possível a sociedade harmônica.

A resignificação dessas figuras clássicas (razão, retidão e justiça), agora como mulheres, não vai de encontro àquilo que era tradicionalmente aceito como valores morais e éticos, pois esses valores eram aqueles que deveriam ser respeitados e seguidos por toda uma sociedade, independente se fossem homens ou mulheres. Logo, por que não representar em um novo corpo propondo que o feminino também participasse da construção social com importante papel? Esse questionamento norteia a nossa pesquisa para a ideia da construção da Cidade somente a partir do momento em que Pizan, elaborando a personagem Christine, permite que as três graças demarquem sua presença dentro do quarto de estudos da personagem. Quase como um paradoxo, o conhecimento adentra a mente de Christine quando ela mais a tem fechada diante de ensinamentos que a levaram a uma inadequada ideia sobre as mulheres. Nas palavras de Le Goff (2005),

de acordo com os elementos que eram prezados pelos escritores do Medievo, a luz e a força estavam dentre os de mais prestígio que se ligavam aos atrativos sensíveis ou às questões abstratas.

Após lamentar a Deus a sua natureza feminina e questionar os motivos pelos quais as mulheres eram tão mal julgadas no meio patriarcal, principalmente durante a leitura de “Lamentações de Matheolus”¹⁸, a personagem Christine cai em profundo desalento perante as leituras que fez e não consegue se consolar por ser alguém naturalmente ruim. Assim, utiliza a razão a favor daqueles escritos:

Apenas essa razão, breve e simples, fazia-me concluir que tudo isso havia de ser verdade, apesar do meu intelecto, na sua ingenuidade e ignorância, não conseguir reconhecer esses grandes defeitos em mim própria nem nas outras mulheres. Deste modo, eu estava me baseando mais no julgamento de outrem do que no que eu mesma acreditava e conhecia. (PIZAN, 2012, p. 59)

Dessa forma, apesar de Christine se encontrar em uma condição que permitia que seu intelecto fosse regado por um vasto conhecimento, ela ainda se questiona sobre a sua inferior natureza de acordo com os dizeres de muitos livros pelos quais está rodeada. O seu descontentamento era tão grande, que, assim como a própria personagem demonstra nas últimas linhas da citação: cria mais em julgamentos alheios do que naqueles construídos por ela própria – e sobre ela mesma.

A ressalva que fazemos aqui é principalmente sobre o uso da primeira pessoa do singular para elaborar a narrativa: o valor que ele representa é o que oferece ao texto uma de suas principais características. É através da elaboração da linguagem com o “eu” que Christine pode se lamentar sobre os maldizeres dos autores acerca das mulheres, colocando-se entre elas e mostrando que também pertence a esse meio que é atingido por julgamentos imprecisos. E é, ao mesmo tempo, por meio do mesmo “eu” que a personagem sai do silêncio imposto às mulheres e chega à consciência de poder oferecer aos textos uma (re)análise que fará com que, dentro da obra, o feminino seja retirado da tradição do ser emudecido em âmbitos intelectuais e dependente do homem para a ascensão social.

A utilização do “eu” para a escrita permeia diversos textos de Christine de Pizan desde seus primeiros poemas, porém esse uso se torna mais frequente e bem mais

¹⁸ A obra escrita pelo francês Mathieu de Boulogne foi composta em 1295 e retrata a infelicidade de um clérigo ao contrair matrimônio com uma mulher que já havia sido casada. Ao descobrirem a traição de sua esposa, os superiores eclesiásticos consideraram-no um bigamo e retiraram todos os privilégios aos quais ele tinha direito. Matheolus culpa a mulher por esse acontecimento e torna-se um dos autores que mais condenam as mulheres como responsáveis, como seres cruéis e grandes responsáveis por desgraças. (SOUZA, 2013, p. 50)

demarcado em *A Cidade das Damas*, em que a posição feminina é afirmada com autoridade perante a voz da personagem Christine e demarcada ao longo da narrativa quando essa voz é transposta às outras mulheres, tanto às Damas Celestiais quanto às damas pagãs, cristãs, hebreias e algumas outras do reino. Além disso, Christine ainda transmite essa autoridade às Damas quando, diante de suas figuras, coloca-se como uma simples e quase insignificante pessoa, que necessita dos aprendizados que somente as vozes divinas poderiam repassar.

Tão logo seus discursos findos, joguei-me a seus pés, não ajoelhada, mas completamente estendida no chão diante delas, em sinal de vassalagem à tanta grandeza. Beije a terra perto de seus pés, adorando-as como deusas gloriosas. Em seguida, dirigi-me a elas suplicando: “Oh! Damas de dignidade soberana, esplendor celestial e luz terrena, fontes de paraíso e alegria dos bem-aventurados! Como Vossas Altezas consentis descer de vossos assentos pontifícios e de vossos tronos resplandecentes para vir a este tabernáculo turvo e obscuro, de uma simples e ignorante estudante? Como vos agradecer por tamanha caridade? A chuva e o orvalho de vossas doces palavras caíram sobre mim; penetrando e umedecendo a secura da minha alma. (PIZAN, 2012, p. 71-72)

Christine, ao se colocar diante das três graças, se apresenta quase como uma vassala diante de suas senhoras; nesse caso, a mulher prudente reconhece a ignorância perante tanto conhecimento, e, sabiamente, permite que as vozes exteriores a ela falem para que esse conhecimento seja adquirido. Após esse primeiro encontro, Christine inicia suas perguntas e, principalmente através delas, as Damas começam a dialogar com ela, mostrando todos os seus conhecimentos tanto para a personagem quanto para o leitor. Dessa forma, a verdade construída tradicionalmente com o discurso varonil e passada aos leitores, pois, é questionada pelo “eu” que sai do campo emudecido e convida outras mulheres a também tomarem seu espaço dentro do enredo e, assim, construir a Cidade. Reix, em *Christine de Pizan et l’écriture de l’allégorisation*, comenta que a instância do “eu”, a qual é oposta ao “ele” dos comentários teológicos (principalmente no que concerne Tomás de Aquino), pode ser uma maneira de convencer o outro sobre as ideias que permeiam o texto ou, inclusive, um modo de exprimir um sentimento pessoal daquele que escreve, o que também era algo inimaginável para a época. Em alguns casos, os dois (REIX, 2008, p. 64). Dessa maneira, Pizan atribui à protagonista da história seu nome e características próprias de sua vida para a elaboração da personagem. O “eu”, portanto, pode ser analisado como uma extensão daquele que escreve, demonstrando alguns sentimentos sobre o que é questionado e, claro, objetivando convencer o outro não só da qualidade intelectual das mulheres, mas também da possibilidade de serem inseridas dentro da sociedade para

que fizessem parte, ativamente, da construção desta. Porém é sempre necessário demarcar que se trata de uma história fundamentada na alegoria e, para tanto, a personagem Christine não chega a ser uma representação autobiográfica real daquela que escreve, mas sim suas dúvidas, suas incertezas e questionamentos, que se estendem a outras mulheres, e são colocados nas páginas de *A Cidade das Damas* para representar um todo feminino do qual ela faz parte.

A escrita de Pizan, com essa peculiar característica, tem voz própria e oferece ao texto um valor considerável que é preciso demarcar. Ao longo da construção da narrativa, Christine apresenta, após o primeiro momento de estranhamento perante a visita das Damas Celestiais, uma extrema intimidade com essas damas representantes de três setores de grande autoridade: Razão, Retidão e Justiça. Isso é provado, ao longo do texto, pelo diálogo estabelecido entre as quatro personagens: não é difícil ler passagens em que as Damas se voltam à Christine chamando-a de “filha” ou “amiga”. Esse diálogo que se estabelece foge da pura narrativa, pois o outro tem a liberdade de ouvir e de contar histórias, de perguntar e de argumentar.

– Dama, os homens fazem bastante uso de um provérbio latino nas suas críticas às mulheres: “Deus criou a mulher para chorar, falar e tear”.

Resposta: “Certo, doce amiga, esse ditado é verdadeiro, seja o que se pense ou diga dele, não se trata de uma crítica. Foi uma excelente coisa Deus ter lhes dado uma tal vocação, pois quantas não foram salvas por choro, fusos e palavras. E aqueles que as criticam por serem derramadas em lágrimas, lembrarei que Nosso Senhor Jesus Cristo, que lê no fundo das almas e de quem nenhum pensamento pode ser escondido, nunca teria condescendido, do alto de sua majestade, em derramar lágrimas de compaixão [...] (PIZAN, 2012, p. 86)

Esse tipo de diálogo é vigente na obra e é base para a sua construção: perguntas e respostas argumentativas norteiam as falas das personagens e buscam a verdade sobre o julgamento feminino. Christine, pelo seu contato recorrente com textos que difamavam as mulheres, sempre questiona as Damas sobre a importância deles e sobre sua veracidade dentro do contexto em que viviam, pois, como ela defende, se grandes autoridades como Santo Agostinho falavam acerca disso com tanta autoridade e eram bases norteadoras para outros escritores, então a lógica de seus pensamentos era apurada. Diante desses questionamentos, defende Dama Razão que Christine estava correta, mesmo porque não se podia negar o conhecimento de diversos autores da época e de seus benefícios para a organização social. Desse modo, assim como no excerto anterior, não negando sua importância, Razão somente ressignifica a verdade que é dita, partindo do pressuposto que os textos, ao chegarem aos leitores, são passíveis de interpretações, principalmente em uma época em que vigorava o trabalho com a

alegoria e com suas múltiplas significações. Chorar, falar e tear eram realmente características constituintes das mulheres, ainda que vistas com maus olhos. Porém, se Jesus Cristo consentia que fossem derramadas essas lágrimas, por exemplo, por que elas haviam de ser pecado? Pecado não seria, portanto, crer que uma criação divina fosse repleta de defeitos? Os discursos que rechaçavam as mulheres, assim, ao longo do texto, originam os mesmos discursos que darão luz à posição delas dentro da sociedade. Pizan, ao fazer isso, retoma as próprias origens bíblicas do ser humano: da costela do homem a mulher foi refeita para, lado a lado, acompanhá-lo.

Dama, disse eu, estou rindo de uma loucura que alguns homens contam, e que me lembro de ter ouvido, até em sermões, por alguns pregadores estúpidos, que, se Deus apareceu primeiramente a uma mulher, foi por ter certeza que ela não se calaria, e que a notícia de sua ressurreição iria, o mais rápido possível, espalhar-se.

Resposta: “Filha, fizeste bem em chamá-los de loucos aqueles que contaram isso, pois eles não se contentam em criticar as mulheres, e conferem a Jesus Cristo tal blasfema, ao dizer que uma coisa tão santa e tão perfeita tenha sido revelada por um vício.” (PIZAN, 2012, p. 88)

Ao longo da conversa entre as Damas e Christine, esta vai se convencendo aos poucos de que realmente muitos discursos, principalmente aqueles mal formulados e ditos por homens sem autoridade, foram única e exclusivamente criados sem uma base argumentativa sólida e para difamar as mulheres. Isso fica bem visível nesse trecho, em que ela se refere aos “loucos” que disseram tal barbaridade envolvendo o nome de Jesus Cristo. Esses homens não se dão conta de que, ao dizer que a mulher não conseguiria se calar frente a uma novidade, estão cometendo uma dupla transgressão: colocando críticas à criação divina ao dizer que a mulher age dessa maneira e afirmando a possibilidade de a aparição de Jesus Cristo ter sido divulgada por um vício.

A consolidação do diálogo entre as damas também se refere ao contato do divino, representado pelas Damas Celestiais, com o terreno, desempenhado por Christine e pelas outras mulheres. Esse contato tão próximo entre as duas instâncias é deveras importante para o entendimento da proximidade com as virtudes, pois Christine serve, aqui, de intermédio para esse contato, uma vez que é através dela, de sua narração, que tanto as Damas Celestiais quanto as damas terrenas podem enaltecer suas vozes. Por meio da alegoria, assim como discutido, Christine pôde alcançar as figuras Celestiais para auxiliá-la na desconstrução de uma ideia arraigada na sociedade. O processo de diálogo que contempla a fala e a escuta, a vasta gama de conhecimento para que a argumentação seja construída de maneira racional e justificável, o resgate daquelas que, em muitos momentos, encontram-se à sombra do discurso patriarcal e,

principalmente, o ato de narrar e dar voz ao outro, revelam uma característica autoral que configura a escrita feminina de Pizan. Dizemos escrita feminina, pois consideramos aqui, primordialmente, o modo como a autora se abstém de sua voz para oferecê-la ao outro.

Como será dito depois, tem-se conhecimento de numerosas mulheres do passado e do presente, que foram grandes filósofas e aprenderam ciências bem mais difíceis e nobres do que as leis escritas e os estatutos dos homens [...] E, a fim de que possas conhecer melhor a verdade, lembrar-te-ei algumas de tuas contemporâneas que, depois de viúvas, conseguiram dirigir tão bem seus negócios, depois da morte de seus maridos, dando prova inegável de que qualquer atividade é conveniente para uma mulher inteligente. (PIZAN, 2012, p. 92)

Antes, pois, de começar a narrativa sobre os nomes femininos virtuosos que levaram adiante os mais vigorosos reinos, Razão fala a Christine que contará as histórias dessas mulheres. Acontece aqui algo um pouco diferente do que houve com a aparição das Damas Celestiais: no início, ao aparecerem as três divindades, Christine se joga a seus pés suplicando que elas enunciem todo conhecimento para tirá-la do campo de ignorância em que se encontrava; agora, a voz que anteriormente fora passada de modo concreto, ou seja, uma se calando e a outra falando, tornam-se três vozes que falarão por outras, não deixando com que essas mulheres falem por si mesmas e escolhendo quais histórias acreditam ser os melhores modelos para Christine se espelhar. A suprema autoridade dessas Damas em contar, com suas próprias vozes, a história do outro é, de certo modo, conveniente para a criação da Cidade, pois, por mais que elas e Christine quisessem elaborar um local em que as mulheres fossem livres para expressar seus pensamentos, somente aquelas virtuosas poderiam fazê-lo. Portanto, dar voz a qualquer mulher, nesse contexto, não seria pertinente ao objetivo textual, além disso, quando se conta a história do outro, o narrador se apossa dos detalhes que são bons para persuadir o leitor quanto àquilo que o locutor espera, não o contrário. Explicita-se isso na passagem do texto sobre Tomíris, rainha das Amazonas, em que Razão diz: “Assim, como podes ver, as Amazonas souberam manter, vigorosamente e por muito tempo, seu reinado. Numerosas damas valentes se sucederam, umas às outras, como rainha. Contentar-me-ei em citar apenas as mais importantes delas, pois a leitura ficaria cansativa.” (PIZAN, 2012, p. 103).

Com bastante prudência, Pizan escolhe biografias de mulheres que eram exemplos de virtude para compor a obra. Várias dessas biografias foram encontradas em *De Claris Mulieribus* de Boccaccio, porém com histórias contadas de maneira a rever os atos considerados ruins pelo autor da obra. Essas passagens revistas não são

consideradas como invenções ou mentiras sobre suas biografias, mas há omissões de certos pontos para que não se comprometam as virtudes das damas. Assim, haveria a justificativa do modelo de virtude que seria mais adequado àquele proposto por Pizan dentro da narrativa. Para isso, a autora, quando se refere a algum tipo de imoralidade cometida pelas damas apresentadas, justifica-as com o principal argumento do contexto em que elas estavam inseridas: Pizan faz com que as três personagens Razão, Retidão e Justiça tenham uma leitura consciente do momento em que dialogam com Christine para mostrar que as leis mudam com o passar dos tempos, ou seja, o que é considerado imoral no momento em que a história é contada pela personagem Christine, não o é em outros períodos, sendo as damas, portanto, isentas de muitos julgamentos imprecisos sobre suas integridades. A história, por exemplo, da mulher de Bernabó, o Genovês, no livro segundo, aparece recontada por Dama Retidão. Essa é a nona novela pertencente à obra *Decameron*, de Boccaccio, e conta sobre a morte da esposa de Bernabó em decorrência de uma aposta entre ele e Ambrósio, sendo que este último enganou o primeiro dizendo que havia dormido com a sua esposa. Indignado, Bernabó ordena que matem a inocente mulher. Ela, com coragem, corta o cabelo, consegue que uma senhora lhe venda trajes masculinos e foge para uma cidadezinha. Nesse local, encontra um rico senhor da Catalunha, chamado Senhor Ferrante, apresenta-se como Segurat de Finoli e o serve. Como era um ótimo serviçal, um sultão do Egito pediu para que trabalhasse para ele. Tempos depois, e por obra de Fortuna, Segurat soube que Ambrósio, o enganador, estava em Alexandria, e consegue com que Bernabó vá até lá e o castigue. A história, embebida de virtude, omite um detalhe presente no *Decameron*: a esposa de Bernabó, revelando sua identidade, despe-se na frente de diversas pessoas mostrando os seios, o que, para o contexto de Christine, era imoral.

O ato de omitir algumas passagens não pode ser analisado, nesse contexto, como um ludíbrio ao leitor, mas sim como uma maneira de reafirmar a autoridade de Pizan sobre as histórias que ela selecionou para colocar em sua obra, de maneira que ela pode determinar a visão de análise sobre o que é ou não plausível de se utilizar para que sua Cidade alegórica seja fortificada. Podemos dizer, então, que a alegoria aqui utilizada é justamente para dar um determinado significado que convém ao objetivo da obra. Esse procedimento, chamado de *compilatio*, era muito recorrente na sociedade da Idade Média (principalmente durante o século XV) e, *grosso modo*, residia na organização de vários textos para se obter um novo (SOUZA, 2013, p. 52). Pizan, portanto, utilizou da retórica, um elemento que estava à disposição dos escritores, e de toda sua erudição para

reavaliar as interpretações e dar a elas um novo olhar. Em algumas partes, porém, é evidenciado que não se tratará de algumas mulheres, pois elas não são merecedoras de renome.

Todavia, se é verdade, como já te disse, que muitas excelentes mulheres são maltratadas por seus maridos, e isso sem nenhum motivo, mesmo tratando de uma minoria insignificante. Aliás, se eu te dissesse que todas são boas, ficaria logo convencida de que era mentira. Mas, não tratarei dessas últimas, pois tais mulheres vão contra a sua natureza. (PIZAN, 2012, p. 188)

O que é essencial dizer, diante dessa fala de Razão, é que não há a generalização da bondade das mulheres somente para cumprir o objetivo de mudar a visão de muitos sobre o que delas é dito. E a Dama confirma isso quando mostra a Christine que não seria correto falar sobre uma totalidade de damas virtuosas sendo que, assim como os homens, algumas pervertem sua natureza e não são dignas de serem mencionadas para povoar a Cidade. O que fica visível ao leitor sobre essas imperfeições que não as fazem dignas não é uma numeração delas ao longo do texto, mas sim a exaltação que as Damas fazem das virtudes: ao colocar em voga o que é bom, conseqüentemente o leitor entenderá que tudo aquilo que vai de encontro a isso, naturalmente é considerado ruim e prejudicial à conduta das mulheres e à Cidade. É necessário, porém, demarcar que, ao final do excerto – assim como faz em variados momentos – fala sobre “ser contra a sua natureza”, ou seja, as mulheres já seriam boas pessoas desde seu nascimento, entretanto algumas delas corrompem a virtude que lhe é dada.

Apesar de a voz das damas, ao longo da narrativa, ser feita por Razão, Retidão e Justiça, um diálogo ao longo dos tempos é traçado de maneira que mulheres em diversas situações, sejam elas casadas, virgens, mães, ativas no exército ou na política, fortes, resistentes a agressões físicas, historicamente reais ou mitológicas, tenham direito a integrar a Cidade. A alegoria aqui se constrói quando há a mistura entre o mundo real (damas pertencentes à corte, por exemplo) e o mundo das ideias (mulheres mitológicas), pois, ao conviverem, remetem ao modo como convivem, dentro da construção da Cidade, Christine e as Damas Celestiais. A mistura das vozes do plano real com aquelas do plano ideal permite a interpretação sobre a possibilidade de aquelas histórias, somente pertencentes ao campo ideal, serem reais, já que, em muitos casos, não se diferenciam das damas que historicamente lutaram para garantir a fortificação, por exemplo, de um reino. Além disso, ao contar essas histórias, as Damas as aproximam das situações recorrentes no contexto medieval, pois o livro, apesar de ficcional, retrata a condição em que se apresentavam as mulheres da época. Como já dito, muitas vezes a

alegoria tinha a utilidade de aproximar o leitor do significado que o escritor queria atingir; posto isso, representar situações reais em figuras criadas dentro de uma obra era a maneira mais conveniente de concretizar essas vozes apagadas dentro da sociedade. Isso se ilustra durante o diálogo, principalmente, entre Razão e Christine, quando esta, querendo comprovações cada vez melhores de que ela realmente estava cega pelas injúrias proferidas sobre as mulheres, questiona Razão quanto à inteligência delas e a Dama, para chegar mais próximo de sua ouvinte e de seu entendimento, fala: “Para ilustrar a tese de que a inteligência das mulheres é semelhante a dos homens, citar-te-ei algumas mulheres de profundo saber e de grandes faculdades intelectuais.” (PIZAN, 2012, p. 127). Seria como, além de mostrar ao leitor que elas existem, provar que são constituintes da história e modificadoras do contexto em que se encontram; vozes influentes, porém tratadas como insignificantes.

A presença no livro de diversas mulheres pertencentes a variadas épocas é importante para mostrar o valor da Cidade: fossem elas cristãs, pagãs ou mitológicas, várias poderiam integrar a Cidade, pois um dos argumentos de Razão era justamente enfatizar que o conhecimento, para suprir as necessidades de uma sociedade, deve ser variado e passível de experiências com o desconhecido. Dessa maneira, a Cidade das Damas seria mais justa, já que abarcaria mulheres de diferentes culturas e, fazendo com que essas vozes se misturassem, novos conhecimentos surgiriam. Como exemplo, a Dama conta a história da virgem Mantova:

Outrora, na religião pagã, a adivinhação esteve em uso: lia-se o futuro nos vôos dos pássaros, nas chamas do fogo, ou nas vísceras dos animais mortos. Era uma arte reconhecida, uma ciência estabelecida, que gozava de grande estima. A mestra suprema desta arte foi uma virgem, a filha de Tirésias, o grande padre de Tebas (...) Não havia na época nenhum homem que soubesse mais do que aquela virgem o movimento das chamas, as cores ou o barulho do fogo. Ela lia tanto nas veias dos animais, na garganta dos cavalos ou nas vísceras dos animais. Acreditava-se, aliás, que sua arte obrigava os espíritos a vir, frequentemente, lhe falar e a responder suas questões. (...) Ela terminou seus dias na Itália, e pela veneração que tinham por esta dama, deram o seu nome a uma cidade daquele país, que ainda existe, Mantova, cidade natal de Virgílio. (PIZAN, 2012, p. 133)

Como em diversas passagens do texto, é bastante comum observar pequenas comparações quando são citadas essas damas virtuosas, exemplificando ao leitor que, ainda que muitos homens tenham sido importantes para a sua época, há muitas mulheres que dominavam saberes que não eram alcançados nem pelos mais nobres da região. Como é o caso de Mantova, que mesmo os espíritos a obedeciam diante de seu chamado e de seus questionamentos. Além disso, Razão finaliza sua fala dizendo que a cidade

que leva o nome de Mantova é aquela em que nasceu Virgílio, uma das maiores autoridades da antiguidade. Apesar de ser uma pequena citação do nome do poeta, a Dama revela que nessa cidade, carregando o nome de uma mulher virtuosa, surgiu uma autoridade masculina bastante respeitada.

Diante dessa compilação de histórias desde antes da Idade Média, um recurso foi bastante utilizado tanto como apresentação das damas quanto como argumentação para a construção da Cidade. A memória sempre se constituiu como um dos mais perspicazes artificios para que histórias e ideias fossem passadas adiante, condicionando a sociedade desde sutis acontecimentos até uma completa guerra ou revolução. Isso exatamente pelo fato de o processo mnemônico ser elaborado durante anos até impregnar-se em diversos contextos históricos e ser elemento categórico para a construção da identidade de um povo. Transpõe-se, então, essa ideia para a questão do rechaço à noção de que as mulheres poderiam ter papel atuante na sociedade, bem retratado no livro de Pizan: em *A Cidade das Damas*, Christine e as Damas Celestiais sempre se referem a grandes escritores, filósofos, poetas para recuperar, através da memória, a representação que é feita das mulheres. O livro seria, então, um labirinto de recordações em que a própria memória é a base tanto para a afirmação da imagem da mulher como um ser naturalmente ruim, quanto para desconstruir tal imagem, com um discurso argumentativo bem elaborado, e fazer com que a construção da Cidade possuísse um alicerce melhor moldado e mais rígido. Isso será importante para a finalização do trabalho, justamente por mostrar que a dignidade feminina deveria ser ouvida por aqueles que comandavam a sociedade e, talvez, acreditando em uma mudança da tradição da entidade patriarcal.

Continuando com os exemplos que fortificariam os alicerces da Cidade, Christine questiona:

Eu, Christine, que escutava o discurso da Dama Razão, nestes termos, falei assim: “Dama, vejo bem que podemos encontrar numerosas mulheres instruídas nas ciências ou nas artes, mas pergunto-vos se não conheceis alguma que por intuição, inteligência, saber, ou habilidade, tenha ela mesma criado técnicas novas ou ciências necessárias, boas e úteis, desconhecidas até então. Uma vez que não é de tanta maestria seguir e aprender uma ciência já descoberta e conhecida, quanto inventar coisas novas e originais.” (PIZAN, 2012, p. 135)

O “eu”, assim como em outras passagens, é enfatizado mostrando que quem fala, quem detém a voz dentro da narrativa nesse momento é Christine, e que, para a edificação da Cidade, esse “eu” tem autorização de falar e é permitido que esteja na narrativa como uma autoridade. O que ocorre aqui é a afirmação de sua identidade

dentro da obra: ao utilizar o “eu”, Pizan coloca mais veracidade em seus personagens, pois quem está contando a história é Christine, e não uma voz fazendo isso por ela – diferente do que acontece com as Damas em relação às outras mulheres. Aqui, Christine afirma sua autoridade para contar a própria história, não necessitando que outros façam isso para ela. Diante dessa pergunta, a resposta que segue é de grande valor para a obra:

(...) nobre Nicostrata, que os italianos chamavam de Carmenta: essa dama era a filha do rei da Arcádia, Palade. Dona de uma inteligência notável, e dotada por Deus de conhecimentos especiais. Ela conhecia, a fundo, a literatura grega; seu falar era tão belo e tão sábio, de uma eloquência admirável, que os poetas da época imaginaram, nos versos que lhes consagraram, que ela era amada pelo deus Mercúrio. (...) Para melhor revelar aos séculos futuros a excelência de sua genialidade, tanto fez e tanto estudou, até inventar um alfabeto original e diferente daquele das outras nações: o nosso abc, o alfabeto latino, a formação das palavras, a distinção entre as vogais e consoantes, e toda a base da gramática. (PIZAN, 2012, p. 135-136)

Além de organizar leis, erguer uma civilização nobre e célebre, ter a graça de possuir inspiração divina e profética, ela criou as palavras que, no caso, se constituem como o recurso mais contundente que Pizan tinha para defender a conduta das mulheres. Qual, pois, seria maior nobreza do que permitir a comunicação entre os povos? Durante o texto, essa é uma das perguntas retóricas feita por Razão e o que configura, inclusive, uma técnica bastante recorrente no livro: Pizan, ao elaborar a alegoria com as Damas e criar Christine, permite que as personagens falem por elas mesmas, ela repassa a voz a outras, oferece a oportunidade de falar. Assim como Nicostrata, Christine recebe a graça divina de poder dialogar com as Damas Celestiais e, ao mesmo tempo, oferece a palavra a elas (mesmo sendo uma mulher, digamos, inferior às Damas), ela é a responsável por criar essa voz e permitir, a partir do momento em que ela pede pelo conhecimento, a palavra dentro do texto. É possível observar, portanto, que as mulheres mencionadas na obra foram escolhidas de forma precisa para que elas de fato justifiquem sua presença dentro da Cidade e se mostrem indispensáveis para a base dela.

Pizan, ainda que pertencente a uma parcela abastada da sociedade e privilegiada, em diversos aspectos, por sua família e âmbito letrado do qual fazia parte, consegue observar as particularidades que interferem na elaboração da identidade da mulher sem voz e retrata isso em suas obras, utilizando-se da articulação da linguagem para responder ao leitor por que esse “emudecimento” acontecia e como ele era enraizado no corpo social. Além disso, a autora, com esse mesmo proveito e erudição com a língua, propõe que as obras que retratam as mulheres tenham um novo olhar para que, assim, possam promover a valorização das características femininas e reconhecer seu papel na sociedade.

Para esse fim, a exemplo da argumentação que fazem as Damas para a construção da Cidade, é interessante ressaltar que não há o apontamento direto de defeitos nos homens para sua inferiorização e, conseqüentemente, a valorização das mulheres. O que há, na obra, é o engrandecimento das virtudes do feminino para mostrar que, até mesmo em alguns momentos, pode ser que superem certas características masculinas e, por isso, não há motivos para julgamentos cruéis sobre as damas. A passagem sobre Zenóbia, rainha de Palmira, evidencia essa tática usada pela autora para promover um discurso consciente e respeitoso para com os gêneros.

Além de tudo isso, o cúmulo de suas virtudes, dir-te-ei, de maneira breve, estava no seu conhecimento das letras, tanto da dos egípcios, quanto da sua própria língua. Nas horas vagas, dedicava-se assiduamente aos estudos, e quis ser instruída pelo filósofo Longino, que foi seu mestre e a iniciou no estudo da filosofia. Zenóbia sabia latim e grego, e, nessas línguas, redigiu, de forma breve e bastante elegante, toda a história. Quis também que seus filhos, que ela educava com muito zelo, fossem instruídos no estudo. Cara amiga, diga-me se já viste ou leste sobre algum príncipe ou cavaleiro mais completo em virtudes? (PIZAN, 2012, p. 117)

Os recursos utilizados por Pizan para a elaboração da linguagem são variados e aceitos pelo cânone do Medievo. Ademais, ela não nega o valor do homem ao ser mestre e ensinar a essencialidade da filosofia e de outras vertentes do saber. Por isso, não há o rebaixamento do homem, mas sim a enunciação tanto de sua importância quanto do valor da mulher. E Razão, ao argumentar, não defende ou exemplifica qualquer homem, mas sim aqueles virtuosos que são dignos de serem citados. Isso ocorre ainda com aqueles que, de certa forma, em seus escritos, rechaçam o feminino: o homem, sendo de grande virtude ao redigir pensamentos lógicos e determinantes para orientar o rumo social, mesmo corroborando, em alguns aspectos, para a submissão da mulher, é tratado com respeito pela Dama, de maneira que ela reinterpreta seus textos para provar que o autor estava certo, porém muitos leitores não se deram ao trabalho de interpretá-lo em seu real significado. Diferentemente disso, alguns homens as Damas chamam de “loucos”, mas são aqueles já não bem aceitos entre os bons pensadores. Mais uma vez, a prudência se destaca na organização.

A supressão de alguns fatos das biografias em nome da preservação da moral e da ética da *Cidade das Damas* foi necessária, principalmente se o que sucede atenta contra os preceitos cristãos. É inegável, portanto, que Pizan se mostra uma mulher realmente obediente às doutrinas que aprendeu ao longo de seus estudos, sabendo bem o que deveria respeitar para que fosse aceita como escritora em meio à sociedade. As mulheres evocadas pelas Damas Celestiais para fazerem parte da construção da

memória da Cidade conservam os traços femininos necessários para um império fortificado: a ternura, a paciência, a ironia, a astúcia, a fidelidade. Por isso dissemos que falar de suas virtudes não seria equipará-las aos homens, pois estamos analisando características particularmente femininas para o Medievo (LAURENZI, 2009, p. 305). Na obra, valorizar aquilo que enaltece as mulheres é mais valoroso – e prudente – do que rebaixar ou fazer uma comparação com aqueles que as julgam. Ocorre, aqui, a construção de uma nova memória às mulheres, baseada naquela usualmente aceita e marcada na Idade Média.

[...] “as imagens do passado não são nem ditadas pelo passado, nem totalmente inventadas no presente, mas resultam de um contínuo diálogo em que as imagens anteriores moldam e restringem o que pode ser feito com elas nos presentes sucessivos”. Levando-se em consideração essas perspectivas, pode-se dizer que a memória se origina de um processo dialógico que envolve uma rede de relações conflituosas. Depara-se, em última instância, com uma percepção da memória em que os indivíduos deixam de ser receptores passivos e passam a ser vistos como atores ativamente envolvidos no processo de elaboração de significados. (BEZERRA, 2007, p. 40-41)

Nesse caso, é interessante citar o que analisa Baider no texto *Christine de Pizan: femme de lettres, femme de mots*, pois há a menção do uso mais tradicional da linguagem pela autora. De acordo com Baider (2008, p. 272), esse uso era bastante recorrente nos meios femininos letrados por duas razões acidentais: primeiro por elas pertencerem a um lugar privado (a casa), diferente dos homens, que tinham mais acesso a diversos outros lugares e, conseqüentemente, a um uso linguístico mais variado. O uso tradicional da linguagem pelas mulheres era preciso para que elas, como responsáveis pelos cuidados da casa e criação dos filhos, passassem adiante essa tradição, preservando o purismo linguístico. Um segundo motivo seria porque esse conservadorismo da escrita estaria associado aos grupos socialmente subordinados – um fenômeno da insegurança social desses grupos – e, por isso, o uso de eufemismos e formas obsoletas da linguagem, como se representasse o poder do outro sobre as escritoras.

Porém, ao demarcar o “eu” em seus escritos, Pizan coloca-se em evidência tanto no que concerne o seu acervo intelectual, com suficiente autoridade para falar em primeira pessoa do singular, quanto seu gênero feminino. Isso marca um processo histórico muito relevante para a literatura de autoria feminina, pois a feminização¹⁹ da linguagem com características peculiares, faz com que essa tradição do discurso mais

¹⁹ Termo utilizado por Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne em seu trabalho de doutorado de Estudo e Tradução de *La Cité des Dames*.

restrito ao qual as mulheres eram submetidas seja rompido, dando lugar a uma outra abordagem linguística: aquela em que a autoridade feminina pode aparecer.

2.2 – PIZAN E BOCCACCIO: EMULAÇÃO PELA NECESSIDADE DA CRIAÇÃO DE UM MUNDO DE VIRTUDES

O toscano Giovanni Boccaccio, especialmente conhecido por sua obra *Decameron* (1349-1351), precede Christine de Pizan quanto aos tratados sobre mulheres dentro da Idade Média. O autor, fortemente inspirado por Dante Alighieri, escreveu, entre os anos de 1361 e 1362, a obra *De Claris Mulieribus*, em que cataloga 106 biografias de mulheres famosas e disserta sobre seus feitos ao longo dos tempos. Nessa obra, o poeta optou por enfatizar a vida de mulheres pagãs romanas e gregas da Antiguidade, justificando que aquelas conhecidas pelo seu cunho religioso já haviam sido abundantemente mencionadas por diversos escritores. Anos depois, em 1405, ao escrever *A Cidade das Damas*, Christine de Pizan figura em seus livros as mulheres já mencionadas na obra de Boccaccio, mas lhes confere uma nova interpretação e exemplifica outras singulares damas, desde essas pagãs às reais da corte e às mitológicas, que comprovarão sua proposta ao escrever o livro: evidenciar as virtudes femininas em detrimento dos discursos que difamam as mulheres dentro do contexto histórico até no do medievo. Não retirando o mérito de Boccaccio ao compilar os nomes femininos que participaram da história, o que o autor faz é um pouco adverso ao que Pizan sugere: enquanto esta reinterpreta os discursos masculinos avessos às mulheres para desconstruir a ideia de inferioridade e coloca em evidência suas virtudes, aquele afirma a figura da mulher submissa ao homem, mas também com o objetivo de mostrar o quão virtuosas são ao demonstrar habilidades alheias àquelas de sua natureza: engajar-se em feitos que, geralmente, são considerados masculinos.

Filho de um mercador, Boccaccio frequentava a alta aristocracia graças aos serviços de seu pai e também era estudante de Direito canônico. Assim como Piza, Boccaccio teve contato com inúmeros estudos acerca da astronomia, literatura, mitologia, e outras ciências que, posteriormente, auxiliaram sua escrita de grande relevância. Ao longo de seus estudos e de sua carreira como escritor, Boccaccio, ao frequentar os centros culturais de Nápoles, teve acesso a diferentes tipos de culturas tanto ocidentais como orientais, fazendo dele um grande conhecedor de história: o que é possível perceber a partir de suas obras que intercambiam elementos plurais em relação

à cultura dos povos. Leitor de Ovídio, Petrarca, Cícero, Alighieri, Santo Agostinho e outros expoentes da literatura, o autor mostra singularidades em sua obra, aqui citada como basilar para a construção de *A Cidade das Damas*, que a diferenciam de outras que relacionavam as mulheres à sua falta de capacidade para dominar certos ofícios na sociedade antes dirigidos somente aos homens. Ou, quando muito, reconhecem sua ousadia e atrevimento ao realizar feitos que não competem à sua natureza. A proximidade entre as leituras feitas por ambos os autores permite-nos observar que, mesmo tendo contato com muitos estudiosos em comum, ainda assim, houve um afastamento de análise do contexto retratado nas duas obras, o que nos é de grande relevância ao mostrar os traços que caracterizam a escrita de Pizan. Engano seria, porém, se não nos atrelássemos à realidade da escritora: uma mulher na Idade Média, que se propunha a escrever, de maneira audaciosa para sua época, sobre as mulheres e sobre os autores que criticavam a posição do feminino. Ela, mesmo pertencente à aristocracia e tendo acesso aos estudos, integrava a parte social rechaçada por aqueles que estavam no comando e, portanto, tinha uma visão daquela que era submissa ao patriarcado. Além dessa visão como a parte inferior, Christine de Pizan ainda tinha amplo conhecimento e oportunidade para ampliar o conhecimento, o que a fazia mais crítica mediante o que sabia dos livros e o que sabia de sua realidade. Destacamos isso, pois Boccaccio, como um homem e conhecedor das letras, tinha uma posição mais elevada no contexto social perante aquelas que não carregavam essas características.

Antigamente poucos autores compuseram biografias de homens famosos na forma de compêndio; em nossos dias este homem renomado e grande poeta, meu mestre Petrarca, está escrevendo uma obra similar, que será ainda mais completa e cuidadosa (...). O que me surpreende é a pouca atenção dada às mulheres pelos escritos deste gênero, e a ausência de qualquer obra dedicada especialmente à memória delas, apesar de extensas histórias mostrarem claramente que algumas mulheres realizaram feitos que exigiram vigor e coragem. Se admitimos que os homens merecem louvor sempre que realizaram grandes feitos com a força conferida a eles, tão mais deveriam ser exaltadas as mulheres – já que quase todas são dotadas, pela natureza, de corpos frágeis e tenros, e de mente lenta; mas quando elas incorporam um espírito masculino, demonstram notável inteligência e bravura, e ousam executar feitos que seriam extremamente difíceis mesmo para homens. (*De Claris Mulieribus*, in Boccaccio. *Famous Women*, p. 4, *apud* JULIANI, 2007, p. 193)

Observamos nesse trecho que Boccaccio exalta as mulheres a partir do momento em que elas, dotadas “de mente lenta”, atuam como homens dentro da sociedade e incorporam um espírito masculino: somente assim, quando adquiriam características masculinas, poderiam praticar atos louváveis. Para Boccaccio, dentro da sociedade patriarcal, elevar as mulheres, ainda que somente quando se assemelhavam aos homens,

era uma maneira de surpreender seus anfitriões em Nápoles e, claro, tanto a rainha quando a irmã daquele que lhe havia feito o convite. Pizan, em sua obra, não menospreza o valor de Boccaccio ao se empreitar por esses caminhos, porém a análise da autora se dá de uma forma mais completa: enquanto aquele resumia as virtudes quando relacionadas ao comportamento masculino e a seus grandes feitos, sendo as mulheres somente virtuosas quando se portavam como eles, esta coloca homens e mulheres em posições distintas na sociedade, ocupando cargos que lhes convinham a fim de realizá-los da melhor forma para contemplar o equilíbrio social. Christine de Pizan atribui, então, vícios e virtudes para os dois gêneros, sem ampará-los por serem homens ou mulheres. Para contemplar o que objetiva a obra, a autora, ao contrário de utilizar a palavra “mulheres”, como o fez Boccaccio, para se referir àquelas cujas histórias seriam contadas, opta por atribuir o substantivo *dames* (na tradução, “damas”), que valora sua posição na sociedade bem mais do que apenas como um gênero que se difere dos homens. Ao escrever sobre essas mulheres selecionadas na obra como damas, Christine constrói até mesmo um significado particular: somente aquelas que carregam as características descritas dentro de *A Cidade das Damas* e, portanto, detentoras de virtudes, podem ser assim chamadas. Seria como se as mulheres devessem galgar níveis para chegar ao título honorífico. Não é casual, então, que as Damas Celestiais levam a maiúscula em seus nomes (Dama Razão, Dama Retidão e Dama Justiça), justamente por serem o exemplo mais enaltecido de virtude que se pode encontrar.

Porém, mesmo diante do que faz o autor para mostrar a relevância que tem algumas mulheres, ele elabora um compêndio que é de grande valor para a época, já que, mesmo carregado de crítica a algumas delas, o objetivo é falar sobre aquelas que se destacavam pela sua ousadia e força ao realizar tarefas consideradas majoritariamente masculinas. Nesse caso, ele exalta as qualidades que, como o autor mesmo escreve, são raras de se ver em obras que tratam das memórias femininas.

É verdade que alguns autores, especialmente o poeta Boccaccio, de onde essas histórias foram tiradas, diziam que o mundo era melhor quando se vivia de glandes e outras frutas selvagens, e vestia-se com peles de animais, ignorando todas essas técnicas que nos permitem viver mais confortavelmente. Todavia, com todo respeito que tenho por ele por aqueles que sustentam que a descoberta daquelas técnicas que trazem o bem-estar e o nutrimento do corpo humano tenham trazido danos à humanidade, eu sustento que quanto mais a criatura humana recebe benefícios, doados graças aos poderes de Deus, mais somos levados a servi-lo. (PIZAN, 2012, p. 148)

Ao mencionar sempre Boccaccio em *A Cidade das Damas*, a autora volta a fazer com mais ardor as adversativas, pois é a partir desse recurso que irá ressaltar o valor

dos textos de Boccaccio, mas sempre mostrando algo que poderia ter sido analisado por outro viés. Nesse trecho, por exemplo, é notória a adversativa quando Dama Retidão reconfigura os dizeres do autor quanto o desenvolvimento das técnicas. A Dama, ao dizer sobre a necessidade de o ser humano receber benefícios, refere-se à questão de sustentar, dentro do medievo, o patriarcado, ou seja, ao não deixar com que a sociedade reveja valores para que possam ser integrados a ela, como é o caso das atividades femininas para o desenvolvimento social, os detentores do poder somente aumentarão, cada vez mais, a sua dominação no contexto em que se encontram. Dessa maneira, as pessoas que já são sucumbidas a esse sistema, mais serão restringidas a atividades e valores pré-estabelecidos. Portanto, ao utilizar a adversativa aqui, Dama Retidão mostra a importância das evoluções, pois, somente com elas, as pessoas podem reconfigurar um corpo social que se liberta, em certas partes, do cabresto que o comanda. Assim como diz Christine em seu diálogo com Dama Retidão,

(...) sem dúvida, Dama, parece-me que nem a doutrina de Aristóteles, que muito foi proveitosa ao pensamento humano, e de que se faz tanto caso – a justo título aliás – não mais do que todos os outros filósofos que existiram, não fizeram mais pela humanidade do que as obras realizadas com a sabedoria dessas damas (PIZAN, 2012, p. 146).

O que ocorre nesse trecho é a revalorização das atividades dos célebres personagens da história: Aristóteles, apesar de seu “justo título” por ter construído pensamentos que nortearam a história da humanidade, as damas também possuem valor quanto ao que concerne a edificação da história.

Dama, se as mulheres têm a capacidade de assimilar e aprender o que estudam os homens, por que não aprendem mais?

Resposta: Por isso, filha, porque a sociedade não acha necessário que as mulheres se ocupem das tarefas masculinas, como já havia dito. Basta que elas cumpram as tarefas que lhes são estabelecidas. E quanto à opinião de que a inteligência delas seria medíocre, apenas porque, em geral, têm menos conhecimento do que os homens, pense, então, nos habitantes dos campos ou montanhas mais isolados. Há de convir que, em algumas regiões, são tão simplórios que mais parecem animais. Todavia, não há dúvida de que a Natureza lhes forneceu tanto os dons físicos quanto os intelectuais que apresentam os homens mais sábios e mais eruditos que podemos encontrar nos grandes centros e nas cidades. Tudo isso é consequência de não aprender, apesar de que, como já disse, entre os homens e entre as mulheres, uns são mais inteligentes do que outros. Para ilustrar a tese de que a inteligência das mulheres é semelhante a dos homens, citar-te-ei algumas mulheres de profundo saber e de grandes faculdades intelectuais. (PIZAN, 2012, p. 127)

Vemos aqui uma explicação de Razão quanto a um dos questionamentos mais presentes ao longo da obra: por que, já que são tão importantes, as mulheres ainda são consideradas inferiores intelectualmente? Eis que a resposta de Dama Razão é perspicaz, pois ela utiliza o próprio sistema patriarcal em que estão estabelecidas as

atividades das mulheres e dos homens para justificar o motivo pelo qual acreditam que elas não precisem saber mais: cada um tem seu posto dentro do contexto em que vive. Porém, ao que parecia uma justificativa para os que acreditam ser desnecessário ampliar o conhecimento, Dama Razão compara os que não sabem com aqueles que moram em regiões longínquas, privados do conhecimento. Essas pessoas são como animais, já que o conhecimento delas é bastante ínfimo, o que não ocorre com as mulheres contextualizadas dentro da obra: elas não são parecidas com animais, muito menos agem como eles, então não seria pouco cauteloso dizer que o conhecimento delas seria medíocre? Outro ponto importante a ressaltar é o tratamento que as Damas dispensam à Christine, sempre chamando de amiga ou filha. Essa proximidade da personagem com as três divindades é essencial para o estudo, já que, ao se aproximar tão intimamente às virtudes, Pizan mostra a união dessas mulheres para a fortificação de um local. Sabemos da superioridade desses seres Celestes, justamente por causa de sua natureza e pelo papel que desempenham dentro da obra, mas essa superioridade não é interpretada como algo ruim, como um sistema hierárquico que somente estabelece normas, ela é interpretada como uma relação de mestre com seu aprendiz, em que há a oportunidade para perguntas, para expor o conhecimento previamente adquirido e, posteriormente, as respostas para sanar – não todas – as interpelações presentes na obra.

Podemos dizer, portanto, que a obra de Pizan, ao ser baseada, em grande parte, na obra do autor toscano, revela uma escrita pela falta que há em *De Claris Mulieribus*, ou seja, em diversas histórias mencionadas pelo autor, há falta de uma análise mais profunda sobre os atos femininos muitas vezes julgados como viciosos, já que eles, em diversas vezes, são justificados pelos objetivos pretendidos pelas mulheres, objetivos esses que findam em virtudes pelo bem social. Dessa forma, ao reinterpretar as histórias das mulheres presentes na obra de Boccaccio e completá-las com outras mulheres muitas vezes esquecidas ao longo dos tempos, Pizan emula aquele que foi grande inspiração para edificar o livro e a história que se apresenta nele. Propomos essa visão, pois a autora não faz somente uma reunião dos nomes femininos e conta suas histórias. Ao contrário de somente uma catalogação, Pizan revela ao leitor esses nomes selecionados através de Damas Celestiais que, detentoras de uma grande virtude, não discorreriam sobre nomes que fossem exemplos de vícios. Além disso, ao criar a Cidade habitada por mulheres, Pizan vai além dos vícios e virtudes da sociedade, ela analisa todo um contexto com homens e mulheres nela presentes, equilibrando a obra de modo

que o leitor entenda as posições ocupadas por cada um dentro do medievo de acordo com os mandamentos divinos.

O grande poeta italiano Boccaccio faz elogios a essa dama, em um de seus livros: “Ó! Muitíssima honra a essa mulher que abandonou os deveres femininos para consagrar sua inteligência aos estudos dos grandes autores!”. Boccaccio fala, ainda, confirmando a tese que expus, daquelas mulheres que não acreditam em si nem em suas capacidades, como se tivessem nascido nas montanhas longínquas, ignorando o que é o bem e o prestígio, e que se desencorajam e dizem que não servem a outra coisa além de atrair os homens, e de pôr no mundo e educar os filhos. (PIZAN, 2012, p. 128)

Notamos que, ao mencionar Boccaccio em suas primeiras aparições em *A Cidade das Damas*, Dama Razão contempla sua obra, mostrando sua importância diante da elevação das virtudes das mulheres. Além disso, ao citar esse autor, Pizan mostra que ela sabia valorizar aquilo que os grandes escritores conheciam, o que a colocava em patamar de respeito perante seus mestres e lhe atribuía credibilidade como escritora face a uma presumível recepção hostil da obra de uma mulher. Esse é o início para qualificar o que escreve o autor e também para alertar o leitor de que, por mais grandiosa que fosse a obra de Boccaccio, ela carece de certos aspectos imprescindíveis para a análise da posição feminina na Idade Média. É interessante como Dama Razão termina o capítulo XXVIII sobre a virgem Cornificia, quando pelas primeiras vezes aparece Boccaccio. A Dama finaliza dialogando com Christine:

Boccaccio fala, ainda, confirmando a tese que expus, daquelas mulheres que não acreditam em si nem em suas capacidades, como se tivessem nascido nas montanhas longínquas, ignorando o que é o bem e o prestígio, e que se desencorajam e dizem que não servem a outra coisa além de atrair os homens, e de pôr no mundo e educar os filhos. Todavia, Deus lhes deu, se elas o quiserem, uma bela inteligência para se aplicar a tudo o que fazem os homens mais ilustres e renomados. Pois, se elas querem estudar, isso deve lhes ser acessível como aos homens, podem conseguir uma fama eterna, através de um trabalho honesto, como os grandes homens gostam de conquistar. Cara filha, podes ver então como o autor Boccaccio confirma tudo o que te disse, e como louva e aprova a erudição das mulheres. (PIZAN, 2012, p. 128-129)

Dama Razão aproveita da obra e dos pensamentos de Boccaccio para servir de base ao que ela diz, pois, sendo ele um autor de renome entre os intelectuais da época, poderia dar respaldo à sua análise, já que também falava sobre as virtudes femininas e poderia, nesse sentido, confirmar o que é construído ao longo da obra. Pizan é cuidadosa ao fazer isso, pois entende a importância de reconhecer aqueles que, em seus estudos e escritos, formaram as bases da sociedade do Medievo. Ela, portanto, precisa dialogar com as obras dos grandes pensadores para que seu discurso possa se fortalecer

em terras férteis do conhecimento, tendo uma estrutura sólida e bem vista, assim como fazem as três Damas ao edificar a Cidade.

Em *De Claris Mulieribus*, Boccaccio, inicialmente, intenciona oferecer a obra escrita para a rainha do reino de Nápoles, pois lá se hospedaria por um tempo a fim de ampliar seus estudos, porém, ao final da dedicatória, mostra qual o motivo o levou a não o fazer: toda a grandiosidade e brilho da rainha poderia ofuscar a obra em que se empenhava em escrever. Por esse motivo, decide dedicá-la a Andrea Acciaiuoli, irmã do Senescal Niccolò Acciaiuoli, quem o havia convidado para passar um tempo em Nápoles.

O escritor, amplamente conhecido por seu uso recorrente da narrativa, foi um incentivador dessa técnica à escritora que engendra seu texto aos moldes de Boccaccio. Ressaltar, então, esse importante detalhe para a análise de *A Cidade das Damas* é necessário, pois, apesar de a autora embasar sua obra em uma compilação de *De Claris*, Pizan remodela algumas interpretações e histórias das mulheres apresentadas ao leitor, porém não modificando os acontecimentos, mas sim reanalizando-os e deitando o olhar sob aspectos ainda não (ou brevemente) mencionados pelo autor. Portanto, não há uma fidelidade ao texto de Boccaccio, mas sim uma reorganização e complementação das histórias femininas a partir daquilo que Christine de Pizan entende como essencial para a sociedade da Idade Média. O autor procura fazer uma organização cronológica e geológica dos fatos para que o catálogo fique bem coordenado, já Pizan não se preocupa em ordenar as histórias por datas ou por lugares em que ocorreram, esses dados são simplesmente – não menosprezando sua importância – características para o complemento das narrativas, não sua base para organização da obra. Pizan, como observamos durante a leitura, mostra maior ou menor relevância a algumas mulheres dependendo das virtudes que ela quer ressaltar no decorrer da obra, e isso dependerá do que ela quer provar ao seu leitor.

Boccaccio procura analisar, ao longo de sua narrativa, alguns juízos de valores que servirão para exemplificar aquelas mulheres grandemente virtuosas e que, portanto, merecem destaque a fim de que outras da sociedade sigam o que elas fizeram. Uma das passagens interessantes e também escrita por Pizan é sobre Tisbe e Píramo, dois jovens apaixonados e filhos de nobres e ricos senhores. Boccaccio conta a história com o intuito de destacar o que acontece quando as paixões tomam conta dos jovens e quão irracionalmente eles agem quando se encontram nesse estado. Pizan, sob outra perspectiva, mostra a coragem e a lealdade que Tisbe tinha ao seu amor, sendo notável o

que ela fez para que nada os impedisse de ficarem unidos. É a partir da inferência de Christine que Dama Retidão exemplifica com histórias para justificar o engano de vários homens.

Dama, há sobre a terra uma lei natural de atração dos homens em relação às mulheres, e das mulheres em relação aos homens. Não se trata de uma lei social, mas de uma inclinação carnal, pela qual homens e mulheres se amam reciprocamente, com grande e apaixonado amor, entregando-se ao ardente desejo e ignorando o que faz queimar, neles, o fogo da paixão, apesar de todos conhecerem esse estado chamado amor. Os homens têm o hábito de dizer que as mulheres, por mais que façam promessas, são inconstantes, pouco apaixonadas, mentirosas e extremamente falsas. (PIZAN, 2012, p. 263)

Esse comportamento reprovável, de acordo com Boccaccio, ao serem levados pela paixão, não é condenado por Dama Retidão ao exemplificar a história, pois o que está em análise não é sua conduta em ser levada a fugir com seu amado, mas sim o modo como ela foi fiel àquele por quem estava apaixonada, mesmo depois da trágica morte que tem Píramo. A lealdade e coragem são tamanhas que, após ver o amado morto por acreditar que um leão havia devorado Tisbe, ela se suicida tanto pela falta que faz o homem que ama quanto por carregar a culpa da morte de Píramo.

Mas não só apontando a carência de moral cristã de algumas mulheres que Boccaccio preenche *De Claris Mulieribus*. Há diversas passagens em que exemplifica aquelas que são dignas de louvor e, portanto, são exemplos a serem seguidos. A romana Proba é uma que se destaca na obra, tonando-se uma grande poetisa por conhecer, com muita perspicácia, as sete artes liberais (Gramática, Retórica e Dialética, compondo o *trivium*, e Aritmética, Geometria, Música e Astronomia, o *quadrivium*). Dama Razão, então, tece o comentário do autor sobre ela: “Certamente, disse Boccaccio, é de causar espanto que uma tal ideia nasça de um cérebro de uma mulher. Mas, é ainda mais prodigioso, ele acrescenta, que ela tenha posto em prática tal projeto.” (PIZAN, 2012, p. 129). É perceptível, pelos comentários feitos ao longo da obra acerca dos pensamentos de Boccaccio em *De Claris*, que o autor sempre eleva a mulher pela sua capacidade de pensar como os homens ou de praticar atividades restritas ao campo masculino. Não obstante, por mais que o pensamento desse autor se atrele sempre à questão da suprema inteligência do homem, Pizan atribui a ele uma louvável descrição, já que, pelos seus estudos e sua posição na sociedade, ele se mostra distinto ao decidir escrever sobre as mulheres e perpetuar sua memória. Tanto é que, mesmo com comentários como esses que pregam a inferioridade da mulher quando pensa como uma, Pizan os utiliza como maneira de mostrar que alguns autores, como ele, tinham o interesse de colocar em voga

os louváveis atos femininos. No decorrer do diálogo com Christine, Dama Razão acrescenta à história de Proba:

(...) disse mais uma vez Boccaccio, essa mulher merece grande louvor e estima: é evidente seu profundo e completo conhecimento dos livros sagrados e dos volumes da Santa Escritura, o que nem sempre se pode dizer dos diversos intelectuais e teólogos do nosso tempo (PIZAN, 2012, p. 130).

Ao final, mais uma vez Boccaccio é apresentado como a base para o discurso dessa dama e, concordando com ele, Razão diz que as mulheres devem sentir um enorme prazer ao contemplar as histórias contadas por Probo, ou seja, é essencial que ela seja tomada como exemplo por sua grande virtude. Safo, a poetisa e filósofa a quem Dama Razão faz referência logo depois de contar sobre Proba, também é alvo de grandes elogios de Boccaccio pela sua coragem e audácia ao caminhar pelos campos dos saberes e, com profundidade, entender as diversas áreas da ciência “em meio a homens rudes e ignorantes” (PIZAN, 2012, p. 131).

Quem não venham me dizer que meu discurso é tendencioso; transcrevo, aqui, as próprias palavras de Boccaccio, cuja autoridade é notória e reconhecida. Assim, posso concluir que os bens que essa mulher nos concedeu [Carmenta] é infinito: graças a ela, os homens, mesmo se não o reconhecem, foram retirados do estado de ignorância e levados à cultura; graças a ela, ainda, eles podem enviar, tão longe desejarem, seus pensamentos mais secretos e comunicar vossas vontades, fazendo saber, em todos os lugares, o que lhes agrada. (PIZAN, 2012, p. 143)

Com a descrença e com os poucos volumes produzidos sobre os bons feitos das mulheres, não seria raro que acreditassem Razão estar manipulando fatos para que eles chegassem ao que ela desejasse. No intuito de conferir confiabilidade a seu discurso, ela coloca as palavras de Boccaccio para que o leitor não suspeitasse da modificação da história ao longo dos tempos. De fato, as histórias não foram modificadas, apesar de serem contadas por outra voz, elas permaneceram com os mesmos fatos. O que diferencia uma da outra é a importância que cada autor atribuiu ao que contava: enquanto Boccaccio eleva as mulheres pelos seus feitos masculinos, Pizan as louva por praticarem atos audaciosos como mulheres em um contexto em que eram tratadas com irrelevância.

Assim como menciona Delphine Reix, Christine de Pizan, dentre diversas técnicas, privilegia aquela em que predomina o uso do senso moral, principalmente o cristão, seja nas alegorias ou nas adversativas, a fim de iluminar os pensamentos tanto da personagem Christine por ela criada quanto dos leitores de sua obra (REIX, 2008, p. 59). Dessa forma, aqueles que tivessem acesso à obra poderiam ser tocados pelos ensinamentos de Deus e, assim, condicionados pelas virtudes cristãs. Isso é importante

mencionar, pois, enquanto os escritores, assim como Boccaccio, optam por uma linguagem mais condicionada à moral ligada às leis terrenas, Christine de Pizan valoriza aquelas criadoras de todo conhecimento dos homens, já que seriam irrefutáveis em uma argumentação. Além disso, ao conferir maior atenção às virtudes celestiais do que àquelas intrinsecamente elaboradas pelos homens, Christine de Pizan pode trabalhar melhor com os significados, já que, assim como os homens trataram de inferir os significados que convinham à sua organização social, a autora faz o mesmo para edificar a obra com os elementos que a caracterizam, com a diferença de primar pelo equilíbrio entre as partes. A pluralidade de significados que se pode extrair de uma exegese é tão vasta e compreendida em diferentes níveis, que unificar em um único significado não daria conta de tudo o que se pode extrair das leituras sagradas, da mensagem divina (REIX, 2008, p. 61). Por esse motivo, escolher a interpretação que mais lhe convém em um certo contexto social é bastante prudente quando se trata de valorar os vícios e as virtudes de uma certa civilização, sempre lembrando que, neste caso, o que é colocado em análise é a figura feminina submissa aos mandamentos vigorantes na sociedade patriarcal.

Exemplificando isso, podemos citar a passagem de Tâmara, filha do pintor Nicom, nascida durante a nonagésima Olimpíada e mestra na arte da pintura, descrita nas obras de Boccaccio e de Pizan.

Querendo que o mundo dela se lembrasse, pintou, entre suas obras mais célebres, um quadro extraordinário, em que, com a ajuda de um espelho, ela pintava seu próprio retrato, fazendo com tal perfeição que se tinha a impressão de que ela estava viva. Durante muito tempo, esse quadro foi conservado a sete chaves e mostrado aos artistas como um tesouro de excelência. (PIZAN, 2012, p. 151)

Tâmara, para dedicar-se aos talentos de seu pai e seguir seus ensinamentos, abandonou todas as tarefas destinadas às mulheres. O talento dessa mulher era tamanho, que os adoradores da deusa Diana pediram para que Tâmara pintasse um quadro em sua homenagem, e os Efesos prestigiavam e louvavam esse quadro como se estivessem louvando a própria deusa. Desejando que sua memória fosse passada adiante, decide, então, pintar um quadro para que ela fosse perpetuada. Para isso, usa um espelho, assim como mencionado no excerto. Esse espelho, em uma análise mais profunda, é colocado como o princípio de *specula* nas obras de Pizan e Boccaccio, já que ela seria o próprio exemplo de mulher virtuosa que deveria ser passado adiante. Finalizando o diálogo sobre essa dama, Razão menciona que “nós encontraríamos muitas mulheres geniais pelo mundo se nos déssemos ao trabalho de pesquisá-las” (PIZAN, 2012, p. 152). Essa

parte representa uma importante crítica àqueles que julgam as mulheres sem conhecer realmente seu valor dentro da história. Além disso, diante da fala da Dama sobre a vergonha que muitos homens passariam em, não sendo firmes, acusarem os outros do mesmo defeito “ou exigir uma virtude que eles mesmo não têm” (PIZAN, 2012, p. 238), Retidão se mostra em conformidade com as suas irmãs e completa o pensamento no capítulo em que argumenta sobre a inconstância das mulheres do seguinte modo:

Resposta: “Bela e doce amiga, não já ouvistes dizer que ‘Macaco não enxerga o seu rabo, mas enxerga o da cutia’? Mostrar-te-ei que é uma grande contradição dos homens falarem tanto na leviandade e inconstância das mulheres. Todos afirmam, em geral, que as mulheres são muito fracas. E, como eles acusam-nas de fraqueza, supõe-se que eles se achem constantes, ou, ao menos, que sejam mais do que as mulheres. Na verdade, eles cobram das mulheres uma constância maior do que a deles, e eles, pretendendo serem nobres e virtuosos, não conseguem evitar que caiam em muitos erros e pecados, não tanto por ignorância, mas por pura malícia, sendo conscientes de que estão agindo mal. (PIZAN, 2012, p. 238-239)

Primeiramente, a comparação com o ditado popular faz com que haja a proximidade dos ensinamentos divinos com os conhecimentos terrenos, atingindo com mais facilidade o leitor e garantindo que eles compreendam do que se trata a crítica. Partindo do pressuposto de que a linguagem humana é plural em seus significados, Christine de Pizan, em algumas partes do seu texto, emprega as analogias, transferindo os significados de nomes ou expressões para outros do ramo da filosofia, particularmente das ciências naturais, para se chegar ao que se objetiva (REIX, 2008, p. 57). Desse modo, Christine de Pizan pode caminhar por entre os significantes, atribuindo-lhes significados que serão de extrema importância para a composição da obra. Isso aparece também em *De Claris Mulieribus*, porém com menos intensidade, pois o que procura o autor é mostrar aos leitores um leque de mulheres exemplares de acordo com os princípios éticos e morais na sociedade patriarcal. A autora, no entanto, ao elaborar uma obra em que a construção da Cidade se daria em um espaço idealizado com seres pertencentes, principalmente, ao campo divino, pode utilizar com mais liberdade as múltiplas interpretações de acordo com as alegorias que cria, usando as figuras “como uma forma de discurso que se desvia do seu uso normal e mais óbvio” (AUERBACH, 1997, p. 7). Esse uso da figura como alegoria é algo incomum no texto de Boccaccio, por seu caráter mais fidedigno com a história. E é essa característica que faz com que a obra de Pizan seja autoral, pois remete a uma recriação de significados que não estão intrinsecamente únicos com a história, já que a alegoria necessita de interpretação, a figura existe desde que ela seja interpretada por alguém. É dessa maneira que Pizan se destaca: enquanto muitos autores propõem uma única

interpretação da história e dos fatos a ela pertencentes, a autora sugere que o leitor faça as interpretações necessárias ao seu entendimento, claro que elaborando a escrita de maneira que se chegue ao objetivo já elucidado pela escritora no início da obra.

Diante dessa múltipla interpretação, ainda no trecho apresentado anteriormente é possível destacar a falha na argumentação dos homens ao julgarem as mulheres por defeitos que eles mesmos apresentam: para acreditarem ser fortes e mostrarem isso ao público, os homens tendem a elevar os defeitos femininos ao invés de exaltar o que elas têm de virtudes. Isso, além de mostrar essa falha no discurso, mostra o que Retidão chama de maldade, pois ao cometerem erros e sucumbirem ao vício, os homens a que ela se refere não o fazem por ignorância, mas sim por maldade. Essa maldade está atrelada justamente ao fato de não reconhecer os próprios erros para melhorá-los, mas ser sagaz ao identificar o do outro para se vangloriar. Apesar de Boccaccio tratar sobre vícios também dentro de sua obra, a reflexão sobre observar os erros em si mesmo para consertá-los e ser um espelho de virtudes para o próximo não aparece tão claramente quanto em *A Cidade das Damas*.

Sobre isso, Dama Retidão fala acerca das mulheres que cometeram perversidades e que também não mereciam ser consagradas nos livros. Porém, apesar de essas mulheres terem existido, a Dama mostra que “nunca existiu uma mulher mais perversa que um grande número de homens” (PIZAN, 2012, p. 244). Aqui, apesar de mostrar que existiram diversos homens ruins, Retidão não exclui a maldade de algumas mulheres, portanto não há uma difamação dos homens para exaltar a qualidade das mulheres. Isso se comprova mais adiante, quando Retidão continua falando de outras que cometeram atos ignóbeis e cruéis:

As mulheres mais cruéis, a quem os livros fazem referência, são Atália e sua mãe Jezabel. Rainhas de Jerusalém, que perseguiram o povo de Israel; encontra-se também a rainha da França Brunehaut e algumas outras. Mas, pense na perversidade de Judas que traiu tão cruelmente o bom mestre de quem ele era Apóstolo e de quem só havia recebia o bem! Pense, ainda, na maldade, na crueldade dos judeus e do povo de Israel que, não somente mataram Jesus Cristo, por ódio e inveja, mas também, traiçoeiramente, vários santos profetas que o precederam. Pense em Juliano, o Apóstata, que, por sua grande crueldade, tinha a reputação de ser um dos anticristo. (PIZAN, 2012, p. 244)

E assim Retidão continua seu vasto discurso sobre homens que, com crueldade, praticaram diversos atos contrários ao grande mestre. Nesse trecho, é interessante analisar como as adversativas surgem com mais intensidade, pois, ao falar das mulheres ruins sem que haja atos para justificar sua maldade – diferente do que ocorre nas primeiras passagens do livro –, a Dama procura mostrar que há crueldade piores do que

aquelas cometidas pelas mulheres e, mesmo assim, elas costumam ser mais julgadas que os próprios homens. Podemos analisar, por exemplo, a passagem sobre as Rainhas de Jerusalém que perseguiram o povo de Israel: indubitavelmente foi um ato cruel e maldoso, porém, mesmo que não anule o que elas tenham feito, não merecem ser mais julgadas que um homem que traiu Jesus Cristo. A Dama, então, passa do terreno para o celestial: enquanto as mulheres praticaram atos contra seres terrenos, os homens são cruéis com aqueles que têm ligações diretas com as maiores divindades. Além disso, ela confere adjetivos como “traíçoeiramente”, ou substantivos como “ódio” e “inveja” para se referir às atividades praticadas pelos homens. Essas palavras conferem à narrativa qualidades que são básicas para o entendimento do leitor quanto ao conteúdo analisado.

Após breves exemplos de mulheres viciosas, o que, nesse caso, são contados a fim de enaltecer ainda mais aquelas virtuosas, Retidão continua falando sobre mulheres que se destacaram por sua valentia, coragem, ousadia, inteligência e lealdade. É o caso, por exemplo, de Sigismunda, filha do príncipe de Salerne. Essa dama, considerada entre todas a mais casta, inteligente e bela, era grandemente amada por seu pai, que, sendo toda a sua alegria, não queria vê-la casar com ninguém. Mas, como menciona a Dama, “ela sentia-se bonita, na flor da idade, e era acostumada com uma vida de princesa.” (PIZAN, 2012, p. 270). No trecho a seguir, com a continuidade da narrativa, vemos uma passagem muito interessante sobre a seleção dos fatos.

Como essa dama estava sempre no salão, ao lado de seu pai, um dia, notou certo escudeiro entre os *gentlemen* da corte. Ele pareceu-lhe, entre o abundante número de cavaleiros e nobres, o mais bonito, o mais educado e, de todos, o mais digno de ser amado. E, para ser breve, ficou tão impressionada por suas maneiras que decidiu satisfazer seus desejos com ele, a fim de passar sua juventude mais feliz e acalmar a vivacidade de seu espírito jovem. (PIZAN, 2012, p. 271)

É possível perceber, aqui, que há a escolha dos fatos a serem mencionados por Retidão, o que é confirmado pela expressão “para ser breve”. Apesar de ser uma obra que contempla o equilíbrio entre as partes, é necessário prezar pela memória das mulheres virtuosas, a fim de construir a Cidade. Dessa maneira, Retidão confere mais atenção ao fato de Sigismunda ter o direito em amar alguém, já que estava na flor da idade, e ter sido fiel a esse amor, mesmo quando o pai a obrigou a casar-se com outro homem e este ter matado aquele que ela amava. Além disso, suas lágrimas pelo amor perdido duraram tanto tempo, que é uma justificativa, assim como menciona a Dama, aos homens que julgam as mulheres por esquecerem rapidamente uma situação.

É recorrente, mesmo completando os pensamentos de Boccaccio ou reanalisando-os, que as Damas o mencionem ao longo dos diálogos sempre com expressões como “conta Boccaccio”, “menciona Boccaccio” ou “nas palavras de Boccaccio”. Essa técnica, muito utilizada por Pizan no início do livro ao falar sobre os autores que Christine havia lido e um pouco menos recorrente no desenrolar da história, é importante para a compreensão da escrita de uma mulher no contexto da Idade Média. Sem um respaldo grandioso como tinham os homens, Pizan necessitava ganhar a confiabilidade do público. Desse modo, faz menção aos autores consagrados para justificar a sua escrita: a análise, ainda que reavaliando as histórias e os pensamentos, não se distancia do que prega toda uma cultura regada pelos conhecimentos de grandes pensadores, poetas e filósofos, de modo que não chega a ser audaciosa a ponto de desconstruir o que uma sociedade inteira acolhia como cânone.

Comprovando com os diálogos entre as Damas e Christine ao longo da história, é recorrente a lembrança tanto de Razão, Retidão quanto Justiça sobre o equilíbrio entre homens e mulheres e a negação da superioridade de qualquer um dos gêneros. Isso, pois a pretensão das Damas não é que o discurso de Christine seja o mesmo daqueles que a levaram à cegueira quanto à importância das mulheres, mas sim o entendimento de cada função dos indivíduos dentro da sociedade e, quando desempenhadas de maneira coerente, é possível a criação de um espaço mais harmônico. Porém, seja por medo da “invasão” de um novo sistema que invalidaria a condição das mulheres dentro do contexto, seja para seguir apropriadamente o que era caracterizado como virtuoso dentro do Medieval, a criação de *A Cidade das Damas* é uma seleção de mulheres e uma escolha daquelas que podem ou não adentrar a Cidade.

Resposta: “Cara amiga, debes saber que nem todas as mulheres, como nem todos os homens, são sábias; portanto, se um homem tem um pouco de bom senso, deverá verificar a sabedoria e a bondade da sua mulher, antes de confiar-lhe coisas que pretende guardar segredo, para que não corra risco. Mas, quando um homem sente que tem uma mulher boa, sábia e discreta, não há, no mundo, algo que ele possa mais confiar e que possa dar-lhe mais conforto.” (PIZAN, 2012, p. 204-205)

Retidão, em conformidade com as leis e sempre seguindo uma integridade, mostra a necessidade de saber se as pessoas são dignas de confiança e se merecem se juntarem àquelas de bem, sejam elas homens ou mulheres. Nesse sentido, a escolha das pessoas que podem ou não construir um ambiente onde vigore as leis e que seja harmônico é visível, ainda que o intuito de restituir a confiança e sabedoria às mulheres

seja louvável perante as obras que maldiziam seu caráter. Retidão profere, pois, as palavras que iniciarão o povoamento da Cidade das Damas:

Agora, chegou a hora de começar a povoar essa nobre Cidade, para que ela não fique abandonada, como uma vida morta. Ela será, ao contrário, habitada por mulheres de grande mérito, porque não queremos outras. Oh! Como as cidadãs de nossa cidade serão felizes! Elas nunca temerão ou ficarão em dúvida se os novos ocupantes irão expulsá-las de seus pertences. Pois, a natureza de nossa obra é tal que as donas não poderão nunca ser expulsas. (PIZAN, 2012, p. 185)

Assim, baseado no conhecimento adquirido pelos mestres e pelas refutações a alguns ensinamentos, começa o povoamento da Cidade das Damas, em que as mulheres, livremente, poderão expressar suas ideias sem medo de que outros as expulsem do lugar que as pertence e, inclusive, porque, além de não haver homens habitando a Cidade, somente lá viverão aquelas que são caracterizadas como virtuosas pelas Damas Celestiais, ou seja, com características semelhantes que não permitirão a queda desse império. Além disso, essa construção da Cidade é a representação de novos pensamentos a serem escritos e proferidos para toda uma comunidade de indivíduos considerados ínfimos dentro de uma sociedade. Assim, o trabalho de Christine de Pizan constitui-se como uma emulação do texto de Boccaccio ao analisarmos a maneira como ela compila as histórias das Damas e como, a partir de um trabalho alegórico, reinterpreta as passagens de modo conveniente para seu objetivo.

CAPÍTULO 3

AS DAMAS CELESTIAIS COMO PERFIL MORAL E ÉTICO

3.1 – DAS VIRTUDES CELESTIAIS: MULHERES VIRTUOSAS ELABORANDO UM TRATADO PARA O PADRÃO SOCIAL

Com as formulações de diversos tratados para a organização do espaço feudal, muitas normas de condutas foram estabelecidas tanto para os governantes quanto para os indivíduos que compunham a sociedade medieval. No que concerne à escrita, a França foi modelo para muitas outras regiões no que diz respeito à formalização dos tratados, de modo que, agora, eles não mais seriam passados oralmente, mas sim redigidos, o que os tornavam menos passíveis de mudanças e mais aptos a serem divulgados da maneira como seriam estabelecidos. Além disso, a partir do século XIII, quando a França começa a ter um número bastante considerável de tratados, eles passam a fazer parte integralmente da sociedade e a estabelecer as posições de cada indivíduo participante nela. Nesse contexto, se as mulheres já eram subjugadas quanto à sua importância para a sociedade, a partir do momento em que passam a ser redigidas essas leis de condutas, elas são caracterizadas de acordo com regras e preceitos escritos e formalizados, todos formulados por uma sociedade patriarcal. O final do século XIII, para a Europa,

“É o momento em que se generaliza a redação dos costumes²⁰ onde se multiplicam as cartas de franquia, onde o direito feudal, tanto quanto o direito romano e o canônico, corporificam-se em tratados. A sociedade tradicional, do ouvir-dizer, da tradição oral, habitua-se lentamente a manipular e a ler os atos escritos assim como aprendera a utilizar o dinheiro na vida econômica.” (LE GOFF, 2005, p. 345)

Assim, diversas convenções eram estabelecidas com o intuito de harmonizar a sociedade a partir do ponto de vista daqueles que detinham o poder. Eram tratados, principalmente, sobre a conduta dos reis, dos cargos ocupados por estudiosos dentro dos palácios, e pedagógicos, que elucidavam como e quem deveria receber educação e de acordo com quais regras ela seria estabelecida. Outros menos também foram elaborados, estes retratando o papel das mulheres, mas todos eles de modo a apresentar

²⁰ Conjuntos de regras e normas sociais que, antes, eram transmitidas oralmente e que agora possuem caráter escrito formalizado. Regras seguidas por uma sociedade para organizá-la de acordo com seu governo

o comportamento moral e ético adequado aos padrões da Idade Média. Já mencionamos esses tratados durante o trabalho, porém é necessário retomá-los, pois serão essenciais para a organização dentro da obra de Pizan. A autora, ao objetivar a construção de um espaço ideal, também seleciona aquilo que será adequado para a boa organização da Cidade. Em um momento em que a insegurança das mulheres reinava, já que elas estavam subjugadas a poderes preestabelecidos e que intervinham drasticamente em suas funções sociais, era necessário proteger-se daquilo que poderia inferiorizá-las ainda mais. Dessa maneira, ao atribuir voz às Damas Celestiais, Christine de Pizan permite que elas, como alegorias de virtudes divinas, estabeleçam as normas mais coerentes para governar um local e, nesse caso, leis irrefutáveis dentro da Cidade, já que seriam instauradas por seres do campo divino, instruídas diretamente pelo grande mestre e detentoras de um saber além da capacidade humana.

Poderei dizer o mesmo dos papas e das pessoas da Santa Igreja, que mais do que qualquer outro deveriam ser excelentes e perfeitos. Bem que, nos primeiros tempos da cristandade, foram puros, a pureza que não se encontra mais depois que Constantino dotou a Igreja de rendas abundantes e riquezas. Basta ler, nas canções de gesta e crônicas. Se me respondes que isso acontecia outrora e que, hoje em dia, as coisas vão bem, olhe ao teu redor e diga-me se o mundo está melhorando e se há muita constância e firmeza nos atos ou deliberações dos príncipes, tanto os temporais, quanto os espirituais. É bastante claro; não te direi mais nada. Não entendo por que os homens falam tanto de inconstância e leviandade das mulheres, e, como não têm vergonha de abrir a boca quando veem que questões importantes que estão ao encargo deles – e não ao das mulheres – são tratadas com tanta inconstância e leviandade, procedendo como crianças! Sem falar como são tratados os acordos e resoluções estabelecidos em seus conselhos! (PIZAN, 2012, p. 243)

Dama Retidão, após um diálogo sobre o valor de vários imperadores e príncipes – e somente ressaltando alguns poucos que foram dignos de carregarem esses títulos –, pede que Christine olhe para a sociedade e veja se ela realmente está melhorando com a má organização em que se encontra. Para confirmar isso, a Dama menciona a Igreja que, antes pura, fora impregnada com o desequilíbrio do excesso de luxo colocado por Constantino, sendo que uma das virtudes divinas era ser comedido para harmonizar a sociedade. Além disso, argumenta que, enquanto os homens criticam a leviandade das mulheres, eles mesmos são negligentes quanto aos contratos sociais e aos tratados que deveriam estabelecer com primazia para ordenar a comunidade de que tanto se vangloriavam por estar em suas mãos. Ao final da fala, Retidão ainda critica os tratados elaborados nos conselhos e, conseqüentemente, com essa desaprovação, coloca em análise também todas as leis que estabelecem esses escritos, inclusive aquelas que caracterizam as mulheres e suas funções. Ora, se esses homens, considerados aptos a

governar o contexto social, não eram competentes o suficiente para atuar nesse ramo tão importante e necessário, como eles poderiam julgar as mulheres por atos pelos quais eles mesmos mostravam inaptidão ao realizá-los? Pois é através desse tipo de incoerência que Retidão justifica a criação de uma Cidade elaborada por pessoas diferentes daquelas que estavam no comando da Idade Média. Com essa técnica, a Dama poderia fazer alusão aos maus atos dos governantes e conseguir seus dois objetivos: tanto relevar aquelas atitudes que deveriam ser condenadas dentro da Cidade das Damas, quanto evidenciar que a construção desse local deveria, realmente, ficar na responsabilidade de outras mãos – no caso, femininas –, já que as masculinas não estavam exercendo com excelência o que se propuseram a fazer.

Diante desse pensamento de Dama Retidão, Christine pergunta qual o motivo de tantas mulheres sábias, inteligentes, filósofas, guerreiras, leais tolerarem os maldizeres por tantos anos e, por eles, não terem o espaço que mereciam dentro da sociedade. A essa pergunta, a Dama responde:

Resposta: “Cara amiga, a questão é muito fácil de se responder. Depois de tudo que te disse sobre as damas e suas virtudes, fica claro que elas aplicaram toda sua inteligência em diversas obras, bem diferentes umas das outras, tratando assuntos bem variados. Mas, a construção dessa obra era destinada a ti, e não a elas. Pois, as obras dessas mulheres já foram louvadas por pessoas inteligentes e sensíveis, sem que fosse preciso escrever mais outras. E, quanto a todo esse tempo passado, sem que os acusadores e caluniadores fossem confrontados, digo-te que cada coisa tem seu tempo e hora para acontecer na eternidade. Como Deus pôde tolerar, tanto tempo, as heresias contra as leis santas que foram extirpadas com tanta dificuldade e que ainda estariam aí, se não tivesse levantado contra elas para combatê-las e vencê-las? E, assim, acontece com bem mais outras coisas que, por muito tempo, são toleradas e, um dia, são discutidas e corrigidas.” (PIZAN, 2012, p. 261)

Observamos aqui que a resposta da Dama sobre a questão da tolerância àqueles discursos difamadores é composta por duas passagens importantes para análise. A primeira delas se refere à destinação de um ato a uma determinada pessoa: Retidão, para acalantar os pensamentos de Christine, revela a ela que, assim como todas as coisas foram criadas por Deus e Ele sendo responsável por tudo, o destino da edificação da Cidade somente poderia ser dado a ela, já que Christine também merece ser louvada assim como outras o foram. Nesse caso, a resiliência em aceitar as condições impostas pelo destino e pelo tempo – sempre ligados a Deus – é evidente e mostrada como uma virtude, já que a aceitação de seu destino conferido pelos grandes poderes divinos se relaciona à obediência diante desse acontecimento. A segunda etapa de argumentação de Retidão é referente a uma comparação feita entre as damas e Deus: se Ele, como criador de tudo e grande mestre do mundo, com sabedoria incomparável pôde tolerar

por tanto tempo os discursos de hereges que difamaram as leis santas, como as outras mulheres, seres terrenos e ainda aprendendo os ensinamentos divinos, não poderiam suportar essas calúnias sobre elas? Assim, finalizando essa comparação, Retidão fala a Christine sobre o tempo certo de atitudes serem corrigidas: mais uma virtude apresentada, pois aqui ela trata do comedimento diante da alteração das paixões, justamente para que os assuntos sejam discutidos e acertados em seu determinado tempo, com o equilíbrio de espírito necessário para não haver erro.

Assim, voltamos a um aspecto primordial para que as Damas pudessem realizar a construção e povoamento da Cidade: após erguer a fundação, as paredes e os tetos, Retidão anuncia que a Cidade começaria a ser habitada por aquelas que seguissem as virtudes preestabelecidas. Dessa maneira, analisamos aqui que, assim como os estudiosos da sociedade medieval eram responsáveis pela criação de *Espelhos do Príncipe*, do mesmo modo a autora da obra propõe a criação de um novo gênero, sendo ele o *Espelho de Dama*. Nesse caso, analisamos como um gênero a ser elaborado por Pizan, pois, assim como na sociedade do Medievo os estudiosos – e ela própria – escreveram tratados com leis e normas para que os reis seguissem uma certa conduta a ser espelhada para a população, dentro da obra, durante a construção da Cidade, as Damas fazem o mesmo ao longo dos ensinamentos dados a Christine: as virtudes selecionadas criteriosamente e os vícios condenados serão a base para escolher as damas que poderão habitar a Cidade. Desse modo, ao seguir uma conduta coerente com os ensinamentos divinos dentro desse espaço idealizado, as mulheres que lá habitarão serão dignas de conviverem em paz e harmonia, sabendo que há um grupo de singularidades necessárias para o bom convívio.

Continuando a triagem dessas damas, Retidão condena outro vício diante da pergunta de Christine. Quando esta questiona sobre muitos homens falarem que as mulheres que “gostam muito de manter-se arrumadas, enfeitando-se de lindas roupas e luxuosos ornamentos, fazem-no para atrair a amor dos homens” (PIZAN, 2012, p. 283), a Dama responde:

Resposta: “Cara amiga, não estou querendo encontrar justificativa para aquelas que têm uma preocupação exagerada com a aparência, pois isso é realmente um defeito, e não dos pequenos. Todo requinte exagerado com as vestimentas, que procura superar os costumes de sua própria condição social, deve ser condenado. Porém, não para justificar um vício, mas para impedir que alguns se ponham a repreender, excessivamente, aquelas mulheres que vemos elegantes, posso dizer-te que nem todas o fazem com o intuito de seduzir. Para muitos homens e mulheres, trata-se de uma inclinação natural e honesta o fato de deleitar-se com a elegância, com belas e ricas roupas, com a

limpeza e o luxo. Se faz parte da natureza de alguém, fica difícil renunciar, apesar de que seria, assim, algo muito louvável.” (PIZAN, 2012, p. 283)

A crítica feita ao exagero é, mais uma vez, ressaltada na fala de Retidão. Esta, sendo a representante dos valores comedidos e do equilíbrio, não permitiria que a Cidade ideal fosse desestruturada por atitudes que não caberiam nos conceitos de proporções e harmonia. Porém, com uma adversativa, ela mostra que, quando a natureza do indivíduo, seja ele homem ou mulher, tem inclinações para o luxo, é preciso que isso seja levado em consideração ao criticar, já que é um aspecto intrínseco da natureza da própria pessoa. Ainda assim, mesmo não desprezando esse entendimento da natureza do ser humano, Retidão afirma que mais louvável seria se, até mesmo, essas pessoas conseguissem renunciar aos exageros do luxo.

Continuando o povoamento da Cidade, Retidão exemplifica algumas damas contemporâneas a Christine, o que, além acentuar a admiração de Christine por elas, mostra o quão presentes elas estão na sociedade e confere uma verossimilhança com a vida dos leitores, já que eles poderiam se contextualizar em uma sociedade em que ainda habitavam mulheres virtuosas, ou seja, elas não são somente histórias contadas e passados memorizados, agora elas se tornam cada vez mais presentes dentro da sociedade em que se inserem os indivíduos do Medievo.

(...) garanto-lhe que muitas são virtuosas e que me agradaria vê-las como nossas cidadãs. Primeiramente, entre todas, não podemos deixar de aceitar a nobre rainha da França, Isabel de Baviera, que reina, a presente, pela graça de Deus. Nela, não se vê nenhuma marca de crueldade, extorsão ou qualquer outro vício, apenas amor e bondade para com seus subordinados.

Também não se deve louvar a bela, jovem, boa e sábia duquesa de Berry, mulher do duque Jean, antes conhecido como filho do rei Jean da França e irmão do sábio rei Carlos V? Essa nobre duquesa, na flor da juventude, de tão casta e sábia, é por todos louvada e conhecida por sua grande virtude. (PIZAN, 2012, p. 291)

Dentre essas damas citadas por Retidão como exemplo de virtude, outras são louvadas para que habitem a Cidade e ofereçam a ela todos os seus bons conhecimentos e suas boas condutas para estabelecer normas que serão vigentes nessa sociedade ideal, além de exemplificar às outras mulheres que ali não habitam como se portar para ser o reflexo desses valorosos espelhos da Cidade das Damas. Portanto, Pizan coloca na obra uma técnica utilizada politicamente para organizar a sociedade: como conselheira do Príncipe e escritora de tratados como *Espelhos do Príncipe*, a autora elabora na obra um dos fundamentos que melhor representaram seu poder na sociedade medieval. Ao reconfigurar esse gênero dentro de *A Cidade das Damas*, Christine de Pizan procura mostrar as verdades sobre os discursos que antes orientavam o monarca e que, agora,

orientam todas as damas no espaço idealizado. Falamos aqui em “verdades”, pois, no final do século XIV, com a extrema desorganização em que se apresentava o Medievo, era preciso que os novos tratados fossem eficazes ao ponto de reorganizar a sociedade e reestabelecer a ordem anteriormente perdida.

Mas a realidade do Ocidente medieval não está somente nesta atomização da sociedade e do governo, está também na confusão horizontal e vertical dos poderes. Entre os múltiplos senhores, a Igreja e as igrejas, as cidades, os príncipes e os reis, os homens da Idade Média nem sempre sabem de quem dependem politicamente. No próprio âmbito da administração e da justiça, os conflitos de jurisdição que se repetem continuamente exprimem esta complexidade. (LE GOFF, 2005, p. 89)

Assim, com o intuito de reorganizar esse espaço, Christine de Pizan também trata em seus Espelhos de um monarca que intermediasse os conflitos entre a monarquia e a Igreja, de modo que não interferisse diretamente nessa separação do poder, mas o distribuísse entre as instituições que, de certa forma, estariam desorganizando a sociedade. Para isso, Pizan não trabalha somente com as condutas a serem seguidas pelo monarca sem questionamentos, mas sim por outro viés que não era comum aos escritores de tratados: o rei não deveria, portanto, ser um mero seguidor de regras e normas, ele deveria refletir e voltar-se a si mesmo para que compreendesse os valores que deveria seguir e aqueles que deveria rechaçar, a fim de que a sociedade também fosse um exemplo não só como pessoas que apenas cumprem regras, mas sim que como aquelas que sabem refletir sobre seu comportamento na sociedade com o intuito de entendê-las e, portanto, cumpri-las com sabedoria.

O que limitava a violência era o poder da Igreja, que procurava restabelecer a paz, a despeito de todos os obstáculos, porque essa paz é um reflexo, na terra, de Jerusalém celeste, da ordem perfeita que reina no céu. Os reis, personagens sagrados, eram os representantes de Deus na terra. Pertencendo, em parte, à Igreja pelo rito da sagração, eles tinham como responsabilidade essencial manter a paz e a justiça. Era isso que prometia o rei, quando era sagrado em Reims: proteger a Igreja e seu povo contra as violências. Esse era seu papel, sua função, e o rei dedicava a exercê-lo como podia. (DUBY, 1999, p. 105)

É essa ideia que Christine de Pizan transfere para a edificação da Cidade em sua obra. As Damas fazem o papel daquelas responsáveis pela escrita dos tratados e, assim como a autora, argumentar consistentemente para que Pizan não siga meramente os ensinamentos por serem Damas Celestiais, mas sim porque conseguiu compreender aquilo que lhe é passado como verdade. Esse fato é comprovado pelos inúmeros questionamentos que são feitos por Christine ao longo da obra: diante das histórias contadas, a personagem faz questão de analisar, refletir e perguntar para que nada passe despercebido por seu intelecto.

E eu, Christine, lhe respondi: Dama, ouvir essas palavras de vós encheu-me de alegria.

E ela respondeu-me: “Cara amiga, parece-me ter cumprido bem meu dever na Cidade das Damas, que a construí com belíssimos palácios, residências e mansões e povoei de nobres damas, de toda condição social, das quais a Cidade já está cheia. Que isso te seja suficiente, e que venha minha irmã Justiça para completar a obra.” (PIZAN, 2012, p. 292)

Com essas palavras, Christine e Retidão findam o diálogo de maneira que, agora, as dúvidas da dama sobre por quais motivos as virtudes selecionadas são as mais valorosas para compor a Cidade e por que determinados vícios são rechaçados. Não se restringindo somente a esse tópico da dissertação, é imprescindível comentar que, além da seleção de valores, as dúvidas de Christine acerca dos discursos masculinos sobre uma crítica direta e exagerada às damas são sanadas para que ela compreenda o fator fundamental que serviu de base para as primeiras fundações: os discursos proferidos pelos homens e todos os escritos que avaliavam e caracterizavam as mulheres como inferiores e, muitas vezes, indignas de respeito devem ser repensados e reinterpretados de maneira que eles não firam nem a integridade das damas nem os preceitos divinos.

Após esse último diálogo, o Livro Terceiro e último refere-se à entrada de Dama Justiça para finalizar os telhados e as torres, fazendo com que a Cidade seja minuciosamente organizada. É interessante analisar aqui que, como um livro de instruções, Christine de Pizan mostra, em cada entrada dos Livros e nos títulos dos capítulos, uma ilustração do que acontecerá e, conseqüentemente, a qual objetivo o leitor deve se ater para ter um olhar mais direcionado.

LIVRO PRIMEIRO

Aqui começa o Livro A Cidade das Damas, cujo primeiro capítulo narra como e com qual propósito este livro foi escrito. (PIZAN, 2012, p. 57)

LIVRO SEGUNDO

Aqui, começa a segunda parte do Livro a Cidade das Damas, onde é narrado por quem foram erguidos as moradias e os edifícios no interior da Cidade, e a maneira como ela foi povoada. (PIZAN, 2012, p. 165)

LIVRO TERCEIRO

Aqui, começa a terceira parte do livro A Cidade das Damas, onde está relatado como e por quem os telhados das torres foram acabados, e quais foram as nobres damas escolhidas para povoar os grandes palácios e as altas torres. (PIZAN, 2012, p. 293)

Os capítulos, como dito, também fazem menção ao objetivo textual e como eles são importantes para a compreensão da história, de modo que alguns apresentam melhor descrição, dependendo da relevância que tem para o próprio Livro em que está inserido, como no Livro Primeiro, em que a aparição das Damas é revelada: “II Aqui, Christine conta como três Damas apareceram e como a que estava na frente dirigiu-se a ela para consolar seu pranto.”

Nesse trecho, “a que estava na frente” refere-se à Dama Razão e, do mesmo modo que ela é mencionada na entrada do capítulo, permanece com sua fala ao longo de todo o Livro Primeiro. O leitor, então, pode ver que serão de relevante importância as palavras proferidas por ela no decorrer do texto. E isso se comprova quando ela se propõe a fazer toda a argumentação que, alegoricamente, representa o alicerce da Cidade. Essa argumentação, transpondo para o tratado de organização social dentro da Cidade das Damas, é a parte inicial da sistematização do que precisa ser alterado no contexto para que, efetivamente, haja uma mudança. Dessa maneira, assim como os alicerces são construídos com materiais sólidos, a argumentação da Dama é edificada a partir dos discursos patriarcais sobre as mulheres que precisarão ser reanalisados, de forma que eles serão a base para mostrar o que é necessário ser mudado. Os tratados, então alegorizados com a construção da Cidade e de toda a sua organização, são primordiais para que esse espaço ideal seja bem constituído de acordo com as normas preconizadas pelas Damas.

Outras partes importantes como essa são, por exemplo, o objetivo pelo qual a Cidade será erguida, a revelação de todas as Damas, ainda que uma delas seja mais enfatizada nesse Livro, qual a importância de Christine quanto à construção desse local e, mais adiante, as damas que serão importantes para a edificação da Cidade.

- III Aqui, Christine conta como aquela que se dirigia a ela explicou-lhe quem era, qual a sua natureza e seu papel, e depois anunciou-lhe que ela iria construir uma cidade com a ajuda das três Damas. (PIZAN, 2012, p. 63)
- IV Aqui, fala-se ainda de como a dama explicou a Christine sobre a cidade que ela era destinada a construir, e que ela tinha tarefa de ajudá-la a construir a muralha e os fechos, e depois revelou seu nome. (PIZAN, 2012, p. 67)
- V Como a segunda dama revelou a Christine seu nome, seu papel, e como iria ajudar na construção da Cidade das Damas. (PIZAN, 2012, p. 68)
- VI Christine conta como a terceira dama revelou quem era, qual era seu papel, como ela a ajudaria a fazer as lajes e os tetos das torres e palácios, e como ela iria trazer a Rainha acompanhada das mais nobres mulheres. (PIZAN, 2012, p. 70)
- VIII Aqui, Christine conta como iniciou, com a ordem e a ajuda de Razão, a cavar a terra para fazer as fundações. (PINZAN, 2012, p. 73)

Assim, o texto se edifica a partir dessas argumentações e é a base para que o tratado tenha seu início. Com isso, ao final da construção da Cidade, será possível mostrar ao leitor as virtudes ideais e necessárias para a constituição do espaço.

No Livro Segundo, com a entrada de Dama Retidão, é possível observar que, a partir das justificativas (fundamentações) dadas por Dama Razão, a segunda se dispõe a elaborar as paredes da Cidade, que representam a alegoria feita com as proteções contra aqueles discursos antes proferidos para prejudicar a posição feminina na sociedade. Dessa maneira, ela começa a apresentar exemplos de diversas damas e suas virtudes, além de identificar todos os seus bens para a sociedade. Nesse sentido, o discurso de Retidão é a continuação daquele iniciado por Razão, porém com uma diferença: enquanto esta é responsável por abrir os olhos de Christine a fim de que enxergue a importância das mulheres para a sociedade e exemplificar as damas que, muitas vezes e assim como ela, foram subjugadas, mas mostraram seu valor dentro do contexto, aquela, a partir saída de Christine desse mundo de cegueiras, é incumbida de exemplificar as virtudes necessárias que farão parte das leis da Cidade, além de condenar os vícios, de modo que eles sejam exemplos do que não seguir.

Transferindo essa ideia para o *Espelho de Dama*, é possível notar que, após mostrar o que há de errado em um contexto social, é necessário criar o espelho com as qualidades essenciais para serem refletidas à sociedade. Nesse sentido, tanto homens quanto mulheres são exemplificadas, seja como exemplos de virtudes, seja como exemplos de vícios, para revelar a conduta ideal, sendo necessário, portanto, refletir sobre si mesmo acerca dos valores que o indivíduo carrega. Essas partes seriam exemplificadas por passagens, como:

- XII Retidão afirma ter acabado a construção dos edifícios e que é tempo de povoar a cidade. (PIZAN, 2012, p. 185)
- XIII Christine pergunta à Retidão se é verdade o que os livros e os homens dizem que a vida de casado seja tão dura de suportar por causa das mulheres e seus erros. Responde Retidão e começa a falar do grande amor da mulher com seus amigos. (PIZAN, 2012, p. 186)
- XIX Christine toma a palavra e Retidão responde, dando-lhe exemplos, citando a excelente Júlia, filha de Júlio César e esposa de Pompeu. (PIZAN, 2012, p. 196)

- XXV Christine se insurge, diante da dama Retidão, contra aqueles que afirmam que as mulheres não sabem guardar segredo. Retidão responde, citando o exemplo de Pócia, filha de Catão. (PIZAN, 2012, p. 204)
- XXVIII Provas contra aqueles eu dizem que o homem que escuta sua mulher e segue seus conselhos é um ser desprezível. Christine pergunta e Retidão responde. (PIZAN, 2012, p. 208)
- XXX Christine fala sobre o grande bem que as mulheres trouxeram ao mundo e ainda trazem todos os dias. (PIZAN, 2012, p. 2013)
- LIII Após o que Retidão contou sobre as damas constantes, Christine pergunta-lhe por que tantas mulheres nobres do passado não contradisseram os livros e os homens que as caluniavam, Retidão responde. (PIZAN, 2012, p. 260)

Esses são alguns exemplos que provam como, ao longo do texto, Christine vai tomando voz dentro da obra à medida que é esclarecida sobre o que realmente são os discursos que inferiorizam as mulheres. A partir do momento em que ela se sente mais segura sobre seus valores e sobre todas as virtudes que pode carregar uma mulher, Christine pode falar com mais clareza a crítica feita a respeito daqueles que, sem um conhecimento profundo, proferiram inverdades sobre mulheres que também ocupam um lugar de importância na sociedade. O *Espelho de Dama*, nesse caso, é melhor consumado, pois, como Pizan justificava em seus tratados sobre a conduta do monarca, há a necessidade de autorreflexão para que o indivíduo não só siga regras que foram estipuladas, mas sim as entenda com clareza e bastante discernimento, de modo que transmita, aos outros, verdades em que ele acredite. O ser humano, refletindo sobre seus atos, estará apto a entender o que é preciso ou não mudar para que o bem comum seja alcançado.

No terceiro e último livro, organizado por Justiça, é finalizada, pois, a edificação da Cidade. Este, apesar de ser o menor dos três livros, apresenta uma das partes primordiais para que a organização seja concluída com primazia: a mulher que melhor representa a virtude, a Dama das damas e a que será espelho supremo para todas as outras: a Rainha da Cidade, Ave Maria.

É chegada a hora de providenciar, como te havia prometido, o que ainda resta a fazer, ou seja, trazer a excelentíssima Rainha, bem-aventurada entre todas as mulheres (...) Que venham, então, as princesas, damas e mulheres de todas as classes, na frente, para acolher, com honra e devoção, aquela que não é somente sua rainha, mas que tem ainda poder e autoridade sobre todas as potências do mundo, depois do único Filho que ela teve, concebido pelo Espírito Santo, e Filho de Deus Pai. Todavia, é justo que essa assembleia de mulheres suplique à elevada, excelentíssima e soberana princesa, o

consentimento de descer e vir habitar entre eles aqui na terra, na sua cidade e congregação, sem desprezo para com a pequenez das delas em relação à sua grandeza. Não há dúvida de que sua inigualável humildade, sua bondade mais que angelical, não a obrigam a aceitar nosso pedido de vir habitar na Cidade das Damas, onde ela terá o mais alto lugar, o palácio que minha irmã Retidão preparou e que é feito inteiramente de glória e louvor. Venham comigo todas as mulheres para lhe dizermos assim:

Nós te saudamos, Rainha dos Céus, com a mesma saudação que o anjo te fez, a mais apreciada entre todas: *Ave Maria*. (PIZAN, 2012, p. 294)

Aqui, em uma das últimas adversativas, Dama Justiça mostra às mulheres, habitantes da Cidade das Damas, que sua excelentíssima Rainha ocupará o mais alto cargo e mais virtuosos deles. Com prudência, ainda sabendo da importância e grandiosidade de Ave Maria, Justiça não deixa de colocá-la em um segundo lugar, logo depois de seu digno Filho, como prova de sua obediência perante as leis divinas. Porém, é necessário ressaltar que, mesmo sendo Jesus Cristo o mais virtuoso de todos os seres, estando acima até mesmo de sua mãe, é preciso que as damas e todas as mulheres da Cidade clamem por Ave Maria para que ela ocupe o cargo que lhe foi reservado. Isso mostra o respeito e submissão a uma mulher superior; entretanto, quando dizemos “submissão” neste contexto, não podemos olhar de maneira descontextualizada para um momento histórico: Pizan, criada aos moldes sociais em que monarcas imperavam e sendo escritora de tratados no Medievo, não podia elaborar um império em que não houvesse uma Rainha superiora, que impera diante de toda sabedoria e virtude. Assim, Christine de Pizan, mesmo seguindo as regras instituídas na sociedade patriarcal, consegue elaborar uma obra em que os valores femininos são defendidos e bem vistos dentro de um contexto, ainda que seja ele um espaço idealizado.

Eis que, diante de tanto louvor e glória, porém não a caracterizando como arrogante ou presunçosa, a Rainha aceita assistir na Cidade das Damas e ocupar um cargo de extrema importância para o bom funcionamento do local.

Tal foi a resposta da Virgem: “Justiça, a preferida do meu Filho, aceito com prazer habitar e viver entre minha irmãs e amigas, na companhia das mulheres. Pois, Razão, Retidão, tu Justiça, e mesmo Natureza, instigam-me a vir. Elas me servem, louvam-me e me honram sem cessar; sou e serei eternamente a rainha de todas as mulheres; tal como foi desejado, desde sempre, por Deus Pai, predestinado e ordenado pela Santa Trindade.” Justiça e todas as mulheres ajoelharam-se e baixaram a cabeça para dizer: “Dama celeste, graças e louvor a ti pela eternidade dos séculos. Salve-nos, Nossa Senhora, e que teu Filho reze por nós, ele que nada recusa.” (PIZAN, 2012, p. 295)

Inicialmente, ao mencionar Justiça como a preferida entre todas por Jesus Cristo, Ave Maria não se coloca como uma Dama que desvaloriza as outras virtudes em proveito de uma somente, mas sim coloca Justiça como aquela que, finalizando a

construção da Cidade e, conseqüentemente, de todos os valores humanos, engloba todas as outras virtudes, pois o resultado esperado entre ponderação, bondade, resiliência, retidão, honestidade, razão, coragem, entre diversas outras citadas ao longo do trabalho é a própria justiça, e dela emana toda a perfeição que se espera dessa Cidade constituída somente com aquelas qualidades preestabelecidas por Deus.

Um pouco mais adiante, é possível observar como a Rainha se coloca como aquela que sempre foi e sempre será Rainha de todas as mulheres, pois sempre a louvam e a honram como detentora das maiores virtudes. Essas características autoatribuídas a Ave Maria não podem, neste caso, ser qualificadas como arrogância, pois, como Ela mesma justifica, foram predestinadas e ordenadas pela Santa Trindade, ou seja, são inquestionáveis, já que foram dadas a Ela por poderes superiores divinos, aos quais não se pode julgar. Contemplando também as irmãs de Ave Maria, as outras santas damas são citadas neste Livro, mostrando as bem-aventuradas mulheres e seus valorosos feitos para serem aceitas e colocadas no topo dessa Cidade. Isso nos remete a Boccaccio e a exclusão das mulheres representadas nas Sagradas Escrituras, pois delas já haviam muitos escritos. Nesse ponto, Christine de Pizan se diferencia bastante do escritor, já que, para ela – e como é bem colocado nesses capítulos finais –, é impossível conceber um reino em que não haja uma superioridade e que ela não seja mencionada. Pizan, portanto, mostra respeito e obediência àquelas regras que norteiam a vida na sociedade. Pois, então, entre as histórias de Maria Madalena, Santa Catarina, Santa Margaria, Santa Lúcia e diversas outras, Justiça finaliza seus ensinamentos. O que fica claro, aqui, é que, diante de tantas histórias elucidando mulheres exemplares e terrenas que protegeram reinos e pessoas também pertencentes ao mundo dos homens, seria imprescindível mostrar que até mesmo as mais valorosas, como as mencionadas Santas, devem respeito máximo ao seu Criador, portanto não seria diferente com aquelas pertencentes ao mundo terreno.

Se quisesse enumerar-te todas as virgens santas que mereceram o Paraíso pela coragem que elas mostraram em seus martírios, iria precisar de uma longa narrativa. Eu poderia citar-te, por exemplo, Santa Cecília, Santa Inês, Santa Águeda, e muitas outras. Se queres saber mais, basta consultar o *“Speculum Historiale”*, que reúne vários exemplos. Mas, falar-te-ei ainda de Santa Christine, porque ela é a tua patrona e é uma virgem muito venerável. (PIZAN, 2012, p. 313)

Justiça dá especial atenção à história de Santa Christine, pois ela mostra, dentre várias, a maior virtude que se espera de alguém temente a Deus: ser um mártir.

Christine, filha de Urbano, comandante de cavalaria pagão, instruía a todos a serem devotos de ídolos. Porém, aos doze anos, Christine recebeu uma revelação cristã e converteu-se à fé de Cristo. Pressionada por seu pai e por todos aqueles adoradores de ídolos que a circundavam a se sacrificar como oferecimentos aos deuses pagãos, Christine se recusou e rogou a Deus para que nada acontecesse a ela, sem recusa a sua fé cristã. Todas as tentativas de converter Christine de volta aos costumes dos ídolos foram realizadas, desde torturas do próprio pai, a outras cometidas por juízes e todos os tipos de tiranos, porém de nada serviram para convencer Christine a repelis a fé que se tornara símbolo de sua mais alta adoração. Diante dessa mártir, Jesus e seus anjos desceram para acolhê-la no reino dos céus como a mais virtuosa mártir entre as mulheres, pois nenhuma tortura era suficiente para convencê-la do contrário.

Então, uma voz desceu dos céus dizendo: “Christine, virgem pura e sem mácula, os céus se abrem para ti, o reino eterno te espera, e toda igreja triunfante louva Deus em ti, pois, desde a tua infância, magnificastes o nome de teu Cristo”. Com os olhos levantados para o céu, Christine louvou ao Senhor. Escutou-se, novamente, a voz que dizia: “Vens, Christine, minha filha eleita, minha filha bem-amada; recebe a palma e a coroa eternas. Vens receber a recompensa dos martírios que subistes, glorificando meu nome”. (PIZAN, 2012, p. 320)

Assim, a personagem Christine, que carrega o tão glorificado nome e eleito para ser a filha bem-amada de Cristo, carregando, inclusive, o nome de seu Senhor, não só foi escolhida por Jesus Cristo para ser a representação de uma grande virtude, como também foi escolhida pelas Damas para a edificação da Cidade ideal. Além disso, ao colocar essa passagem tão bem detalhada, Dama Justiça afirma, cada vez mais, o poder de Cristo perante todas as outras crenças, para valorizá-lo ainda mais como Senhor soberano e representante das mais altivas qualidades.

Que Deus seja louvado, minhas veneráveis Damas! Pois, nossa cidade está aqui construída e perfeita, na qual, com grande honra, todas vocês, que amam a glória, a virtude e a notoriedade, poderão hospedar-se; pois ela foi fundada e construída para todas as mulheres honradas – as do passado, as do presente e as do futuro. Minhas caríssimas damas, é natural que o coração humano se alegre quando ele sai vitorioso de alguma agressão e que tenha conseguido confundir seus inimigos. A partir de agora, minhas damas, tereis do que se alegrar, de modo honesto, sem ofender Deus, ao ver terminada essa Cidade que poderá ser, se a conservardes bem, não só um refúgio para vós todas, senhoras de virtude, mas uma fortaleza para vos defender dos ataques de vossos inimigos. (PIZAN, 2012, p. 338)

Ao final da construção, a voz é repassada à Christine para que ela fale perante todas as damas da Cidade. Agora, essa dama, inicialmente calada perante os juízos de valores lançados contra as virtudes das mulheres, consegue falar para com autoridade para todas aquelas selecionadas por suas qualidades para ingressarem no campo fértil e

puro do conhecimento. Ocorre, aqui, portanto, uma inversão de papéis em dois sentidos: num primeiro significado, podemos atribuir essa inversão à qualidade inicial de Christine como ouvinte que, ao longo do texto, vai modificando a partir do momento em que ela ilumina seus pensamentos acerca das verdades ditas pelas Damas e, ao final, coloca-se na posição da dama que fala perante todas sobre aqueles argumentos proferidos por suas mestras. Num segundo momento, a inversão ocorre na tomada na própria escolha das damas que povoarão a Cidade: ao mesmo tempo em que as mulheres, principalmente as Damas Celestiais e Christine que são responsáveis pela edificação da Cidade, tentam se proteger dos homens que a repeliram da participação social, construindo um mau estereótipo sobre elas, há a apropriação desse mesmo discurso quando se constrói a Cidade. Isso será tratado, com mais detalhe, ao longo do segundo tópico. Como um Livro Sagrado, *A Cidade das Damas* é o maior tratado de *Espelho de Dama* e o primeiro dentro dessa Cidade ideal, o que, como as Escrituras Sagradas, deverá ser seguido para manter a paz, a harmonia e a ordem tanto presadas pelos dizeres divinos de Cristo. “Aqui, termina a terceira e última parte do Livro A Cidade Das Damas” (PIZAN, 2012, AP. 341).

3.2 – O PARADOXO DA CIDADE: O RECHAÇO DAS MULHERES IMPERFEITAS E A REPRODUÇÃO DO DISCURSO REPELIDO

As divisões sociais eram bem recorrentes na Idade Média, principalmente pelo poder estar veiculado à Igreja e aos nobres. Além disso, até mesmo os tratados de paz que tentaram estabelecer para acabar com os duelos de cavalaria, em que se assistia a uma população vociferante e clamando pelos massacres, dividiam as pessoas que seriam “salvas” dessas violências. Nas palavras de Georges Duby, citando partes do tratado chamado “a paz de Deus”,

Se não quiserdes ser condenados, prestai juramento, engajai-vos, perante Deus e por vossa alma, a respeitar algumas proibições. Podei matar-vos entre vós, mas não mais deveis, doravante, brigar nos arredores das igrejas, locais de asilo onde qualquer um pode refugiar-se. Não podereis brigar em determinados dias da semana, em memória à Paixão de Cristo. Nada de guerra na sexta-feira, portanto, nem no domingo. Além disso, não deveis atacar as mulheres, não as nobres, em todo o caso, nem os comerciantes, os padres e os monges”. (DUBY, 1999, p. 102)

A separação entre aqueles importantes para o desenvolvimento e estruturação social e aqueles considerados meros figurantes em uma sociedade extremamente

segmentada era nítida. A demasiada preocupação, principalmente com nobres, religiosos e comerciantes fazia com que o interesse pelos outros habitantes da sociedade ficasse cada vez mais escasso. Não era diferente, portanto, com as mulheres: consideradas, assim como já bastante discutido, seres inferiores física e intelectualmente, as mulheres ocupavam um lugar de rechaço na sociedade, quando muito, serviam para os serviços manuais, pelo zelo, pela casa e pela dedicação ao marido e aos filhos. Alguma parcela feminina bastante restrita da sociedade tinha mais amplo acesso aos estudos, o que, geralmente, acontecia com filhas de nobres e estudiosos. É nessa parte social em que se encontra Christine de Pizan, a qual fez dos estudos seu ofício.

Com o reinado de Carlos V, porém, as mulheres começaram a ter mais acesso às áreas do conhecimento, justamente pela modificação da sociedade com a criação dos tratados de organização social, com as grandes bibliotecas levadas para a França e com os cargos dentro dos reinos que foram instituídos para auxiliar o monarca em seu governo. É dentro dessa sociedade, então, que se estabelecem com mais formalidade, por causa dos vários escritos, as posições sociais ocupadas pelos indivíduos. “A civilização do Ocidente medieval é profundamente, intimamente, marcada pela noção de *Criação*. Os homens e as mulheres da Idade Média creem no Deus do *Gênesis*. O mundo e a humanidade existem, por Deus quis assim” (LE GOFF, 2012, p. 125), mas, a partir dessa ampliação do conhecimento e do rompimento com alguns preceitos da Igreja, que se colocava como instituição suprema na sociedade, homens e mulheres querem saber mais e se aproximar mais de um pensamento que suprisse os seus questionamentos, os quais não mais aceitavam, apenas, o que lhes era dito. Assim, o raciocínio se torna mais crítico, “não se fica na simples repetição da Bíblia, que é analisada como uma fonte ‘incontestável’ de dados” (LE GOFF, 2012, p. 126).

Transpondo essa ideia, particularmente, para a situação feminina, é preciso, antes, destacar seu papel dentro do Medieval. A mulher era vista como um adorno social e elemento pouco participativo, já que o patriarcado se incumbia de governar a sociedade da maneira como lhes era conveniente. Assim, não só os tratados sobre a conduta dos indivíduos eram escritos para educarem as pessoas de acordo com as normas sociais, a arte como um todo veiculava essas condutas, fossem elas na pintura ou na literatura. A sociedade dominante, então, proporcionava aos indivíduos do Medieval as imagens exemplares que eles deveriam seguir para que houvesse a harmonia – de acordo com aqueles criadores das regras, é claro.

(...) os romances, as canções, os contos satíricos, tinham a função de ensinar. Não se preocupavam em descrever o que existia, tiravam da experiência cotidiana, e sem se proibirem de retificá-la, elementos que proporcionassem uma lição moral. Afirmando o que se devia saber ou acreditar, buscavam impor um conjunto de imagens exemplares. Afinal, da mesma forma que a escultura ou a pintura, também a literatura do século XII não é a realista. Ela representa o que a sociedade quer e deve ser. Reconstituir um sistema de valores, eis tudo o que me é possível fazer a partir dessas palavras proferidas, repito, em voz alta e inteligível. E reconhecer nesse sistema o lugar designado às damas pelo poder masculino. (DUBY, 1995, p. 11)

Georges Duby, em sua obra *Heloísa, Isolda e outras damas no século XII*, apesar de enfatizar a participação das mulheres da Idade Média do século XII, nos faz pensar no Medievo em que estava inserida Christine de Pizan, pois, da mesma forma como a educação era o espelho e o exemplo daquilo que era estabelecido e aceito como verdade, ela continua sendo no século XV, mas agora com questionamentos que serão decisivos para a revisão de textos e tratados, assim como fez Pizan em seu texto aqui estudado. As obras contemplavam a memória que se deveria marmorizar na sociedade: aqueles que tinham mais voz falavam e estereotipavam os que não tinham, e assim ocorreu para o enfraquecimento da mulher na sociedade. Aqueles, portanto, que tinham mais poder dentro desse contexto, questionavam mais e se colocavam no direito, a partir desse pensamento crítico, de estabelecer normas e regras. É o que acontece, então, na relação do masculino e do feminino: aquele, já bem posicionado em uma sociedade que pressupunha o patriarcado como convenção política e social, instituíra o que lhe era conveniente para manter seu domínio, já que é somente a partir do momento em que se tem um ser inferiorizado que surge a relação do maior poder sobre o menor.

Os homens daqui de baixo têm outra medida, que eles dizem ser no mesmo modelo que a minha, mas eles se enganam. De vez em quando eles fazem menção a mim em seus julgamentos, mas a medida deles, para uns generosa demais e para outros demasiadamente magra, nunca é justa. Poderia ficar conversando por muito tempo sobre particularidades do meu dever, mas para resumir, tenho um status especial entre as virtudes. Todas, aliás, referem-se a mim. E nós três, que aqui estamos, somos, digamos assim, uma só, na medida em que não conseguimos nada uma sem a outra. (PIZAN, 2012, p. 71)

A importância em voltarmos à análise da posição feminina é essencial para entendermos o que foi mencionado no tópico anterior sobre a reprodução do discurso patriarcal repellido pelas mulheres. As damas da sociedade se encontravam, então, em lugares de submissão e obediência, o que, substancialmente, empoderava cada vez mais os homens, de modo que aqueles que recebiam esse poder, *grosso modo*, coisificavam as mulheres a ponto de, muitas vezes, serem consideradas como pessoas supérfluas para a sociedade. Como comentou Duby anteriormente: poderiam preservar as nobres mulheres, as outras não teriam importância para serem protegidas.

Dama Justiça, na passagem citada, critica o uso inadequado de seu nome pelos homens, já que eles acreditam fazer justiça quando valorizam mais uns e desmerecem outros diante de critérios bastante questionáveis. O que faz Justiça nessa Cidade é reestabelecer esses valores para que eles possam realmente ser um bom significado para as virtudes representadas pelas Damas. Porém, assim como o feio e o mau também são pertencentes à Idade Média e julgados como necessários para se reconhecer o bonito e o bom, as Damas e Christine precisam de um contrapeso para mostrar ao leitor os motivos que levam as mulheres escolhidas a serem ideias para a sociedade. Assim, ressaltando os vícios daquelas que não entrarão no espaço ideal e dos homens que maldizem as mulheres, o papel de superioridade se inverte, colocando, agora, as damas selecionadas nesse posto anteriormente rechaçado e criticado por pertencer aos poderes patriarcais.

Nesse sentido, proteger-se daquele “inimigo” que sustentava a submissão das mulheres e disso se aproveitava para construir seu valor era essencial para a sobrevivência da parcela feminina na sociedade. E não dizemos aqui “sobrevivência” como somente existir dentro de um contexto, mas sim ser participante e ativo nele, de modo que as atividades femininas fossem notadas e, se dignas disso, valorizadas. A análise desse tópico se sustenta, então, na organização de um espaço em que essas mulheres fossem protegidas e, nele, tivessem permissão para discursar, pensar e agir em meio a uma sociedade que não as julgaria somente por serem mulheres; em uma sociedade que presaria pelos valores para que eles norteassem a vida no convívio, e não em uma mera separação entre gênero masculino ou feminino. Porém, para que elas realmente ficassem resguardadas e precavidas quanto à atuação masculina, o radical afastamento dos homens de *A Cidade das Damas* foi o caminho mais seguro a ser seguido. Quando Pizan, entretanto, constrói a organização do tratado da obra assim como os *Espelhos do Príncipe* foram construídos, ela entra em um paradoxo que revelará, ao final da edificação da obra, a reprodução do discurso que as Damas e Christine, principais personagens do texto, tentaram repelir ao elaborarem a Cidade.

As Damas, ao longo da narrativa, sempre argumentam sobre a posição das mulheres na sociedade, a maioria delas representando as mais belas virtudes consideradas adequadas pelos mandamentos divinos, e mostram que a infâmia das damas não existia por causa de atitudes ignóbeis por elas tomadas, mas sim por aqueles que proferiram palavras de submissão a elas, fossem em livros ou oralmente, e que enraizaram em uma sociedade e vulgarização o feminino. Porém, organizar uma Cidade em que somente as virtudes por elas escolhidas, ainda que representassem o poder

divino, pudessem fazer parte, simboliza o afastamento daquelas mulheres que não foram agraciadas por esses valores. Ora, da mesma forma que os homens, no espaço terreno, escolheram a parcela social que era importante para a paz e harmonia pelas quais eles primavam, as Damas fizeram o mesmo, agora no espaço ideal, ao selecionarem aquelas que também poderiam fazer da Cidade um lugar em que o equilíbrio fosse alcançado (de acordo com aquilo que elas considerassem correto). A questão, logo, seria baseada na perspectiva – um tanto subjetiva – do que era ou não considerado virtuoso nesses dois espaços. O que aconteceria, pois, com aquelas mulheres que não se encaixavam em nenhum dos dois planos? Elas inexistiam para a construção da sociedade? Não queremos, porém, destituir a obra de Pizan quanto ao seu grandioso feito, já que, mesmo apropriando-se, em partes, do discurso daquele que fez da mulher submissa, a autora cria um mundo de valores em que não há a apreciação e entendimento dos conhecimentos somente de uma das partes, em que a mulher é tratada pelas qualidades que apresenta e não pela sua posição social (nobre, casada, por exemplo). Diferente do território do Medieval, portanto, Pizan propõe que, aqueles dignos de serem memorizados por suas filosofias, pensamentos e importâncias cedidas às artes e às ciências, independentemente de serem homens ou mulheres, sejam lembrados por todos para que se construa um lugar ideal para se viver. Assim, diferente do que é pregado pelo discurso masculino, a voz de Pizan é lançada com mais equilíbrio entre as partes e ponderação no que diz respeito à escolha do que pode ou não ser repellido.

CONCLUSÃO

A edificação da Cidade, simbolizando o império para a proteção das mulheres, portanto, é a base para que novos pensamentos sejam transmitidos à sociedade e com o intuito de que os leitores possam ter a oportunidade de observar um diferente ponto de vista daquele instituído pela sociedade patriarcal, além de desconstruir, frente aos olhos contemporâneos, uma única história de mulheres do Medievo marmorizada por um discurso patriarcal. As vozes, as filosofias, os conselhos, as adversativas, as argumentações e todos os conhecimentos espalhados ao longo dos capítulos demonstram o vasto saber que a autora, Christine de Pizan, detém para edificar seus escritos e a autoria com a qual ela se propôs a escrever uma obra que, perspicaz e audaciosamente, invalidava alguns e reinterpretava outros dizeres masculinos acerca da condição feminina na sociedade. Assim como as Damas dentro do livro fizeram a leitora Christine configurar um novo pensamento sobre o que estava ao alcance de seus olhos, coube-nos a responsabilidade de, tomando o lugar de Christine, compreender pensamentos instituídos ao longo da obra e reanalisar diversos outros que constituíam o Medievo, tanto dentro da arte quanto dentro da história e da política.

Nesse ponto de vista, podemos verificar que Christine de Pizan, com essa obra, apreende a realidade de maneira que a Cidade ideal, apesar de construída no campo das ideias e apresentar seres celestes, seja uma reconstituição dos tratados escritos elaborados que pregavam o comportamento dos indivíduos. Pizan, portanto, não se atem a, exclusivamente, construir um livro de vícios e virtudes. Ela vai muito além: comprova ao leitor os motivos pelos quais alguns atos são considerados virtuosos ou não e, conseqüentemente, ao não estabelecer regras rígidas e dar espaço para um segundo olhar, a autora também se coloca em uma posição passível de críticas. A sua autoridade, porém, é tamanha que, mesmo sendo uma mulher dentro do Medievo, tem suporte teórico e crítico suficiente para argumentar de maneira clara e consistente, ainda sabendo que deu espaço ao próprio leitor para ser avaliada. Dizemos isso, pois é importante para a configuração da autoria de Christine de Pizan: enquanto a sociedade patriarcal, em sua maioria, elaborava seus escritos de maneira que eles fossem incontestáveis e controlando a voz que os proferia, Pizan elabora a linguagem de maneira que o outro tenha oportunidade em ter essa voz e possa, com ela, expressar um pensamento antes reprimido pelo discurso varonil.

As passagens de tomada de consciência apresentadas no texto, desde a cegueira em que se encontrava Christine até o diálogo com as Damas para que ela saísse desse espaço de sombras onde se encontrava, alegorizam a necessidade de o indivíduo, calado por difamadores, assumir uma posição em que virtudes como coragem e fé se instalam para calarem todos aqueles que proferiram infâmias. Pizan, construindo uma Cidade com o intuito de que imperem a Razão, a Retidão e a Justiça, mostra a falta dessas virtudes dentro da sociedade da Idade Média, criticando também a maneira como os seres humanos modificam esses valores divinos de modo egoísta, prezando pelo bem individual e não pelo bem comum, o que seria ideal de acordo com os mandamentos das Sagradas Escrituras.

A atitude determinada de Pizan ao escrever a obra é também revelada dentro de seu texto com a edificação do espaço ideal: com a mesma determinação com que as Damas e Christine constroem, incansavelmente, a Cidade, Christine de Pizan é decisiva ao tirar da submissão as figuras femininas que tanto foram importantes para a construção da história. Com o intuito, portanto, de ressaltar a escrita de Pizan, nosso trabalho atentou, principalmente, para a voz atribuída ao outro e como ela é elaborada, de maneira que não se assemelhe a um discurso arrogante, em que impera a falta de bom senso. É dessa maneira, elaborando um império para a inclusão daquelas que estavam à margem do conhecimento e da participação social, que Christine de Pizan se propõe a contar histórias de mulheres imersas em séculos de discursos responsáveis por sua submissão no cenário do patriarcalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, R. F. S. de. Os poderes na França. *Os Espelhos de Príncipes* e suas construções sobre a importância régia nos séculos finais do medievo francês. Brasília: PPGHIS/UnB, n. XXIV, jul. 2014. ISSN 2316-1191. <https://doi.org/10.26512/emtempos.v0i24.14831>
- BAIDER, F. Christine de Pizan: femme de lettres, femme de mots. In: *Christine de Pizan. Une femme de Science, une femme de lettres*. Avec la collab. De RIBÉMONT, B. (Dir.). Paris: Honoré Champion Éditeur, 2008, p. 271-288.
- BEZERRA, K. C. *Vozes em dissonância: Mulheres, memória e nação*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2007. 255p.
- BOCCACCIO, Giovanni. *Decamerão*. Trad. de Raul de Polillo. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- CURTIUS, E. R. *Literatura Europeia e Idade Média Latina*. Tradução de Teodoro Cabral (com colaboração de Paulo Rónai). 3. ed. São Paulo: Edusp, 2013. 808p.
- DUBY, G. (Org.). *Ano 1000 ano 2000 na pista de nossos medos*. Tradução de Eugenio Michel da Silva. São Paulo: Ed. Unesp, 1999. 147p.
- DUBY, G. *Heloísa, Isolda e outras damas no século XII: uma investigação*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 125p.
- DUBY, G., BARTHÉLEMY, D., LA ROCIÈRE, C. de. “Quadros”. Georges Duby (Org.). *História da vida privada: da Europa Feudal à Renascença*. Tradução de Maria Lúcia Machado. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, 675p.
- DUBY, G.; PERROT, M. (Org.). *História das Mulheres no Ocidente: A Antiguidade*. Vol. I. Porto: Afrontamento, 1993. 632p.
- ECO, U. *Arte e Beleza na Estética Medieval*. Tradução de Mario Sabino. Rio de Janeiro: Record, 2010. 351p.
- GODOY, G. S.; TABAK, F. M. Bruxas e Princesas na memória: representações do feminino em *Histoire ou contes du temps passé*. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*. Bahia: UESB. v. VII, n. XXVII, p. 73-92, out./dez. 2008. <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/76/0>
- LAURENZI, E. *Christine de Pizan: ¿Una feminista ante litteram?* Università di Firenze: Lectora. ISSN: 1136-5781 D.L. 395-1995, p. 301-314.
- LE GOFF, J.; SCHMITT, J. *Dicionário temático do ocidente medieval*. 2v. Coordenador da tradução: Hilário Franco Júnior. São Paulo, Bauru: Edusc, 2006.
- LE GOFF, J. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Tradução de José Rivair Macedo. São Paulo, Bauru: Edusc, 2005. 400p.

LE GOFF, J. *Uma Breve História da Europa*. Tradução de Maria Idalina Ferreira Lopes. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 166p.

LE GOFF, J. *Em Busca da Idade Média*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012. 222p.

LEITE, L. *Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação*. Tese (doutorado em Letras). São Paulo: USP, 2008, 226p.
<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-14042009-152149/pt-br.php>

LEMARCHAND, M. J. Introducción in: PIZÁZ, Cristina. *La Ciudad de las Damas*. Madrid: Siruela, 2001. P. 11-59.

MENESES, A. B. de. *O Sonho e a Literatura: Mundo Grego*.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642000000200012

HAUSER, A. *Historia Social de la Literatura y el Arte*. 3ª ed. Madrid: Guadarrama, 1964. 528p.

PIZAN, C. *A Cidade das Damas*. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Florianópolis: Mulheres, 2012. 352p.
<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7590>

REIX, D. Christine de Pizan et l'écriture de l'allégorisation. In: *Christine de Pizan. Une femme de Science, une femme de lettres*. Études réunies par DOR, J., HENNEAU, M. E., avec la collab. De RIBÉMONT, B. (Dir.). Paris: Honoré Champion Éditeur, 2008.

SOUZA, D. S. de. *A Cidade das Damas e seu Tesouro: o ideal de feminilidade para Cristina de Pizán na França do início do século XV*. Curitiba: UFPR, 2013, 141p.
<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/29997>

WUENSCH, A. M. O quê Christine de Pizan nos faz pensar. In: *Revista Graphos*, n. 15, 2013. <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewFile/16315/9344>

ZUMTHOR, P. *A Letra e a Voz*. Tradução de Amálio Pinheiro (Parte I) e Jerusa Pires Ferreira (Parte II). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, P. *Essai de poétique médiévale*. Paris, Seuil: Essais, 2000. 619p.

ZUMTHOR, P. *Falando de Idade Média*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Perspectiva, 2009. 142p.

ZUMTHOR, P. *Histoire Littéraire de la France Médiévale: VI^e-XIV^e siècles*. Paris: Presses Universitaires de France, 1954. 344p.